



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Thiago Silva dos Santos

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**MANAUS**

**2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**UM ESTUDO INTERCULTURAL SOBRE SENTIDOS DE FEMINILIDADES  
NO BAIRRO DE PURAQUEQUARA/AM.**

Bolsista (CAPES): Thiago Silva dos Santos

Orientadora: Profa. Dra. Iolete Ribeiro da Silva

**MANAUS**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S237u Santos, Thiago Silva dos  
Um estudo intercultural sobre sentidos de feminilidades no bairro de Puraquequara/AM / Thiago Silva dos Santos. 2016  
98 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Iolete Ribeiro da Silva  
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Feminilidades. 2. Interculturalidade. 3. Construção de Gênero.  
4. Psicologia Histórico-cultural. I. Silva, Iolete Ribeiro da II.  
Universidade Federal do Amazonas III. Título

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**

A dissertação de Mestrado: Um estudo intercultural sobre sentidos de feminilidades no Bairro de Puraquequara/AM

Elaborado por: Thiago Silva dos Santos

Foi avaliado pela Comissão Examinadora do candidato como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia.

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Iolete Ribeiro da Silva  
Presidente

---

Profa. Dra. Lídia Rochedo Ferraz – Faculdade de Psicologia - Universidade Federal do Amazonas

Avaliadora Interna

---

Profa. Dra. Socorro de Fátima Moraes Nina – Universidade do Estado do Amazonas

Avaliadora Externa

Manaus-AM, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## RESUMO

O presente trabalho busca compreender os sentidos de feminilidades a partir de um estudo intercultural realizado no bairro de Puraquequara, no município de Manaus/AM. Tive como objetivo geral: compreender os sentidos de feminilidade produzidos pelas moradoras do bairro Puraquequara e analisar como a interculturalidade contribui para construção desses sentidos e, objetivos específicos: Identificar os sentidos de feminilidade construídos pelas moradoras; compreender como as feminilidades são vivenciadas e estruturadas pela cultura local; analisar os aspectos interculturais na construção das feminilidades locais. A escolha do local de pesquisa se deve ao intenso processo cultural que a região amazônica passou, o qual configurou uma sociedade multicultural, influenciando diretamente na produção singular de sentidos de feminilidade. Buscou-se construir um pensamento sobre os sentidos e os aspectos culturais e interculturais apresentados, olhando sempre para o contexto que a mulher estava inserida. Trago neste trabalho as marcas das práticas sociais, históricas, culturais e de luta que as mulheres vivenciaram e vivenciam no bairro de Puraquequara. Contudo, ressalto que as construções não são lineares e se reconfiguram a partir do momento em que a mulher se insere em um grupo social ou cultural. Dessa maneira, me afasto de uma perspectiva uniforme, universalizante ou binária da constituição dos sujeitos. Para refletir sobre os aspectos citados, me baseei sob a Teoria Histórico-Cultural desenvolvida por Lev S. Vigotsky, o qual compreende o sujeito como um ser histórico-social e cultural, constrói e é construído pelas relações, sendo portanto, um ser relacional. A metodologia utilizada na pesquisa se baseia em histórias de vida de cinco mulheres. Foram realizadas seis entrevistas, mas para análise foram utilizadas cinco, através do critério de saturação empírica. Os dados foram analisados a partir da identificação dos Núcleos de Significação, técnica proposta por Aguiar e Ozella (2001). Utilizamos a linguagem como principal instrumento para compreensão da produção de significado das entrevistadas. Os sentidos produzidos sobre feminilidade envolvem um processo complexo e atemporal, não há linearidade. Utilizaram do seu poder de agência para se empoderarem frente aos contextos culturais marcados pela falta de acesso e de estruturação do bairro que moram. Construíram e foram construídas pelas relações e práticas sociais, bem como atravessamentos interculturais que fomentaram seu poder de agência.

**Palavras-chave:** Histórico-cultural; Cultura; Intercultural; Sentidos; Feminilidades; Amazonas;

## **ABSTRACT**

This study seeks to understand the meanings of femininities from a cross-cultural study in Puraquequara neighborhood in the city of Manaus / AM. I had as a general objective: to understand the femininity of meanings produced by the residents of the neighborhood Puraquequara and analyze how interculturalism contributes to construction of sense and specifically: Identify the femininity of meanings built by the residents; Understanding how femininities are experienced and structured by the local culture; Analyze intercultural aspects in the local femininities construction. With this, the choice of site survey is due to the intense cultural process that the Amazon region has passed, which set up a multicultural society, directly influencing the natural production of femininity senses. He sought to build a thought about the meanings and cultural and intercultural aspects presented, always looking at the context that the woman was inserted. I bring this work the mark of social practices, historical, cultural and struggle that women have experienced and experience in Puraquequara neighborhood. However, I emphasize that the buildings are not linear, are timeless and are reconfigured from the time the woman is part of a social or cultural group. In this way, move away from a uniform perspective, universalizing or binary constitution of subjects. To reflect on the above aspects, I have relied on the Historical-Cultural perspective developed by Lev Vygotsky, which comprises the subject as a historical being, social and cultural, which builds and is built by relationships a relational being. The methodology used in the research is based on life stories of five women. six interviews were conducted, but for analysis were five used by the empirical saturation criterion. Data were analyzed from the identification of Significance Cores, a technique proposed by Aguiar and Ozella (2001). We use the language as the main tool for understanding the meaning of the interviewees production. The meanings produced about femininity involve a complex process and timeless, there is no linearity. They used his power agency to empoderarem front of the cultural contexts marked by a lack of access and structuring of neighborhood living. They built and were built by social relations and practices, as well as interculturalidades crossings that fomented its power agency.

**Keywords:** Cultural- Historical; Culture; Intercultural; Sense; Femininities; Amazons;

**LISTA DE ANEXOS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

INSTRUMENTO DE PESQUISA

TERMO DE CONCORDÂNCIA ASSINADO PELA INSTITUIÇÃO

TERMO DE ACEITE DO COMITÊ DE ÉTICA

**LISTA DE SIGLAS**

FPMM - Fórum Permanente das Mulheres de Manaus

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus que sempre me cobriu com seu Manto protetor, dando força para enfrentar todos os desafios da vida e a oportunidade de aprender todos os dias. Agradeço aos meus amigos e familiares que me apoiaram e incentivaram desde o início do curso de Psicologia que, através de suas ajudas, pude aprender e capacitar-me para ser um profissional ético e dedicado naquilo que faço.

Agradeço imensamente à minha mãe Aldenora Silva que sempre batalhou e se sacrificou em sua vida para que pudesse proporcionar uma educação digna para todos os seus filhos. Obrigado mãe! Por ter me ensinado a observar a vida de uma maneira simples, rica, singela e por toda dedicação e transformação que a senhora possibilitou em minha vida, muito obrigado! Agradeço também aos meus irmãos Daniel e Danilo que sempre estiveram comigo nas mais diversas jornadas, apoiando da maneira como puderam.

Agradeço à minha avó Maria Francisca que me ensinou que não necessitamos de uma titulação ou condecorações para sermos pessoas sábias e honestas, obrigado por ter sido a minha segunda mãe e por todo carinho e dedicação em minha criação. Agradeço também ao meu avô Pedro Leonardo que hoje não está conosco neste plano, mas que sempre olha por todos nós, obrigado meu avô e pai por ter me ensinado a ser um ser humano bom e por ter sido um espelho de ética.

Agradeço à minha esposa Fabiane Aguiar que sempre esteve e está ao meu lado em todas as ocasiões e circunstâncias, a qual admiro imensamente pela mulher que é. Muito obrigado por ser essa pessoa maravilhosa que despertou o melhor que tenho, me incentivando nos estudos e ajudando a me tornar uma pessoa cada dia melhor.

Em especial, agradeço a Prof. Iolete Silva, que esteve comigo na primeira caminhada na iniciação científica, a qual sou grato por ter trabalhado. Admiro imensamente a luta e o trabalho que a Prof. Iolete desenvolve, assim como a paciência que tem em orientar e ajudar a todos que lhe procuram. Assim, espero que esse trabalho seja apenas mais um de muitos.

Agradeço também ao Sr. Elton Souza, a Sra. Cristina Souza e a Prof. Lídia Ferraz, os quais foram intermediadores muito importantes para a realização da pesquisa. Muito obrigado pelo suporte.

Agradeço aos grandes amigos que fiz no mestrado que aprendi a admirar, a respeitar e a querer estar ao lado para trabalhar e estudar. Amigos estes que levarei por toda minha vida pessoal e profissional. Por fim, muito obrigado a todos os meus familiares, amigos e professores que me ajudaram durante toda a minha formação.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
1.1 Contextos históricos do Amazonas: breve revisão.....	16
1.2 Psicologia Histórico-cultural: Proposta epistemológica e origem.....	21
1.3 A construção de Gênero e Feminilidade na perspectiva Histórico-cultural.....	26
1.4 Construção histórica de gênero no Contexto Amazônico.....	29
1.5 Cultura e Interculturalidade.....	34
2. METODOLOGIA .....	39
2.1 Tipo de Pesquisa .....	39
2.2 Campo de Pesquisa .....	39
2.3 Participantes da Pesquisa.....	43
2.4 Critérios de Inclusão e Exclusão dos participantes da pesquisa na amostra.....	44
2.5. Instrumentos.....	44
2.5.1 Entrevista sobre História de Vida.....	44
2.6 Procedimentos de coleta de dados.....	45
2.7 Análise dos dados.....	46
2.8 Análise de riscos e benefícios.....	48
2.9. Pedidos de autorização junto à instituição.....	48
2.10. Aspectos Éticos da Pesquisa.....	49
3. CONTRUÇÃO DAS HISTÓRIAS DE VIDA.....	50
3.1 Martha - <i>“prefiro assistir qualquer jogo de futebol do que assistir essas novela”</i> . .....	50
3.2 Zilda - <i>“ao lado de grande homem há uma grande mulher e o homem não manda mais no seu corpo”</i> . .....	52
3.3 Bertha – <i>“eu gosto de trabalhar de comunidade, voluntária, mas a gente não consegue sozinha, é difícil a gente conseguir hoje pessoas [...] meu marido dizia assim, “tu é muito besta, só trabalha...”, mas é por que é uma coisa que eu gosto, desde os meus dez anos eu trabalho”</i> .....	56
3.4 Elza – <i>“Aí, pô, quando eu entrei em crise eu não tinha dinheiro nem pra pagar passagem pra ir pro médico eu nunca fui de ficar pedindo as coisas dos outros né,</i>	

nunca fui de ficar me lamentando, né. Eu enfrentava tudo. Quando bateu a crise, como não tinha dinheiro, tinha vez que eu ia a pé" .....	59
3.5 Quitéria - “Sou filha do Puraquequara” .....	62
3.6. DISCUSSÃO .....	64
3.7 Poder de Agência – Elementos empoderadores.....	64
3.7.1 Casamento como estratégia de enfrentamento.....	67
3.7.2 Trabalho como elemento empoderador .....	69
3.8 Atravessamentos empoderadores: a interculturalidade na construção das feminilidades.....	72
3.8.1 Processo Migratório como esperança de uma vida melhor.....	72
3.8.2 Cultura marcada pela exclusão.....	74
3.8.3. Construção Intercultural das Feminilidades .....	77
3.8.4. Influência das Missões Católicas .....	79
3.9 Construção dos Sentidos de feminilidade: As Feminilidades.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS .....	90
ANEXOS .....	95
ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	96
ANEXO B - INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	97
ANEXO C - TERMO DE CONCORDÂNCIA ASSINADO.....	98

## INTRODUÇÃO

A temática sobre gênero, nos dias de hoje, tem ganhado cada vez mais espaço no campo social, político, econômico, educacional. Muitos grupos têm lutado e fomentado discussões para que o gênero não seja uma temática secundária. Os estudos de gênero têm contribuído para a reconstrução de compreensões relacionadas às questões de gênero. Militantes feministas também tem realizado uma incidência política buscando desconstruir as concepções deterministas, sexistas, binárias, que por muito tempo ditaram modos de “ser” e de se “relacionar” entre os sujeitos. É nesse contexto que o presente trabalho se constrói. Demarcamos nosso interesse e compromisso com a desconstrução da cultura do machismo e sexismo e com ressignificação do significado e do lugar social do feminino dentro do contexto Amazônico, dadas as implicações históricas e culturais na própria construção de sentidos de feminilidade.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender os sentidos de feminilidade produzidos pelas moradoras do bairro Puraquequara e analisar como a interculturalidade contribui para construção desses sentidos e, objetivos específicos: identificar os sentidos de feminilidade construída pelas moradoras; compreender como as feminilidades são vivenciadas e estruturadas pela cultura local; analisar os aspectos interculturais na construção das feminilidades locais.

Diante disto, para que fosse possível compreender e refletir sobre os sentidos construídos pelas mulheres, a pesquisa embasou-se na Teoria Histórica-Cultural. Tal perspectiva é uma vertente epistemológica da Psicologia, postulada por Lev S. Vigotsky, cujas proposições ligadas ao conhecimento do sujeito e de sua construção subjetiva estão guiadas pela concepção materialista dialética, propondo também uma visão de desenvolvimento humano, destacando o caráter inseparável das atividades e relações sociais e culturais.

Um dos princípios desta abordagem é a atividade como unidade de análise dos processos psicológicos, o que se justifica na medida em que focaliza os sujeitos e o

ambiente em que estão inseridos. Assim, o que os sujeitos realizam no mundo, têm significado em um determinado contexto social e cultural. Desta maneira, a ação do sujeito, quando não inserida dentro de um sistema cultural de atividade, passa a ficar destituída de significado. Portanto, entende-se na perspectiva histórica-cultural que toda atividade humana é dotada de um sistema de significação, a qual é continuamente construída, transformada e re-transformada pelo próprio grupo cultural. (ROGOFF, 1995; OLIVEIRA, 1993)

Para Vigotsky (1988) o ser humano pode ser compreendido como um ser histórico-social e cultural em constante construção, sendo moldado pela cultura que ele próprio cria. É um ser que se constitui a partir de suas interações sociais, pela relação com o outro por meio da linguagem. A ideia de sujeito neste trabalho está ligada ao caráter ativo, onde transforma e é transformado pelas relações e contextos que estiverem inseridos.

Entende-se então, o homem<sup>1</sup> como um ser histórico, cultural e social, sendo este transformado pela cultura que ele próprio cria. Sendo assim, o homem é resultante das relações que estabelece e, como é constituído na relação constitutiva eu-outro, numa relação dialética. Portanto, “ser” prediz “relacionar”. (VIGOTSKY, 1996; MOLON, 1995)

Para Geertz (2008, p.33) “um dos fatos mais significativos a nosso respeito pode ser, que todos nós começamos com o equipamento natural para viver milhares de espécies de vida, mas terminamos por viver apenas uma espécie”. Nesse sentido, é extraordinariamente difícil traçar um caminho linear, natural ou universal, sobre a constituição do sujeito, e o que é convencional, local e variável

Dessa maneira, me afasto da perspectiva uniforme da natureza do sujeito. Assim, a dissertação pode contribuir para discussão sobre a diversidade de costumes no tempo-espaço, posto que não se trata simplesmente ou somente de uma questão de indumentária ou de aparência, de cenários ou de máscaras, mas também de alimentar a ideia de que a humanidade pode ser tão variada em sua essência como em sua expressão.

O presente trabalho carrega reflexões sobre a construção das feminilidades a partir do contexto histórico, ressaltando a importância do contexto cultural que as mulheres participantes da pesquisa estão inseridas. Pensar sobre cultura e

---

<sup>1</sup> Refiro-me à Homem por questões teóricas, porém durante a produção textual, utilizei o termo sujeito.

interculturalidade na construção das feminilidades, envolve uma complexidade de nuances históricos, mas que podem ser observados como produtos coletivos da vida humana e do processo social.

Seguindo este pensamento, Laraia (2009) coloca que a cultura é como se fosse uma lente através da qual o sujeito vê e percebe o mundo, assim, sujeitos de culturas diferentes usam lentes diversas, logo, têm visões e percepções desconstruídas das coisas. Dessa maneira, parto do entendimento da cultura como um processo social, a qual dialeticamente influencia e é influenciada por outros aspectos como classe, gênero, política, religião, etnia, economia, entre outros que, no final, se desdobram formando outras culturas, construindo aspectos interculturais e produzindo sentidos de feminilidades singulares.

São nesses desdobramentos que chego ao contexto amazônico. O contexto Amazônico tem, em sua origem, uma variedade de contribuições históricas, pela interação das diversas culturas que participaram da construção dessa sociedade - aspectos esses que irei desdobrar no decorrer do trabalho. Com isto, a diversidade cultural é um grande tesouro que temos, não só no Amazonas, mas em toda sociedade brasileira que, hoje inserida no processo de globalização e conseqüentemente mergulhada em um sistema capitalista, mas que também carrega traços de uma multiculturalidade.

Esta pesquisa foi realizada no bairro de Puraquequara, localizado na zona leste do município de Manaus do Estado do Amazonas. A escolha do local de estudo se baseou na rica constituição histórica, nas marcas de lutas, nos aspectos culturais únicos que o bairro possui, assim como todos os moradores daquela região. A sociedade amazonense é constituída por uma miscigenação que envolve indígenas, migrantes dos outros estados da região norte, nordestinos e portugueses, o que implica conseqüentemente em constituições familiares distintas, mas também com muitos aspectos em comum.

Neste contexto há uma multiplicidade de feminilidades de raízes caboclas, construídas por diversas culturas que implicam diretamente na produção de sentido, os quais puderam ser encontrados e analisados no campo de pesquisa. Tornou-se importante para o estudo a realização de uma análise de um contexto sócio-cultural específico, o que possibilitou o entendimento amplo das influências culturais e interculturais na construção das feminilidades a partir de suas vivências tanto no bairro de Puraquequara como fora dele.

Para que fosse possível delinear esse estudo sobre as relações de gênero, especificamente as produções de sentidos de feminilidades, parto de leituras históricas sobre a temática o que me levou a seguinte observação: as relações estabelecidas entre o “masculino” e o “feminino” têm sido historicamente marcadas por locais próprios e imutáveis, em um processo rígido de naturalização das ações e comportamentos atribuídos pelo simples fato dele ou dela ser, exclusivamente, do gênero masculino ou feminino. Essas concepções equivocadas deram origem a práticas profissionais sexistas e binárias no campo ciências humanas, caracteristicamente excludentes e discriminatórias, advindas de uma sociedade estruturalmente desigual.

Nas produções políticas ou nas produções científicas, há o atravessamento dos estereótipos, preconceitos, exclusões, opressões, sendo ainda mais evidente nas relações entre os sujeitos. Cabe apontar que essas prescrições são perversas pois excluem a necessidade de reflexão. Nessa lógica, os comportamentos são prescritos a cada gênero e, o que foge ao padrão, fica a margem.

Acerca da “previsibilidade” nos comportamentos propõe-se, neste trabalho, reflexão sobre as relações estabelecidas entre os sujeitos e desnaturalização das normas embasadas na cultura do machismo. Vale ressaltar, que o discurso científico tem sido utilizado para justificar hierarquizações com base no gênero. Esse processo não contribui para a produção de reflexões necessárias às transformações. Esse pensamento naturaliza as relações, os sujeitos, suas agências, seus recursos de empoderamento e, conseqüentemente, suas construções subjetivas e produções de sentidos.

Neste sentido, o presente trabalho traz discussões e estranhamentos sobre a visão romântica e dicotômica, que muitos estudos fizeram e ainda fazem sem lançar olhares críticos sobre o sexismo. Esse esforço é necessário para se considerar que “ser” – independente do sexo ou sexualidade - é se relacionar. Nesse ponto, a pesquisa revela diversos elementos que compõem este aspecto relacional. Elementos como o poder de agência, o forte processo migratório na região amazônica, elementos empoderadores como o trabalho, estratégias de enfrentamento da condição social em que viviam, entre outros que irei discutir neste trabalho.

A relevância desta produção está pautada na possibilidade de construir novas propostas de estudos sobre relações de gênero, enfatizando uma perspectiva relacional. coerentes com a perspectiva histórica-cultural, que busca compreender os sujeitos a partir de um ponto relacional. A seguir, trarei as fundamentações que sustentam o trabalho para que seja possível compreender o ponto inicial das análises posteriores

## **1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1.1 Contextos históricos do Amazonas: breve revisão**

Muitas teorias foram desenvolvidas para construir um pensamento sobre a região Amazônica ou o chamado Novo Mundo e sobre o seu povo que, em sua grande maioria, é descrito de maneira fantasiosa. Os estudos relatam sobre a construção de um povo e um pensamento sobre a região Amazônica baseados em fragmentos de conhecimento que permitem aflorar a imaginação, mas não preenchem as lacunas históricas<sup>2</sup>. Contudo, cabe o cuidado para que não caiamos em algumas armadilhas, onde a maior armadilha é a ilusão sobre o primitivismo do nosso povo antigo. É certo que a denominação primitiva se dá por uma concepção política. O historiador Francisco Varnhagen (1978) coloca que na metade do século XIX a ideia da sociedade ocidental era de que algumas sociedades não teriam evoluído, considerados fósseis vivos, permanecendo na estaca zero, parado no tempo. Eram as chamadas sociedades sem Estado, na concepção ocidental, sem história, somente etnografia, portanto, sociedades “primitivas”.

Predominam nas leituras sobre a construção histórica da Amazônia e sua formação social, cultural e econômica, descrições que tomam como ponto de partida o processo de colonização e de ocupação da região pelos colonizadores europeus entre os séculos XVI e XIX. Contudo, neste trabalho optamos por construir uma leitura que considere todo o percurso de construção dos aspectos históricos, culturais, sociais, migratórios, entre outros, compreendendo que o marco inicial é anterior ao processo de escolarização e muito mais amplo.

Há diversas hipóteses sobre a construção da Amazônia, uma delas é no intervalo de 35 mil e 12 mil anos atrás, o mar desceu aproximadamente 50m abaixo do atual nível, devido a uma glaciação. Com isto, a faixa de terra chamada de Beríngia teria

---

<sup>2</sup> Ressalto aqui que talvez nenhuma literatura encontre um enquadramento global sobre as construções históricas de mais diversas sociedades existentes, mas nos cabe o cuidado e a crítica com tais leituras

aflorado, possibilitando a passagem a pé da Ásia, em seguida para Sibéria e para o Alasca na América, atravessando o estreito de Bering (MELTZER, 1981; MELLATI, 1985). Sabe-se que há 12 mil anos uma temperatura mais aprazível teria encaixado o mar entre os dois continentes. Desta forma, é aceita a ideia de uma migração terrestre saindo da Ásia e dissipando de norte a sul pelo continente americano.

Seguindo este pensamento, Manuela Cunha (2012) aponta que a construção histórica da Amazônia tem seu início com povoamento proveniente da união dos dois continentes que seguiu para a Costa Ocidental da América do Norte, em seguida para América Central. Posteriormente seguiu para a América do Sul, aproximadamente na Região Andina, seguindo a sua migração para a Amazônia. Com isto, a autora afirma ser provável que os migrantes tenham cruzado a floresta amazônica por volta de 15.000 anos atrás, iniciando o primeiro processo de colonização da Amazônia.

A população que primeiramente habitou a região amazônica era caracterizada como nômades, utilizavam da caça e pesca como meio de subsistência, assim como das plantas para tratar doenças, permanecendo pouco tempo no mesmo local. Por conseguinte, de um modo mais lento, passaram a transitar e a desenvolver meios de cultivo, a agricultura, desenvolvendo e dominando técnicas de lavoura, lhes dando uma nova estrutura societária em relação ao consumo, ao agrupamento de aldeias e de adaptações à floresta tropical. Este novo modo de estruturação societário, foi caracterizado como sociedades sedentárias, uma vez que delimitavam suas áreas, mantinham-nas fixas e estendiam a área delimitada, ou seja, toda a área era originalmente ocupada por tribos indígenas (RIBEIRO, 1995). As sociedades eram organizadas em níveis tribais, pois não chegaram a desenvolver núcleos urbanos e nem a se subdividirem em classes, uma vez que todos os sujeitos mantinham uma relação igualitária com os modos de produção alimentar.

Com isto, pode-se entender que os caminhos percorridos na construção histórica da Amazônia e na formação de seu povo antecede o descobrimento da América pelos europeus datados no século XVI. Para Fujihara (2005) a região amazônica, localizada nos trópicos, coberta por uma densa floresta e de difícil acesso, já estava ocupada e povoada por grupos humanos como comunidades tribais. As comunidades tribais, mesmo tendo origens semelhantes, seus costumes de tradições eram diferenciados, onde cada qual com sua identidade, organização social e cultural.

De acordo com Souza (2001, p.18), o antropólogo Lévi-Strauss ao explicitar sobre tais questões, aponta que “Este grande e isolado segmento da humanidade

consistiu de uma infinidade de sociedades, maiores ou menores, que tiveram pouco contato entre si. E para completar as diferenças causadas pela separação, há outras, igualmente importantes, causadas pela proximidade: o desejo de se distinguirem, de se colocarem à parte, de serem – cada uma – elas mesmas”.

Este período de observação sobre a região amazônica fora predominantemente marcado por uma visão universal, relatadas por viajantes e pesquisadores ocidentais, formados em um rigor circunscrito ao ofício de coleta de informações, tanto sobre a região, espécimes, fauna, flora, classificação e catalogação destes, bem como sobre os sujeitos que lá habitavam com o propósito econômico do projeto de colonização. (MELLATI, 1985) É evidente que por claras limitações técnicas e metodológicas, não havia o mesmo cuidado no registro desses dados como havia sobre os fenômenos biológicos e físicos, do chamado “Novo Mundo”.

As observações de cunho naturalista tinham atribuições bem diretas, ou seja, fazer catalogações de espécimes, entre outras, contudo, deixaram anotações em seus diários de campo sobre o povo com os quais se relacionavam durante a realização do seu trabalho. Tornou-se comum encontrar nas literaturas anotações feitas pelos cronistas, já que na época não havia o termo cientista social, relatos e/ou eventos anotados em seus diários de viagens sobre as peculiaridades da região (TORRES, 2008). A Amazônia, inversamente do que foi apontado por diversos naturalistas e viajantes, ou seja, pela historiografia ocidental, não pode em nenhum momento ser considerado um vazio demográfico ou sociedade primitiva. Desde a sua Pré-história, a Amazônia já era um lugar rico e diversificado.

Para Fujihara (2005):

As pesquisas da arqueóloga Anna Roosevelt, sobre as culturas da ilha de Marajó e da calha amazônica comprovam a existência de uma inequívoca ocupação desde o Pleistoceno ou Holoceno, por sociedades de caçadores e coletores, donos de elaboradas culturas de tecnologia da pedra, e por algumas das mais antigas sociedades sedentárias, fabricantes de cerâmica e agricultores equatoriais. Um passado formado por sociedades de grande complexidade e sofisticação cultural. (FUJIHARA, 2005 *APUD SOUZA*, 2001, p.02)

Os sujeitos que habitavam a Amazônia, os antigos caçadores e coletores, não se apresentavam primitivos em relação às tecnologias e estética, mas tampouco lembram os indígenas atuais. O processo de colonização abriu espaço para uma nova configuração de sociedade, ou seja, um novo tempo para Amazônia. O processo civilizatório europeu de cunho monopolizador, funda uma sociedade baseada em um

modelo estrutural societário, ou seja, divisão social, de classes, de etnias, instaurando novos hábitos, culturas e estruturas singulares diferentes das iniciais. (CUNHA, 2012; SOUZA, 2001).

Este choque de encontros culturais muito distintos ressalta o distanciamento social entre esses dois mundos, agravando e enfatizando as diferenças. A região amazônica transformou-se totalmente que segundo Manuela Cunha *apud* Ribeiro (2012, p.05) aconteceu “uma verdadeira colisão cultural, racial e social, prevalecendo à supremacia cultural do europeu, desencadeando núcleos de superioridade, marcando a história da colonização da Amazônia e nas relações estabelecidas entre os protagonistas de tal contexto”. Esta imposição cultural e supremacia imposta pelos colonizadores europeus sobre o povo amazônico produziram um processo de desculturalização e despersonalização do povo amazônico que, segundo Souza (2001) tinham práticas baseadas na exploração, na devastação do ambiente, implementação do escravismo, novas doenças e, negando ao índio o direito de ser índio.

No decorrer dos séculos, originou-se uma população amazonense multicultural, fruto desta invasão europeia baseada na ideia do “eurocentrismo”. Para Loureiro (2002) a identidade cultural original da mulher e do homem amazônico perde um pouco de suas referências anteriores, o qual é compreendido pelo choque cultural, assim, buscam uma identidade própria e nova forma de vida que possibilite equilibrar uma nova cultura com a conservação da natureza, benefícios do progresso do mundo moderno. Acredito ser difícil e equivocado apontar somente para um caminho sobre a identidade do povo que compunha a região amazônica, tendo em vista que hoje o indígena brasileiro ou povo amazonense são fragmentos de um tecido social, onde a trama é muito mais complexa e abrangente, não sendo específico de uma única região, mas de todo território brasileiro.

Um dos fatores que contribuíram para essa trama e para transformação cultural da região amazônica, foi o período da exploração da borracha. Ficaram na região os nordestinos, submetidos ao trabalho escravo nos seringais e, para o processo de construção cultural da Amazônia, se deu pela miscigenação entre o mestiço imigrado, caboclo, negro, branco, índio, zambo-cafuz e o curiboca (REIS, 1966; BATISTA, 2002). Desta feita, a sociedade amazonense é constituída por uma miscigenação que envolve em sua maioria indígena, migrante do restante do Norte, portugueses e essa mistura implica em educações familiares distintos, mas também com muitos aspectos em comum. Neste contexto há uma multiplicidade de identidades femininas de raízes

caboclas, construídas por diversas culturas que implicam diretamente em novas configurações de feminilidades.

É neste cenário de intensa miscigenação que muitas literaturas sobre a região e sobre o nosso povo foram elaboradas. Para Mellati (1985) os homens e mulheres foram interpretados de maneiras selvagens pela concepção naturalista, sendo parte da natureza e, não percebiam o povo daquela região como sujeitos centrais, mas como uma peça que se encaixa ou como um fato não essencial e muito menos capaz de transformar o meio que está inserido, um ser universalizado e dotado de comportamentos e costumes pré-estabelecidos. Por meio dessa concepção os sujeitos daquela região eram sem identidade e apenas objetos da história. Atualmente dispomos de diversos meios para construir um pensamento referente à região amazônica e seu povo, porém em tal época as características próprias daquela região eram interpretadas a partir de uma perspectiva de fora, criava-se um estereótipo baseado em uma concepção europeia, havendo interpretações específicas e particularizadas, diversas e plurais, fictícias e metaforizadas, inventadas e recriadas. (TORRES, 2005)

Ressalto aqui que atualmente dispomos de tecnologias, pesquisas e meios de catalogação, categorização das mais diversas áreas de pesquisa, dentre elas a Antropologia, Psicologia, entre outros, sobre a região Amazônica, contribuindo para compreensão dos sujeitos desta região, bem como as particularidades e as inferências culturais e interculturais.

Boaventura Sousa Santos (2000), ressalta que há uma compreensão sobre a Amazônia, ainda hoje, é muito ocidentalizada, devido a não termos uma epistemologia que embase o nosso pensamento amazônico, tornando assim necessário construir uma epistemologia baseada na ordem de conhecimento diferente do pensamento único, dominante, universal, ou seja, não desprezar o conhecimento construído, mas sim, contextualiza-lo, já que tal ciência extirpou a minoria social, determinando a geografia, clima, bem como sujeitos preguiçosos e lascivos sexuais, emergindo a necessidade de pensar e considerar os habitantes, suas culturas e experiências milenares. Com isto, mitos, lendas, dentre outras formas existentes de metaforizar a condição do sujeito da Amazônia foram criados. Ressalto que tais formas desvalorizaram nossas condições enquanto sujeitos donos de si e criadores da própria cultura, sendo assim, ainda sofremos com tal influencia colonizadora e muito referente ao “eurocentrismo” empregado fortemente em nossa região. Observou-se também que a região amazônica não é a única afetada pela falta de tal epistemologia, mas sim o Brasil e os demais países

da América Latina. Todos vivenciam ou vivenciaram processos sociais, econômicos de uma maneira singular, tempos depois destes mesmos problemas já terem afetado a Europa e outros continentes. (TORRES, 2005)

Adota-se neste trabalho a perspectiva da interculturalidade, assim, tratou-se de compreender neste estudo, as especificidades culturais e as influências interculturais que as mulheres vivenciaram durante a construção dos processos subjetivos, por meio de suas vivências singulares e históricas. Está pautada nestas construções históricas, sociais e culturais, como meios que forneceram dados que foram analisados e inter-relacionados, acreditando que os sujeitos em desenvolvimento são capazes de transformar e serem transformados por meio de suas vivências interpessoais, haja vista o seu caráter ativo durante este processo.

Ao longo do trabalho, cada participante discursou sobre sua própria constituição histórica e processo de subjetivação, da mesma maneira que foi influenciada pela cultura local. Esses discursos se constituíram no corpus deste trabalho e serviram de base para a construção de nossas reflexões.

## **1.2 Psicologia Histórico-cultural: Proposta epistemológica e origem**

A presente dissertação tem como base epistemológica os pressupostos da Psicologia Histórico-cultural para compreensão do sujeito da pesquisa, bem como suporte para o entendimento da construção subjetiva acerca dos gêneros e suas implicações culturais para tal construção. Ressalto que tal perspectiva compreende o sujeito como um ser em constante construção que transforma e é transformado pelos diversos contextos e relações que está inserido, construindo assim, as mais diversas significações e sentidos sobre as suas relações de gênero.

Neste sentido, a Psicologia histórica-cultural tem como base a teoria de Vigotsky (1988), afirmando que o desenvolvimento humano se dá por meio das relações sociais que o indivíduo mantém no decorrer de sua vida. Para compreendermos tal abordagem, é necessário contextualizar o momento histórico em que foi construída e desenvolvida por Vigotsky.

A perspectiva Histórico-cultural foi desenvolvida na antiga União Soviética, por meio de seu principal representante, Lev S. Vigotsky. Os pensamentos de Vigotsky sobre o sujeito entrou em conflito com os pensamentos ortodoxos daquele contexto e, deste modo, foi praticamente banido até o ruir do comunismo, sendo suas obras

conhecidas e estudadas em meios restritos no campo acadêmico. Diante dessa tentativa de silêncio, ainda assim suas literaturas puderam ganhar grande espaço no campo social, bem como foram traduzidas e publicadas no Ocidente em 1962. (FINO, 2001)

Sua proposta se baseia em uma Psicologia que pudesse dar conta de analisar as diversas problemáticas sociais. Havia uma preocupação primeira com a aplicação prática do conhecimento científico, em razão das necessidades urgentes daquele contexto, vez que a nação russa vivenciava o próprio nascimento após a revolução socialista de 1917<sup>3</sup>. Seus trabalhos envolvem um arcabouço teórico complexo e que, ao mesmo tempo que é integrado, torna-se aberto, buscando assim, evitar reducionismos e simplificações das potencialidades dos sujeitos, levando em consideração também, o contexto histórico, social e cultural dos mesmos. (LUCCHI, 2006)

Neste sentido, Romanelli (2003, p.22), aponta que “Vigotski, em suas pesquisas em psicologia, sintetizou elementos de diversas áreas do conhecimento humano, uma vez que seus estudos nos campos da jurisprudência, lingüística, artes, ciências sociais, história e filosofia permitiram-lhe uma vasta leitura das questões que envolvem o homem e a sociedade.

De acordo com Rego (2012), a autora afirma que:

O projeto principal de seu trabalho consistia na tentativa de estudar os processos de transformação do desenvolvimento humano na sua dimensão filogenética, histórico-social e ontogenética. Deteve-se no estudo dos mecanismos psicológicos mais sofisticados, as chamadas funções psicológicas superiores, típicos da espécie humana [...] as premissas do método dialético, procurou identificar as mudanças qualitativas do comportamento que ocorrem ao longo do desenvolvimento humano e sua relação com o contexto social (REGO, p.12 , 2012)

Rego (2012) ressalta ainda que Vigotsky seguiu as premissas de seu método histórico-dialético e construiu significativas reflexões acerca do papel da educação no desenvolvimento humano. Assim, tornou-se um dos primeiros teóricos a sugerir mecanismos pelos quais a cultura tornou-se parte integrante da natureza de cada pessoa, onde suas funções psicológicas superiores possuem origem sociocultural e,

---

<sup>3</sup> A Revolução socialista de 1917 foi marcada pela guerra civil, levando a inúmeros problemas, entre eles a decadência econômica, educacional, escassez de alimentos, doenças, vitimando, inclusive Vigotsky com Tuberculose.

consequentemente, emergindo as funções psicológicas elementares<sup>4</sup>. Desta forma, pontua que a complexidade de uma estruturação humana é derivada de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas relações entre a história individual, social, cultural, entre outras, as quais o indivíduo possa vivenciar.

A partir destes pressupostos, Molon (1995) aponta que o trabalho de Vigotsky, teve uma forte influência dos pensamentos de Marx e Engels, pela dialética do pensamento formulado por Hegel, pelo evolucionismo de Darwin, pelos estudos filosóficos de Espinosa, por ideias de Pierre Janet, entre outros pensadores. Considera-se que, por meio das influências destes autores, Vigotsky formou a base de entendimento de sua epistemologia. Assim, coloca que a psicologia, nada mais é do que uma ciência de um ser humano histórico e social e não de um homem abstrato e universal, bem como a origem e o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores é social.

Compreende-se também que as habilidades por parte dos seres humanos e o surgimento da sociedade, são entendidas como resultantes da invenção do trabalho, assim, ação e movimento de transformação. Portanto, é pelo trabalho que o ser humano se transforma para satisfazer a natureza de suas necessidades e, na medida em que isto acontece, é transformado também, logo, um ser corpo e alma, um ser humano total. (LURIA, 1991)

Esta abordagem discute a respeito de modelos que privilegiam em um momento a mente e os aspectos internos do indivíduo e em outro momento o comportamento externo. Para Freitas (1996), a constituição da psicologia deve de fato refletir acerca do indivíduo em sua forma total, articulando dialeticamente os aspectos externos com os internos, sem deixar de considerar a relação que é estabelecida entre o sujeito e a sociedade na qual está inserido.

Freitas (1996) enfatiza ainda que percebe e compreende os sujeitos como: históricos, datados, concretos e marcados por uma cultura como criadores de ideias e de consciência, que ao reproduzirem e produzirem a realidade social são do mesmo modo produzidos e reproduzidos por elas, ou seja, uma relação dialética constante e condições permanentes de transformações.

---

<sup>4</sup> A teoria postulada por Vigotsky, traz a concepção de que todo organismo é ativo e estabelece contínua interação entre as condições sociais, sendo mutáveis. Ele observou que o ponto de partida são as estruturas orgânicas elementares, determinadas pela maturação.

Compreendendo o sujeito como um ser dotado de potencialidades, onde pode ser transformador e transformado pelos diversos contextos, assim, têm a capacidade de transformar o ambiente e também a si próprio. Da mesma forma como o sistema de instrumentos, os sistemas de signos, tais como a linguagem, escrita e sistema numérico, são criados pela própria sociedade ao longo de desenvolvimento da história humana e mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural. Portanto, os signos são aspectos importantes e mediadores da interação humana e na produção de significados e de sentidos. (JOBIM; SOUZA, 2001)

Para Vigotsky (1988), a abordagem empenhou-se em desenvolver uma prática que tivesse sua concepção fincada no desenvolvimento cultural do ser humano por meio de instrumentos como a linguagem, o qual é apontado, nesta base epistemológica como um instrumento mediador do pensamento. Assim, linguagem torna-se um mediador das experiências e interações entre os sujeitos no meio em que está inserido, mudando a forma social e o nível de desenvolvimento cultural.

Segundo Bakhtin (1988), as transformações que os sujeitos se propõem são baseadas em instrumentos mediadores, como a linguagem, que formam a atividade psíquica, ou seja, em processos de significação. Para o autor, não é possível compreender o sujeito, sua história, sua luta, seu trabalho, sua relação, senão por meio dos signos criados ou por criar. Compreender o sujeito e os mais diversos contextos em que estiver inserido, possibilitou a compreensão de seu significado, os quais foram meios importantes de enriquecimento para pesquisa, bem como na compreensão sobre a cultura e na construção de sentidos sobre feminilidades.

Tendo em vista esses processos de construções e reconstruções, Freitas (1996), afirma que a constituição da psicologia se deve ao fato de refletir o indivíduo em sua forma total, articulando dialeticamente os aspectos externos com os internos, não podendo deixar de considerar a relação que o ser humano estabelece com a sociedade a qual pertence, destacando assim as premissas acerca da constituição histórica, cultural e social dos sujeitos.

De acordo com Luria (1987) é preciso sair dos limites do organismo para explicar as formas mais complexas da vida consciente do ser humano. Para ele, o objeto da psicologia é o reflexo do mundo externo no mundo interno, ou seja, a interação do ser humano com a realidade. Com isto, a atividade humana se caracteriza pelo trabalho social mediante a divisão das funções e que origina novas formas de comportamento independente dos motivos biológicos.

Com isto, esta abordagem está pautada na importância de considerar o ser humano um ser total, assim, esta perspectiva baseia-se na tentativa de superar o reducionismo das concepções empiristas e idealistas. De acordo com Vigotsky (1988) o ser humano pode ser compreendido como um ser histórico-social e cultural em constante construção, sendo moldado pela cultura que ele próprio cria. É um ser determinado a partir de suas interações sociais, ou seja, pela relação com o outro por meio da linguagem.

As ideias sobre a linguagem/palavra apresentadas aqui, reafirmam a centralidade e a importância do signo na formação dos processos humanos e enfatiza o forte papel da palavra nesta construção de sentido, o qual pode ser observado em sua formação essencialmente social da população como um todo. (LURIA, 1987; MONTEIRO, 1995) A linguagem neste ponto apresenta uma dialética entre externo e interno, onde a construção subjetiva não pode existir sem as relações materiais em que está inserido, sendo esta mediada pela linguagem, pelas simbologias que emergem das relações sociais. Portanto, a matéria-prima da construção subjetiva é a linguagem, uma vez que não há pensamento e construções de sentidos sem esta.

Com isto, ressalto que a construção do gênero feminino pode ser considerada também como uma construção social, assim Oliveira (2005) aponta que ao especular as diferenças nas relações entre os sexos, observa que estas mudam de acordo com as sociedades e culturas, mesmo dentro de uma mesma sociedade, logo, são construídas pelas sociedades, não são fixas, não são universais e nem naturalizadas.

Vale considerar as concepções sobre cultura construídas por Vigotsky, tendo em vista a proposição da natureza cultural nas formulações no modo de pensar e agir da cada sujeito. (MARTINS, 2011; DUARTE, 2000). O caráter multicultural possibilitará a abertura de campos de estudos sobre gênero a partir de uma perspectiva relacional, tendo como propósito maior, o rompimento de uma visão naturalizadora, romântica, dicotômica e universalizante, ao se referir às relações de gênero.

Cabe ressaltar que para compreender o processo da construção da feminilidade, é necessário entender que, em uma sociedade heteronormativa e machista, ser “mulher”, nada mais é do que se comportar conforme as pessoas em sociedade acreditam que é ser feminino. Entretanto, vivenciar a feminilidade, não significa ser biologicamente mulher, mas o tornar-se. Será a partir deste ângulo que irei trabalhar no capítulo seguinte os aspectos históricos e culturais sobre relações de gênero.

### 1.3 A construção de Gênero e Feminilidade na perspectiva Histórico-cultural

A noção de desigualdade, no período entre os séculos XVIII e XIX, se torna um fundamento de toda a sociedade, sendo um conjunto associativo e cooperativo de homens essencialmente desiguais, baseados em um pensamento conservador, sexista, naturalista. Em sua base estrutural, tinham a hierarquia, não considerada mais como natural, mas como uma construção ideológica, uma pré-condição social, onde as sociedades produziram ideias e valores englobando elementos como: gênero, raças, castas, classes, entre outros. Para Nascimento (2001) a sociedade ocidental, a partir de aspectos históricos, foi marcada por um modelo de organização social onde há prevalência do poder baseadas no patriarcalismo<sup>5</sup>. Esta organização de sociedade estruturada a partir das hierarquias patriarcais, em sua grande maioria, era fomentador de violências contra as mulheres. Deste modo, constituíam uma sociedade cuja função principal era a manutenção das relações de poder da população masculina.

Vale ressaltar que diversas produções científicas contribuíram para a concepção sexista sobre a mulher, dentre eles as produções de Dumont para antropologia e Sigmund Freud para a Psicanálise. Embora competentes em suas produções na cultura ocidental, careceram na época de apreciação crítica, não problematizando as oposições homem/mulher, fortalecendo o binarismo. Não somente estas produções, mas diversas fortaleceram as diferenças de gênero, por conseguinte, a relação entre homem e mulher tornou-se condição de subordinação feminina, sendo a subordinação uma característica inerente à mulher. Nessa configuração as mulheres eram tidas histórica e culturalmente como detentoras de traços de fragilidade, docilidade e inferioridade, sendo seus corpos não mais seus, mas submetidos a incontáveis manipulações e invasões. Com isto, pode-se compreender que a concepção de gênero se tornou limitada ao âmbito da sexualidade e em aspectos sociais. (ROSALDO, 1995)

Citei apenas dois importantes teóricos, mas cabe apontar que a chamada evolução da medicina moderna cooperou para a construção de tais ideias sobre a condição naturalizada da mulher, o qual ainda está presente nos diversos contextos, relegando às mulheres a condição de coadjuvantes diante dos mais complexos cenários.

---

<sup>5</sup> Ressalto aqui que o patriarcalismo é apenas mais um elemento dentro os diversos existentes que marcam a história e que definiram as relações entre homens e mulheres com disposições desiguais frente as mais amplas instâncias sociais.

Mas em um caminho contrário a essa ideia, movimentos de sublevação sociais e políticos, como os movimentos feministas, novos e plurais componentes foram acrescentados às falas que versam sobre as mulheres, tanto sobre a construção de seus corpos quanto à problematização, antigas e ainda vigentes, discussões sobre gênero (SILVA, 2013).

O movimento feminista lutou, e ainda luta, pela garantia dos direitos sociais que foram usurpados das mulheres. Suas lutas são desde a metade do séc. XIX com o movimento sufragista que teve seu nascimento na Europa, o qual era uma sociedade patriarcal. Mulheres lutaram pelo direito e conquistaram seus direitos de votar, isso em virtude de sua organização e luta política, não aceitando a condição de objeto e buscando o espaço para serem protagonistas de sua vida (SAMARA, 1997). Isso possibilitou discussões e reivindicações que buscam desnaturalizar as posições que as mulheres foram colocadas sem lhes dá o direito de voz. Essa luta por desnaturalização possibilitou a discussão para que falássemos em corpos, e não corpo, em femininos, e não em feminino, em mulheres, e não em mulher, destruindo assim verdades universais e inquestionáveis que permaneceram por muitos anos interditos em nossa sociedade.

Desta maneira, a irrupção das mulheres é caracterizada, a partir do século XX, por meio de lutas por independência econômica, social, construção da autonomia e direitos políticos, que tornavam-se cada vez maiores, transformando-se em diversos movimentos feministas com discussões múltiplas, contribuindo assim para um movimento cada vez mais forte. A partir desta irrupção, as mulheres começaram a questionar as padronizações desenvolvidas pelas masculinidades. (WILHELM, 1979)

É neste cenário que o termo gênero foi construído. O termo gênero, segundo Scott (1995) teve sua aparição com mais ênfase no início da década de 60 entre as feministas americanas, as quais buscavam ressaltar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, ou seja, tal termo rejeitava o entrelaçamento restrito e determinado biologicamente ao explicar o uso do termo "sexo" ou "diferença sexual". Neste ponto, Scott (1995, p.72) enfatiza que “o termo gênero enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo gênero para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico [...], portanto, as mulheres e homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado”.

Esta afirmação ressalta o propósito da dissertação em analisar a partir de uma perspectiva histórico-cultural as composições dialéticas nas relações de gênero, bem como essa contribuição cultural para as construções subjetivas das feminilidades, entendendo as feminilidades não como pontos fechados, mas o “tornar-se” da feminilidade. Deste modo, lanço um olhar para a construção histórica e cultural das mulheres dando ênfase para sua identidade enquanto sujeito, pois caso contrário, este se tornaria somente um objeto da história.

Os desenvolvimentos históricos acerca das relações entre homens e mulheres se transformam de acordo com cada contexto histórico, de tal modo que Scott (1995) ressalta que o desenvolvimento do conhecimento histórico não pode ser apenas considerado como um simples registro de mudanças nas organizações ao longo do tempo, mas também, como um instrumento, o qual participa da produção do saber sobre estas organizações. O conhecimento histórico também não pode ser compreendido como um documento fidedigno da realidade vivenciada, assim, não documenta as reais e únicas condições vivenciadas por homens e mulheres ao longo do tempo, mas contribui para a compreensão dos caminhos delineados sobre as relações de gênero.

Diante da construção histórico-cultural no que diz respeito ao conceito de gênero, Machado (2001) em acordo com o que havia sido citado por Scott (1995) afirma que este conceito foi estabelecido a partir de uma oposição à categoria sexo, sendo este inicialmente pensado somente como um dado estritamente biológico. Com isto, Louro (1997, p.182) coloca que:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.

Percebe-se aqui que a categoria “gênero” foi construída para dialogar com ambos os sexos – homens e mulheres – bem como dialogar com as mais diversas sexualidades e identidades de gênero. Assim, o termo passa a compreender não somente estas distinções, mas sim uma ênfase política e social ao discutir todos estes aspectos do modo relacional e não restritivo. Compreende-se então que, gênero é uma construção social e não se apresenta da mesma maneira em todas as épocas e lugares, uma vez que depende dos costumes próprios de cada sociedade, da experiência cotidiana das pessoas

naquele lugar e diversifica de acordo com as leis, regiões, políticas e organização familiar de cada povo ao longo da história. Assim, as relações de gênero e suas representações não diversificam apenas de uma sociedade para outra, sendo que em uma mesma sociedade, podem-se encontrar mudanças de acordo com a classe, raça e idade. (SCOTT, 2000)

Ao analisar tal perspectiva trazida pela autora, podemos compreender que a construção do gênero ou o seu modo de se identificar, é uma construção social. Deste modo, a construção do gênero feminino que, para Oliveira (2005) pode ser considerada também como uma construção social, observa que estas mudam de acordo com as sociedades e culturas, mesmo dentro de uma mesma sociedade mesmo de uma mesma cultura. Assim, tal conceito de construção das feminilidades abrangem diversos componentes como identidade, valores, regras, normas, comportamento, entre outros. Logo, são construídas pelas sociedades, não são fixas e muito menos universais. Com isto, entendo e também observei durante a construção da dissertação que as feminilidades amazonenses são constituídas por implicações históricas, culturais e sociais que são interligadas diretamente com a construção histórica da região e seu povoamento, assim como o processo migratório, o qual tece diretamente a história das feminilidades como da região que faz parte.

#### **1.4 Construção histórica de gênero no Contexto Amazônico**

As lutas contra as variadas formas de opressão e discriminação contra o segmento feminino, é atualmente empenhada em quase todos os lugares do mundo. No Brasil, seu marco histórico teve início a partir de 1964, com lutas de posicionamento político contra as dominações nas relações de gênero e a favor da emancipação das mulheres, no que se refere aos seus direitos e igualdade (NOGUEIRA, 2001; SARTI, 2004). Os movimentos feministas no Brasil foram influenciado pelos movimentos europeus e norte-americanos, lutando contra o processo de construção social de feminilidades como corpos marcados e identificados como femininos em seu nascimento, onde por inúmeras vezes se encontram subjugados ao masculino, dentro de normativas e padrões com objetivos de estabelecerem o que é e o que pode ser uma mulher. Assim, foi em 1970 que o feminismo brasileiro ganhou força e foi marcada pela intensa contestação à ordem política e social instituída no Brasil desde o golpe militar de 64.

Para Cynthia Sarti (2004) no cenário mais amplo, os grupos feministas articulavam e se organizavam a partir de uma influência marxista, tido como clandestino na época, com um grande comprometimento em fazer oposição ao regime militar, empregando características próprias ao movimento. Essa organização feminista marcou uma época e um lugar, transformando modos de pensar, viver, definindo espaço de atuação pública da mulher, de viver em sociedade.

Os movimentos possibilitam a inclusão das mulheres nos processos decisórios, os quais são fundamentais para a construção e reconstrução dos mais diversos aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos da condição de subalternidade que elas estão interligadas, valorizando também as diversidades, promovendo reflexões a fim de construir políticas em relação à mulher e ampliação das discussões sobre as relações de gênero. Esse aspecto promove também a visibilidade e lutas frente ao movimento, os quais estão avançando desde os anos 80 em meio à crise econômica, luta social, bem como o processo de democratização da sociedade, incluindo a ditadura. (PINHEIRO, 2012; BARROSO, 1982; GUZMÁN, 2000)

Borba (1998) aponta que as ações dos movimentos feministas frente ao Estado, alavancam uma discussão política de cunho igualitário no interior do estado, considerando isto como uma conquista dos movimentos que sempre buscaram reconhecimento, visibilização de problemas sociais, culturais, econômicos crônicos, reconhecendo a mulher enquanto sujeito social. Com isto, “obriga” as instâncias sociais e políticas a discutirem políticas de gênero e políticas direcionadas às mulheres, propondo uma igualdade real entre homens e mulheres, o que causou impacto em âmbitos públicos, privados e sociais, assim, empoderando-as.

No que se refere ao âmbito privado, penso no aspecto familiar, já que foi onde os primeiros passos possíveis sobre o empoderamento feminino foram dados pelas mulheres diante das opressões silenciadas, assim, acredito na importância de considerar as implicações históricas desse aspecto familiar na construção das feminilidades. Seguindo este raciocínio, a historiadora Elizabeth Roudinesco (2003) aponta que houve uma significativa inclinação descendente na história da sociedade ocidental, referente à soberania do pai nas decisões familiares, atribuindo esta queda a irrupção das mulheres neste novo contexto.

Ao caminhar para o contexto social da família no Amazonas, Nascimento *apud* Mello e Tornay (2009) ressalta que a constituição familiar assume em nossa região fortes elementos relacionados às relações econômicas, religiosas e políticas, construindo

extensões culturais patrilineares. Tais interações familiares revelam ideologias, costumes e crenças singulares acerca dos gêneros sendo implícitas, os quais permitem aos seus membros partilharem construções e entendimento dos discursos de gênero na sociedade ou na comunidade que estiver inserida, influenciando diretamente no seu modo de agir e de viver em sociedade.

Discorrer sobre gênero, em tempos atuais e no estado do Amazonas, envolve discussões sobre política, classe, raça, etnia, tendo em vista as implicações históricas já apontadas aqui na dissertação. Tais complementações na discussão sobre gênero ocorrem devido ao estado do Amazonas, assim como outros estados do Brasil, encontrar-se baseado em uma sociedade de cunho capitalista engendrando divisões de trabalho e de oportunidades. Esses engendramentos implicam diretamente na constituição familiar, onde podem reproduzir contextos históricos, divisões de trabalho e social a partir do sexo, surgindo à propriedade privada e da sociedade de classes. (BARRETO, 2009)

No que diz respeito à divisão de trabalho, assim como na Revolução industrial que trouxe as mulheres para o trabalho, é importante destacar que tais divisões influenciaram e influenciam ainda hoje na construção das feminilidades. A organização de trabalho, principalmente a divisão sexual do trabalho, traz questões socioculturais no cotidiano prático da sociedade amazonense. Essa discussão envolve as relações socioculturais do povo ribeirinho, na qual a mulher se destaca como aspecto central nas produções de trabalho de subsistência. Vale ressaltar aqui que as mulheres, que são parte integrantes da criação dos conhecimentos que atualmente temos sobre agricultura e alimentação, nos dias de hoje seguem produzindo em torno de 80% dos alimentos nos países mais pobres e hoje são as mais importantes figuras no que se refere a biodiversidade (PINHEIRO, 2012; TORRES, 2008).

Com isto, as mulheres têm um papel importante nos trabalhos rurais e, no contexto amazônico, no trabalho desenvolvido pelo povo ribeirinho. O trabalho desenvolvido pelo ribeirinho, tanto em terra firme quanto na várzea, é marcado pelo conhecimento aprofundado sobre os recursos naturais, bem como a sua utilização buscando uma maneira sustentável. Tal povo é o resultado de um processo histórico e cultural de miscigenação, compreendido pela migração do branco, nordestino, negro, índio, entre outros. (DIEGUES, 2001). As relações de gênero, em especial entre os povos ribeirinhos, têm sua organização inicial marcada por um conjunto de culturas distintas que produzem relações de gênero singulares, sendo marcada pela divisão de

trabalho que, conseqüentemente marca as divisões de papéis sociais dentro da mesma sociedade. Entende-se então que, o caboclo nada mais é do que o resultado da mestiçagem de brancos com índias amazônicas. (PINHEIRO, 2012).

Para Fraxe (2009, p. 33) é que "um dos principais pontos da cultura nordestina no desenvolvimento regional ocorreu nas áreas de várzeas na Amazônia Central, onde a influência nordestina nos costumes locais foi determinante para o surgimento de alguns modelos de produção agrícola. No careiro da Várzea, embora os grupos de nordestinos que lá chegaram mantivessem afastados dos grupos locais, o processo de miscigenação ocorreu de forma gradativa para a formação socio-cultural do caboclo-ribeirinho".

Desta feita, o povo amazônico é marcado por contrastes, tentativas e desafios de diversos povos numa única constituição de sociedade e, talvez por este motivo, seja considerado um dos povos brasileiros mais ricos do ponto de vista étnico e cultural para o campo de pesquisa. Contudo, ressaltamos também a dificuldade em caracterizar epistemologicamente aspectos relacionados à construção de gênero na região amazônica, tendo em vista os processos históricos apontados nesta dissertação. Neste sentido, Torres (2005, p.02) enfatiza que:

Há dificuldade em construir um pensamento amazônico porque a Amazônia sempre foi vista de fora. As matrizes teóricas sobre a região trazem o estereótipo europeu. Interpretações específicas e particularizadas, diversas e plurais, fictícias e metaforizadas, compõem o quadro de uma região inventada ou recriada [...] Incluem-se nesse quadro, as ausências, as descontinuidades, a fragmentação, a reificação das diferenças étnicas e as homogeneidades que marcaram grande parte das abordagens científicas e literárias sobre a problemática amazônica.

A cultura popular amazônica poderia ser apontada como um resultado das contradições, imposições culturais, tradições, misturas e ideologias que foram introduzidas – em algumas ocasiões impostas – na região em diversos momentos diferenciados, levando pouco em consideração a participação de múltiplas etnias e povos, tendo como resultado destes desencontros e poderes, a desigualdade. (FRAXE, 2009)

De acordo com dados apresentados pelo IBGE (2015), o Estado do Amazonas tem uma estimativa de 3.938.336 de habitantes, porém apresenta dados exatos referentes ao ano de 2010 que 922.272 mulheres habitavam o Estado vivendo em condições insalubres e com falta de acesso às políticas sociais. Ressaltamos ainda que de acordo com o censo de 2010 o número de mulheres com 10 anos ou mais de idade com condição de atividade ou de trabalho ou de referência economicamente ativa era de 616.081 e, em

comparação aos homens nas mesmas condições, é de 849.830, ou seja, há uma alta disparidade econômica ainda na divisão sexual de trabalho e social no Amazonas, fenômeno que se reflete também nas relações de gênero mesmo depois de tantas transformações históricas. Ressalto que, estas desigualdades apontadas pelo IBGE não são “exclusividade” do Amazonas, mas constituem um aspecto recorrente em outros estados e municípios do Brasil.

Em relação a capital do Amazonas, Manaus, é gritante a desigualdade e discriminação que sofrem as mulheres, porém tal desigualdade fez com que emergisse movimentos de mulheres com o ideário feminista, assim, surgiu o Fórum Permanente das Mulheres de Manaus – FPMM, que destina seu espaço para promover reflexões e articulações políticas baseados em princípios feministas, tendo como objetivo fortalecer e auto-organizar coletivamente as mulheres, promovendo e fomentando políticas públicas para as mulheres, bem como fortalecendo socialmente os movimentos pertencentes ao Fórum. Desta feita os movimentos feministas possuem um poder de agência muito forte, superando paradigmas sociais e, possibilitando, a participação feminina em todas as áreas sociais. (PINHEIRO, 2012; PASSOS, 2001)

Percebe-se que as lutas e os movimentos feministas que estão crescendo no Amazonas são fruto histórico de lutas políticas por garantias e direitos, tendo seu início na Europa em meados do século XIX. A participação da mulher, antes tida como domínio privado, passa a ser reivindicado para ambos os espaços, público e privado e, por não aceitarem - ser consideradas como objetos da história ou da sociedade - buscando mais garantias de seus direitos. Tal organização deu fruto a movimentos sociais, libertários e movimentos feministas, valorizando a voz do sujeito oprimido ou violado, neste caso, as mulheres. (NOGUEIRA, 2010)

Desta feita, a sociedade amazonense é constituída por uma miscigenação que envolve em sua maioria indígena, migrante do restante do norte e nordeste, portugueses e essa mistura implica em educações familiares distintas, mas também com muitos aspectos em comum. Com isto, a dissertação busca trazer reflexões para compreender as influências interculturais na construção das feminilidades, bem como o processo de subjetivação a partir das vivências das mulheres participantes. Neste contexto há uma multiplicidade de identidades femininas de raízes caboclas, mas também construídas por diversas culturas que implicam através da educação familiar na constituição da mulher do norte.

## 1.5 Cultura e Interculturalidade

Entendo que o aspecto cultural compõe a construção de determinados comportamentos e modos de ser, assim como o modo de produção, mas observo também que dentro de uma mesma cultura podem existir novas construções, chegando assim, nos aspectos interculturais e, por conseguinte, surgem novos processos de subjetivação e novos processos de se relacionar com o meio.

Deste modo, tenho a necessidade de explanar neste capítulo a construção epistemológica da cultura e apontar dados históricos sobre a sua construção e influência na formação das feminilidades e na constituição das sociedades, especificamente na região amazônica, assim como o termo intercultural.

De acordo com a base epistemológica histórico-cultural adotada pela pesquisa, a constituição cultural, por meio do sujeito, se dá pela atribuição do aspecto instrumental de transformação da natureza. Dito isso, a constituição do conceito de cultura é atravessada por uma perspectiva materialista histórico-dialética, sendo o trabalho humano, um produto da cultura e de expressão de tais processos históricos, sociais, econômicos e culturais. (MARTINS, 2011; VIGOTSKY, 1995) Pode-se entender novamente o aspecto do trabalho como um mediador no processo dialético, no qual transforma em cultura social e dialeticamente é transformado também.

A Cultura então, se constitui por meio de instrumentos culturais / signos, onde divide-se por meio de instrumento cultural material e instrumento psicológico, sendo estes mediados e construídos também pela linguagem. Pino Sigardo (2000) em sua obra “O social e o cultural na obra de Vigotsky” ressalta que Vigotsky coloca a cultura como eixo central no desenvolvimento humano de sua construção teórica, assim como a história do desenvolvimento humano é baseada na relação que o mesmo estabelece com a natureza, cultura e a história de tais transformações, ou seja, a passagem do homem biológico ao cultural. Contudo, cabe ressaltar que o desenvolvimento biológico não é um elemento de descarte na abordagem histórico-cultural ao priorizar o aspecto cultural, mas sim, compreendendo que o fator biológico é reconstruído, adquirindo uma nova configuração e uma nova importância no desenvolvimento humano.

Para Martins (2011, p.347) no que se refere ao início do desenvolvimento humano, “a criança quando adentra na cultura, não somente toma algo dela, não apenas se enriquece com o que está fora dela. A própria cultura reelabora em profundidade a composição natural da conduta, dando uma orientação completamente nova a todo curso do desenvolvimento”. Assim, observamos que a cultura é reconstruída pelo sujeito em todas as fases de seu desenvolvimento.

Ao examinar interpretações das relações entre o indivíduo, a realidade social e o seu desenvolvimento, ele aponta três modelos de sóciogênese que são: Aprendizado harmônico; Fusão; Contágio. A primeira interpretação, parte da ideia de que a sociedade fornece o que se deve apreender “transferindo” conhecimento, onde o indivíduo em desenvolvimento é colocado para ser um participante dessa sociedade. Já como um “conhecedor” dos meios disponíveis de ação e conhecimento, o sujeito em desenvolvimento é “socializado”, vindo a ser inserido harmoniosamente no mundo social. (VALSINER, 1992; WERTSCH,1998) A segunda interpretação, parte da ideia da fusão, enfatizando a junção dos aspectos sociais e pessoais, onde dispensa necessidade de configurar peculiaridades estruturais dos mundos sociais e pessoais. E a terceira interpretação busca a noção de contágio social, o qual implica na metáfora de doenças contagiosas, permitindo a compreensão da sóciogênese como um processo pelo qual a interação social afeta o sujeito por meio de mecanismos semióticos, vírus. Há o pensamento muito importante que possibilita a ideia de que o sujeito pode neutralizar ou resistir a tais “infecções” através de formas de imunidade, por meio de sua intersubjetivação, o que possibilita novos meios e olhares de perceber o mundo social.

Seguindo este mesmo pensamento, os autores Valsiner (1994) *apud* Wertsch (1998, p.97) argumentam ainda que “as explicações da sóciogênese devem dar conta de exemplos de “relatividade social máxima”, bem como de exemplos de “independência aparentemente total” do sujeito em relação ao mundo social. Essas possibilidades diversas só podem ser abrangidas por um modelo bidirecional de transmissão cultural, uma vez que os modelos unidirecionais supõem uma fixação quanto ao que está para ser transmitido e uma passividade do destinatário da transmissão. Esse modelo bidirecional também deveria enfatizar o papel ativo do sujeito em formação, cujo funcionamento baseia-se em mecanismos transformacionais”.

Ao analisar o termo intercultural, Porcher (2004) aponta que tal termo contempla a dos aspectos relacionais, interacionais entre identidades, indivíduos e grupos, o qual implica necessariamente numa reciprocidade e eliminação de barreiras. Assim, o

aspecto intercultural da pesquisa tem como instrumento principal a linguagem, que segundo Rommetveit (1979) é um fenômeno completo e genuinamente social, onde o interlocutor, por meio do diálogo e da interação em pares, podem alcançar uma realidade social perfeitamente compartilhada, porém sem deixar de considerar as relações simétricas e assimétricas que há na relação com o outro, produzindo configurações multifacetadas, com múltiplos significados, construindo estados da intersubjetividade.

Partindo da compreensão da construção de tal intersubjetividade, poderá ser encontrado dentro deste elemento intercultural para serem analisados e refletidos, possibilitando a compreensão sobre feminilidades da cultura local. Neste sentido, a autora Fraxe (2009, p.08) aponta que:

"Todas as culturas, independentes de serem consideradas tradicionais ou modernas, possuem uma estruturação dos seus elementos que garantem sua coerência e sentido para o grupo que dela compartilha as lógicas adotadas por esses povos são funcionais. Além disso, as sociedades não estão isoladas no tempo e espaço, distanciadas uma das outras, elas estabelecem conexões e vínculos entre si. A vida urbana, por exemplo, necessita da produção agrícola e extrativista da vida rural para sobreviver, em contrapartida as sociedades rurais precisam estabelecer trocas com o mundo urbano-industrial" (FRAXE, 2009, p.08)

O processo de construção cultural da Amazônia se deu pela miscigenação entre o mestiço imigrado, caboclo, negro, branco, índio, zambo-cafuz e o curiboca. No decorrer dos séculos, originou-se uma população amazonense multicultural, fruto também da invasão europeia. A identidade cultural original da mulher e do homem amazônico perde um pouco de suas referências anteriores, o qual é compreendido pelo choque cultural, assim, buscam uma identidade<sup>6</sup> própria e nova forma de vida que possibilite equilibrar uma nova cultura com a conservação da natureza, benefícios do progresso do mundo moderno (BATISTA, 2002; LOUREIRO, 2002). Ao me reportar aqui sobre a construção cultural na construção das feminilidades na região amazônica, tendo em vista o choque cultural, entendo que elas existam de maneiras diversas de comunidade para comunidade, de sujeito para sujeito e dentro das mesmas surjam

---

<sup>6</sup> O Termo Identidade, para Ciampa (1984) traz o sentido de identificação ou representação do meu *estar-sendo*, ou seja, refletem a estrutura social e reagem sobre ela conservando-a ou a transformando. Contudo, ressalto que o objetivo do projeto não é explicitar sobre identidade, desta feita não irei aprofundar e faço apenas uma breve conceituação.

características únicas e singulares, assim, excluindo o fator naturalizador e universalizante sobre a feminilidade que está dentro de uma determinada cultura.

Com isto, os sujeitos estão posicionados a sofrerem preceitos de sua cultura, pois é nesse local em que vivem, se sustentam, se educam, que constrói a família, que estabelecem novas relações, que têm suas religiões e adorações, que cultuam superstições e tabus e se movem por meio dos valores e incentivos que dispõe da cultura a qual pertencem. Constroem historicamente suas relações e modos de produção, porém são nestes fatos que sujeitos não pertencentes à mesma cultura sedimentam no imaginário social confabulações, representações, imagens, ideologias sobre a cultura e, da mesma maneira, ocorre na região amazônica e, conseqüentemente, tais imaginários sociais recaem sobre a população que habita a região. (WAGLEY, 1998; TRINDADE, 2008)

E neste imaginário social, são criados "olhares" que caminham de um extremo ao outro, construindo estereótipos, padronizações culturais, estigmatizações culturais, invisibilizando a população, seus potenciais e seus processos de subjetivação singulares e ricos. Portanto, a proposta desta dissertação se baseia em compreender esses aspectos culturais por meio da interculturalidade, compreender como as culturas "atravessam" o sujeito e como as culturas se interrelacionam na construção do processo de subjetivação das feminilidades.

Neste sentido, muitas ciências e seus discursos intelectuais e sexistas contribuíram para o entendimento das performances masculinas e femininas baseados exclusivamente no fator natural – dimorfismo sexual – e no fator cultural para padronizar e limitar comportamentos em interno e público. Perrot (1991) cita um intelectual Pierre Roussel que contribuiu no enrijecimento antagônico das relações, onde escrevia para um jornal ideológico de sua época "sugerindo" os homens biologicamente mais fortes e as mulheres fracas. Seus amigos e seguidores, unindo-se ao mesmo pensamento, escreveram dois livros – denominado "História Natural das Mulheres" – onde afirma que macho é macho apenas em certos momentos, mas fêmea é fêmea durante toda a sua vida. Entretanto, me oponho a estes pensamentos, uma vez que se encontram novas concepções de acordo com o "olhar" que é lançado para os fenômenos, os quais se baseiam em experiências do senso-comum, a fim de alcançar e firmar um poder. Portanto, fazer uma análise somente de seu ponto de vista e levando em consideração somente a sua realidade, negando as diversidades, no mínimo, é fomentar o enrijecimento do machismo.

Para Stearns (2007) esse entrelaçamento e divisão das relações são um tanto confusos, já que podemos encontrar diversas configurações nas relações de acordo com o período histórico. Shulamith Firestone, em seu livro intitulado “A dialética do sexo”, cita Engels ao concordar que existe a necessidade básica de examinar a sucessão histórica de eventos da qual nasceu o antagonismo a fim de descobrir nas condições assim criadas os meios de acabar com o conflito.

Rosaldo (1979, p.116-117) afirma que "uma vez substituindo nossa imagem da relação cultura /natureza, podemos enquadrar a cultura neste caso como uma pequena clareira dentro do sistema natural amplo. Deste ponto de vista, o que é intermediário entre a cultura e a natureza fica localizada na periferia contínua da clareira da cultura [...] Agora podemos começar a entender como um único sistema de pensamento cultural pode frequentemente referir-se a mulher como completamente polarizada e aparentemente com significados contraditórios [...] então estamos numa posição melhor para avaliar estas "inversões" culturais e históricas, nas quais as mulheres estão de uma maneira ou outra simbolicamente ligada à cultura e os homens a natureza". Enfim, há necessidade de compreender as feminilidades de acordo com os contextos históricos e culturais, uma vez que variam muito de cultura para cultura e em períodos históricos diferentes com tradições particulares.

De acordo com Lampher (1979, p.98-99) destaca três dados importantes para a construção de tal concepção sobre as mulheres que são:

[...] três tipos de dados serão suficientes: (1) o elemento de ideologia cultural e as colocações informativas que explicitamente desvalorizam as mulheres e com elas, seus papéis, suas tarefas, seus produtos e seus meios sociais com menos prestígio do que os relacionados aos homens e às funções masculinas correlatadas (2) esquemas simbólicos, tais como a prerrogativa de violação, que poderão ser interpretadas implicitamente como uma colocação de avaliações inferiores (3) as classificações sócio-estruturais que excluem as mulheres da participação no, ou em contato com algum domínio no qual reside o maior poder da sociedade [...] geralmente qualquer um deles será suficiente para salientar a inferioridade feminina numa dada cultura.

Por fim, busco nessa dissertação entender as construções culturais e as implicações na construção das feminilidades e discutir de onde partiram tais concepções para que este fato de inferioridade e submissão fosse colocado como uma característica universal.

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1. Tipo de Pesquisa**

A metodologia da pesquisa se baseou numa pesquisa qualitativa, tendo em vista a necessidade lançar um olhar como um todo para a problemática de gênero e suas implicações culturais interculturais na construção das feminilidades a partir de suas histórias de vida.

Foi realizada uma pesquisa de campo de caráter exploratório, com enfoque qualitativo. A pesquisa exploratória segundo Gil (2008) proporcionou uma maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e ajudando na construção de hipóteses. Com isto, foi realizado um levantamento bibliográfico, entrevistas sobre a história de vida das mulheres e, posterior análise que possibilitaram a compreensão de suas vivências. Neste sentido, a pesquisa qualitativa mostrou-se flexível e possibilitou analisar o objeto de estudo nas entrelinhas ou em relação ao “não dito”.

A pesquisa qualitativa foi um elemento importante por considerar o processo como um todo, onde o conhecimento é uma constante construção aproximando o pesquisador do seu objeto e enriquecendo o processo de análise de dados. Assim, tal perspectiva qualitativa pode ser considerada como uma via de acesso às subjetividades e a compreensão das implicações na construção de sentidos de feminilidade por meio da cultura que está inserida, nas interseções sociais, classes, etnias, econômicas, históricas, que implicam diretamente na construção de sentidos.

### **2.2 Campo de Pesquisa**

A pesquisa foi realizada no bairro do Puraquequara, localizado na zona leste do Município de Manaus/AM. A comunidade de Puraquequara surgiu na primeira década do século XX, formada inicialmente por 23 famílias ribeirinhas que se instalaram nas margens do rio Amazonas, vindas das calhas dos rios Madeira, Purus e Juruá.

O nome Puraquequara vem de um peixe chamado poraquê, também chamado de enguia-de-água-doce, então Puraquequara significa Morada do Poraquê. Assim, O leito do rio Amazonas passou a ser morada dos habitantes de Puraquequara durante as quatro

décadas seguintes. A ligação com a cidade de Manaus era feita somente através de barco, aonde os moradores iam para sua produção de carvão e farinha. Alguns dados coletados sobre o campo de pesquisa não apresentam documentos oficiais, assim, sabe-se das histórias por meio dos moradores que mantêm vivo a linda história da formação do bairro. O primeiro nome dado ao local foi Vila do Puraquequara.

A primeira vila veio se formar inicialmente na margem do rio Amazonas, com o aumento de moradores, na maioria em busca de atividades alternativas de sobrevivência após o declínio do comércio da borracha, por volta de 1918. Com o crescimento da vila, logo se transformou em Comunidade, onde a atividade econômica principal passou a ser a produção de farinha de mandioca e carvão vegetal, além da pesca como principal meio de subsistência.

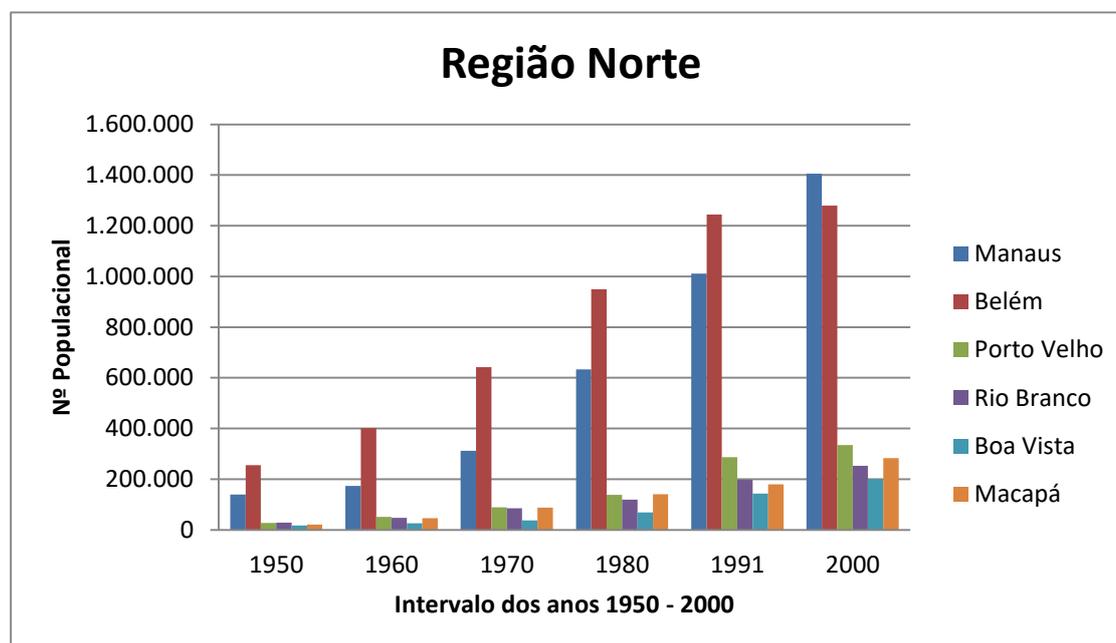
Sua história retrata do início da década de 60, que se tratava de uma comunidade situada à margem do rio Amazonas, chamada popularmente de “beiradão”. O crescimento da comunidade tem ligação estreita com o crescimento da cidade de Manaus<sup>7</sup>. Na década de 60, com a criação da Zona Franca de Manaus, as transformações sociais, econômicas e culturais na vida dos moradores da cidade, tomaram uma velocidade sem precedentes.

Com a implantação da Zona Franca de Manaus, o volume populacional teve um grande aumento na cidade de Manaus em relação a outros estados da Região Norte, como aponta o gráfico abaixo:

---

<sup>7</sup> Para Roberta Andrade (2013) Manaus concentra um volumoso contingente populacional, vindos de diversas regiões do estado brasileiro. Esses são frutos dos curtos e longos períodos econômicos vividos pela região amazônica, no que tange ao período da Borracha e do Projeto da Zona Franca de Manaus.

GRÁFICO 1 – Distribuição da população nas capitais da região norte – 1950-2000



FONTE: Recenseamento do Brasil 1970 – 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível no Site: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>

Fazendo uma analogia ao aumento populacional<sup>8</sup>, é semelhante como se toda a população de Porto Velho, Rio Branco, Macapá e Boa vista, em 1970, se mudassem para Manaus.

O fluxo migratório em direção a capital se intensificou novamente na perspectiva de encontrar na cidade um modo de vida adequado, digno, prosperidade e emprego. Em razão desse crescimento, emergem novos bairros que acabam demandando infraestrutura urbana para atender as necessidades básicas de seus moradores. (ANDRADE, 2013)

Nesse desenvolvimento desenfreado, com o tempo, surge para até então comunidade, a denominação de Bairro. Na década 1990, a comunidade cresceu novamente, com a implantação pela prefeitura de um assentamento onde foram instaladas 300 novas famílias. As obras de pavimentação começaram em 28 de agosto de 1990 e foram concluídas no mesmo ano. A partir de então, a comunidade ganhou o reconhecimento de bairro e está registrada na Lei 671/02 do Plano Diretor do Município, em seu artigo 44.

<sup>8</sup> Ressalto aqui que não foi colocada a cidade Palmas, pois não apresentava dados referentes aos anos no intervalo de 1950 – 1970.

O Puraquequara é um dos bairros que forma a zona leste da cidade de Manaus, localizado aproximadamente a 35 km em linha reta do centro da cidade. Seu acesso é por meio da estrada que tem seu início na feira do produtor, tendo sua extensão geográfica até a comunidade do Bom Sucesso no Tabocal. Atualmente o bairro é formado por vinte e três comunidades, entre elas: Bela Vista, Giró, Boa Vista, Mainã, Ipiranga, Progresso, Monte Herebe, Jatuarana – sendo esta localizada a margem do rio Amazonas, Igarapé do Inferno, Santo Expedito, Ns. De Nazaré, Ierê, Igarapé da Castanheira, Agrícola João Paulo, Santa Luzia, entre outros que constituíram a história vida e de luta dos moradores do bairro. Contudo, vale ressaltar que essas comunidades foram incorporadas somente no ano de 1990, formando o atual bairro de Puraquequara. (SILVA, 2008)

O desenvolvimento do bairro, assim como da cidade de Manaus, foi um grande vetor de integração entre as culturas, como aponta o gráfico abaixo:

QUADRO 1 – Quadro comparativo dos Censos de 1960 a 2010 do Brasil, da Região Norte e do Estado do Amazonas

Região	Grandes Regiões e Unidades da Federação	1960 <sup>1</sup>	1960 <sup>1</sup>	1970 <sup>1</sup>	1970 <sup>1</sup>	1980 <sup>1</sup>	1980 <sup>1</sup>	1991 <sup>2</sup>	1991 <sup>2</sup>	2000 <sup>2</sup>	2000 <sup>2</sup>	2010 <sup>2</sup>	2010 <sup>2</sup>
		Urbana	Rural										
	BRASIL	32.004.817	38.987.526	52.904.744	41.603.839	82.013.375	39.137.198	110.875.826	36.041.633	137.755.550	31.835.143	160.925.792	29.830.007
N	Região Norte	1.041.213	1.888.792	1.784.223	2.404.090	3.398.897	3.368.352	5.931.567	4.325.699	9.002.962	3.890.599	11.664.509	4.199.945
N	Amazonas	239.659	481.556	409.278	551.656	869.020	580.115	1.501.807	601.094	2.104.290	708.795	2.755.490	728.495

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

(1) População recenseada. (2) População residente.

Segundo o IBGE (2010) a população soma 5.856. Conforme o censo 2010 a população de Puraquequara é distribuída entre homens e mulheres, onde masculina representa 3.044 habitantes e a população feminina 2.812.

A escolha do local se deve pela constituição histórica do local, pela forte característica migratória e pelos modos de produção desenvolvidos pelas moradoras e moradores. Os elementos culturais no bairro são diversos, onde famílias foram constituídas pelos migrantes tanto de outros municípios do Estado do Amazonas quanto de outros estados brasileiros. Carregam elementos interculturais que foram importantes para análise e construção dessa pesquisa.

Para efetivação da pesquisa, foi necessário contatar a Associação de Moradores do bairro de Puraquequara. Atualmente a Associação funciona como ponto central de todas as articulações políticas e sociais do bairro, bem como incentiva os moradores a se tornarem responsáveis pelo local em que vivem.

### 2.3. Participantes da Pesquisa

A pesquisa inicialmente teve como proposta a realização de entrevista sobre a história de vida com seis mulheres, no entanto, foram realizadas cinco entrevistas para análise e apresentação nesta dissertação. Utilizei o critério de saturação empírica e teórica para definir a quantidade de entrevistas que fossem de acordo com o objetivo proposto.

Para Fontanella (2011) no que tange a dimensão empírica, se dá pelo fato do pesquisador já possuir as informações referentes aos objetivos propostos pela pesquisa e, a dimensão teórica diz respeito à relação entre o campo e o pesquisador, o qual passa a não produzir mais as informações necessárias. A saturação teórica ajuda a determinar quando o pesquisador deve finalizar o processo de coleta de dados.

Desta maneira, os dados coletados das mulheres para posterior análise foram estruturados da seguinte maneira:

QUADRO 2 – Caracterização das participantes da pesquisa

NOME	IDADE	RELIGIÃO	NATURALIDADE	PROFISSÃO	SEXO	LOCAL DA ENTREVISTA
Zilda	52	Evangélica	Amazonas	Dona de Casa	Feminino	Na residência da entrevistada
Elza	47	Espírita	Amazonas	Auxiliar de Limpeza	Feminino	Na residência da entrevistada
Quitéria	81	Católica	Amazonas	Aposentada	Feminino	Na residência da entrevistada
Martha	54	Católica	Interior do Amazonas - Manacapuru	Microempresária	Feminino	No local de trabalho, seu mercado
Bertha	47	Católica	Amazonas	Serviços Gerais	Feminino	Na residência da entrevistada

FONTE: Pesquisa de Campo, 2016

A partir dessa configuração, deu início para a estruturação das primeiras análises, que posteriormente emergiram os núcleos de significação sobre feminilidades, as influências culturais e interculturais.

## **2.4 Critérios de Inclusão e Exclusão dos participantes da pesquisa na amostra**

As participantes incluídas foram mulheres maiores de 18 anos, que morassem no bairro de Puraquequara e que tivessem vínculo com a Associação de moradores do Bairro de Puraquequara.

Para os critérios de exclusão foi considerado a não assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e a não disposição, por parte da moradora, para responder a entrevista sobre sua história de vida. Ressaltando também que a mesma poderá desistir de continuar participando, tendo o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

## **2.5 Instrumentos**

### **2.5.1 Entrevista sobre História de Vida**

O instrumento escolhido para fazer a coleta de dados, foi a Entrevista sobre a história de vida das mulheres, suas vivências, não seguindo um roteiro fixo (ANEXO B), para que assim a entrevistada pudesse ficar livre para falar sobre suas vivências e sobre os aspectos mais significativos de suas vidas.

O curso metodológico desse tipo de entrevista permite a compreensão de uma maneira ampla sobre os significados expressados pelas entrevistadas, contribuindo para interpretação que dará o sustento da análise posterior e evitando generalizações.

Para Soares (1994) existem muitas técnicas de coleta de dados na abordagem qualitativa, mas a história de vida ocupa um lugar de destaque entre elas. É por meio da história de vida que se pode captar o que ocorre nas interseções individuais com o campo social, ou seja, olhar para própria vida de forma retrospectiva, onde o momento presente torna possível uma compreensão mais aprofundada do momento passado.

Como qualquer outro instrumento, esse tipo de entrevista requer certos cuidados. As entrevistas de história de vida envolvem recordações, lembranças, memórias, portanto, trabalham diretamente com a seletividade dos fatos, o que faz com que a entrevista aprofunde um assunto e afaste outro. Mas carrega a importância de compreender que é a narrativa de vida de cada um, é a maneira como é relatada, reconstruída ou do modo como pretende que seja sua, portanto, é o narrador que decide o que narrar. (FARIAS, 1994; BOSI, 1994)

Dessa maneira, a entrevista de história de vida torna-se um instrumento valioso para refletir os pontos em que se cruzam a vida individual com os contextos sociais, culturais, históricos, entre outros.

Neste sentido, esse instrumento sob o paradigma da Psicologia Sócio-histórica permite a aproximação do pesquisador com o seu objeto, assim como o acesso ao processo de subjetivação, na compreensão dos sentidos de feminilidades e as influências culturais e interculturais. (AGUIAR; OZELLA, 2001)

Para a construção da entrevista de história de vida, foi necessário elaborar um Questionário Sóciodemográfico, o que permitiu investigar dados importantes sobre o contexto em que vive, como: Local de moradia, idade, profissão, religião, estado civil, escolaridade, naturalidade, nível sócio econômico, se tem filhos ou não. Após o preenchimento dos dados, iniciou a entrevista de história de vida, a partir do ponto que a mulher entrevistada elegeu como importante para iniciar.

O material utilizado para compor a coleta de dados foi um diário de campo, gravador de áudio no qual registrei as situações observadas durante a entrevista, registrando as percepções sobre o contexto em que se deu a entrevista, bem como as reações comportamentais e manifestações afetivas através das expressões verbais e não-verbais.

## **2.6 Procedimentos de coleta de dados**

Os procedimentos adotados para análise dos dados seguiram as seguintes etapas:

1. Após a vinculação com a Associação de Moradores do Puraquequara, por meio de seus membros, foi indicada uma mulher para participar da entrevista sobre história de vida.

2. Após estabelecer o primeiro contato, foi realizado o agendamento de cinco visitas em duas semanas na residência da mulher entrevistada, a fim de tirar as dúvidas sobre a pesquisa e formar uma vinculação para fazer a entrevista.

3. Com o aceite de participação voluntária, foi apresentado para a mesma o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ANEXO A), o qual ressalta aspectos como: gravação em áudio da entrevista realizada, o sigilo da pesquisa, bem como o manejo ético dos dados obtidos, a confidencialidade do participante, consulta a participante caso surja alguma dúvida acerca da resposta obtida, esclarecimento das perguntas a serem desenvolvidas e a solicitação da assinatura do termo;

4. Em seguida, a entrevista de história de vida foi realizada no espaço de sua residência em que preservasse a integridade das participantes, assim como o sigilo proposto pela pesquisa.

5. Com isto, cada entrevista teve a duração média entre 50 a 120 minutos. Tempo este para estabelecer um *rapport inicial* e para o preenchimento dos dados sócio-demográficos para com a mulher entrevista. Em seguida, iniciava-se a entrevista de história de vida, onde a mesma elegia um ponto inicial para falar sobre suas vivências.

6. Ao final de cada entrevista, foi oportunizado um espaço para colocações da participante, encaminhamentos se a mesma desejar, agradecimento pela participação e outras colaborações, se tivesse, para a pesquisa. Ressalto que após terminar a entrevista, perguntava se a mesma tinha alguma pessoa para indicar para fazer uma entrevista. Caso tivesse, buscava o contato e iniciava todos os procedimentos acima citados, caso contrário, solicitava indicação da Associação para continuar a pesquisa.

## **2.7 Análise dos dados**

Como método de organização, os dados obtidos das entrevistas foram transcritos integralmente e, posteriormente separados em uma planilha do Software Excel 2013 para iniciar o processo de análise por meio dos Núcleos de Significação.

A proposta de utilizar os Núcleos de Significação se baseia na ideia de que para compreender a fala de alguém, não é apenas necessário entender suas palavras, é necessário compreender também os seus pensamentos, é preciso apreender os significados da fala. (AGUIAR e OZELLA, 2006)

Para construir os núcleos de significação foi necessário cumprir procedimentos dentro da proposta teórica-metodológica da sócio-histórica em pesquisa qualitativa. Segundo Aguiar e Ozella (2006) é necessário primeiramente realizar uma pré-análise, chamados de Pré-indicadores, que por meio de uma leitura flutuante do material transcrito, permite organizar e destacar os processos subjetivos emergidos durante a entrevista; o segundo procedimento são os Indicadores e Conteúdos temáticos que permitem aglutinar os pré-indicadores, seja pela similaridade ou complementaridade ou contraposição, assim, permitindo ao pesquisador caminhar entre os possíveis núcleos de

significação; a última etapa é a Construção e Análise dos Núcleos de Significação que é o processo de articulação que resultará na organização dos núcleos de significação.

Seguindo essas etapas, foram construídos os seguintes núcleos de significação e suas subdivisões.

QUADRO 3 – Núcleos de Significação

NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO	SUBDIVISÕES DOS NÚCLEOS		
<b>Atravessamentos Empoderadores</b>	Processo Migratório como esperança de uma vida melhor	Cultura marcada pela exclusão	Construção Intercultural das Feminilidades
<b>Poder de Agência como Elemento empoderador</b>	Casamento como estratégia de enfrentamento	Trabalho como elemento empoderador	
<b>Construção dos Sentidos de feminilidade</b>	As Feminilidades		

FONTE: Pesquisa de campo, 2016

Os núcleos encontrados são decorrentes das histórias de vida das mulheres e suas particularidades culturais e formas de pensar sobre suas vidas. Para González Rey (2003) o pensamento é um processo psicológico, não somente por sua constituição cognitiva, mas por ser sentido subjetivo, pelas significações e as emoções produzidas, os quais se articulam em sua expressão.

Diante desta perspectiva, o significado não se forma por associação entre a palavra e a coisa denominada, não decorre de mera repetição de associações. Um dos principais equívocos dessa interpretação está em que a formação do significado é um ato associativo como qualquer outro: “a palavra evoca seu significado com a mesma exatidão com que o casaco de uma pessoa evoca essa pessoa ou o aspecto exterior de uma casa evoca as pessoas que a habitam”. Por esse mecanismo, o significado se estabelece a partir de um determinado momento, mas não se desenvolve efetivamente, pois, embora a associação possa admitir mudanças em termos de ampliar ou restringir o significado, essas mudanças são quantitativas e externas, não qualitativas. (VYGOTSKY, p. 289, 1993)

Com isto, a metodologia escolhida favoreceu a compreensão dos sentidos produzidos pelas mulheres, os seus discursos frente à própria construção enquanto mulher, sobre os sentidos produzidos mediante a cultura que estava inserida e as influências políticas, sociais e econômicas que perpassam o bairro Puraquequara.

## **2.8 Análise de riscos e benefícios**

No que tange aos aspectos de riscos, ressalto que em qualquer pesquisa que envolva seres humanos, não serão isentos de risco. Desta forma, para minimizar esse aspecto, antes de realizar a entrevista sobre a história de vida com as mulheres, fiz visitas, durante duas semanas, as residências dessas mulheres ou nos locais que elas estavam como no exemplo de Martha que se encontrava no Comércio que administrava.

Essa estratégia foi adotada para que as mulheres tirassem suas dúvidas acerca da pesquisa, conhecer a pessoa que estava realizando a pesquisa, a instituição no qual estou vinculado e sobre a importância ética do sigilo. Informar sobre os meus objetivos para que elas decidissem participar ou não da pesquisa.

Foi ressaltado também que, se durante a entrevista houver emergência de um conflito intrapsíquico ou a mobilização emocional por parte da participante, será disponibilizado o Suporte da Equipe de Psicologia do serviço de atendimento psicológico no “Centro de Serviço de Psicologia Aplicada”, na clínica-escola do curso de psicologia da UFAM.

A participação das mulheres não apresentaram riscos de causar danos às integridades físicas, ideológicas e profissionais. Contudo, enfatizei o compromisso com o sigilo ético que envolve a pesquisa, a fim de resguardar as identidades delas, informações e opiniões.

Quanto aos benefícios da pesquisa, proporcionou um momento de expressão de suas vidas, as reflexões que faziam em cima do que contavam. Isso contribuiu para fomentação da discussão sobre gênero e o ponto de vista das mulheres sobre essa temática.

## **2.9. Pedidos de autorização junto à instituição**

O pedido de autorização para a utilização do espaço para a coleta de dados no bairro de Puraquequara, foi através da Associação de Moradores de Puraquequara. Para autorização, foi elaborado um documento pelo atual Presidente da Associação, dando consentimento sobre a pesquisa, atestando que as informações sobre a pesquisa lhes foram passadas (ANEXO C). Ressaltando também que o início da pesquisa seria somente mediante avaliação e aprovação do Comitê de Ética de Psicologia – CEP.

## **2.10 Aspectos Éticos da Pesquisa**

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram respeitadas as normas, os termos, as diretrizes e definições para a elaboração da pesquisa que envolve seres humanos previstos na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde que orienta pesquisas realizadas com seres humanos e, que inclui também, o manejo das informações e materiais.

Para tanto, a referida pesquisa apresentou ao Comitê de Ética. Utilizaremos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado e datado pelos sujeitos da pesquisa, bem como a autorização da instituição onde foi realizado a pesquisa. Ressalto aqui a aprovação do CEP, o qual tem como número de protocolo de aprovação 1.673.444.

### 3. CONTRUÇÃO DAS HISTÓRIAS DE VIDA

#### 3.1 – Martha - *“prefiro assistir qualquer jogo de futebol do que assistir essas novela”*.

Martha, 54 anos de idade, mãe de quatro filhos, microempresária, nasceu no município de Manacapuru e mora a 37 anos no bairro de Puraquequara. Passou sua infância e adolescência em Manacapuru e aponta ter tido uma boa infância, onde brincava e aproveitava o estilo de vida rural que a família levava, *“lá era uma vida muito boa, né, só era... tipo assim, interior, interior mesmo, gostoso mesmo, a gente estudava e comia, brincava”*.

Aos 15 anos de idade, mudou-se para o bairro de Puraquequara em virtude do falecimento de seu avô que morava no bairro, *“a gente veio morar pra cá por causa que o meu avô faleceu, aí minha vó ficou sozinha, aí meu pai veio, a gente veio de mudança assim no barco com toda bagagem pra ficar com ela, né, pra ela não ficar só. Inclusive, não era aqui nessa vila, era no lago. Aí depois minha vó morreu, meu pai vendeu o terreno, (dinheiro) pra dividir, né”*. Ressalta que ao chegarem no bairro de Puraquequara, não havia luz, água e estrada, o qual dificultava qualquer tipo de acesso à localidade, tendo como único meio de acesso, o barco.

Após três anos de sua chegada no bairro, Martha conheceu o seu marido e casou-se. Aponta que o casamento foi uma maneira de ajudar a sua família, *“aí como na época que eu vivia com meus pais eu não consegui porque meus pais não tinham condições, aí eu também eu pensei que quando eu casasse eu ia ter”*. Com o casamento, teve seu primeiro filho e naquele momento decidiu criar os filhos, enquanto o marido iria trabalhar, *“Aí eu me dediquei só a ele, a família, trabalho doméstico”*. Com o passar do tempo, Martha e seu marido decidiram abrir um comércio e, a partir desse momento, Martha começou a trabalhar no comércio e a gerenciar as compras e finanças, tendo bastante êxito, *“depois a gente resolveu colocar um comércio, aí eu comecei trabalhar no comércio”*.

Martha conta que sempre gostou de fazer duas coisas – trabalhar e jogar futebol. Conta que sempre trabalhou ajudando os pais no que eles necessitavam. No que se refere ao futebol, ressalta que o bairro necessitava de *“algo para ajudar os meninos*

*daqui” e encontrou no futebol essa alternativa. Dessa maneira, criou um time de futebol e foi presidente do time Puraquequara Futebol Clube, “Fui presidente do time dos homem, tem esse troféu aí ó. Era a única coisa que eu me divertia era com o time. A gente levava o time pra jogar, colocava o time no campeonato, né, Peladão, a gente participava do Peladão. Eu ganhei troféu como melhor dirigente ainda, foi em 2013”.*

Todas as ações referentes ao futebol frente a comunidade era ela a responsável, se destacando no comando do time e também no Amazonas *“a gente tinha uma relação muito boa. Aqui... aqui era tudo, né? Aqui a gente fazia reuniões, a gente fazia eventos, a gente reunia o time, tudo era aqui, fazia café da manhã, fazia lanche, fazia tudo. Inclusive, eu te... eu fiz... eu fiz até reportagem pro SporTV. Veio pessoal fazer reportagem porque... aí aqui no Amazonas foi duas mulher que foi... que uma era técnica, era técnica do time e eu era presidente”.*

Martha foi casada por 33 anos, teve quatro filhos durante a relação. Há três anos tomou mais uma decisão importante na sua vida, foi o de se separar *“Aí... me separei por causa de traição mesmo, traição, durante toda a minha vida eu fui uma pessoa que eu sempre trabalhei junto com ele pra gente construir, ter as coisa, preservar a família que era o que mais eu... eu tinha dentro de mim era preservar minha família, mas aí o lado dele não correspondeu, aí eu achei melhor separar, eu tomei a decisão e separei”.*

A tristeza desencadeada pela separação fez com que Martha transformasse em uma alavanca para buscar objetivos que havia colocado como segunda opção em sua adolescência, os estudos, *“por um lado assim eu fico triste, né, porque era uma coisa que jamais eu queria, a separação, jamais eu pensava. Mas chegou um ponto que não... não deu pra mim suportar viver com ele, jamais, foi uma traição muito... muito grande. Aí eu me sinto assim um pouco triste, mas, por outro lado, eu me sinto assim mais... tô até pensando em estudar agora”.*

Embora tenha encontrado dificuldades após o término do casamento, Martha decidiu seguir até o momento gerenciando sozinha o comércio e afirma ter mais liberdade, *“eu moro aqui eu gosto muito, adoro, criei meus filho aqui, trabalho, tenho esse comércio aqui, quando eu quero fechar eu fecho, saio, vou dormir”.*

Dessa maneira, após a compreensão e análise da história de vida de Martha foram encontrados núcleos de sentido que construíram sua feminilidade, que são: Poder de Agência; Casamento como estratégia de subversão social; Trabalho como Instrumento empoderador; Atravessamentos empoderadores.

### **3.2 Zilda - “ao lado de grande homem há uma grande mulher e o homem não manda mais no seu corpo”.**

Esta é a história de vida de Zilda, tem atualmente 52 anos de idade, evangélica, nasceu em Manaus, no bairro Compensa e mora a 18 anos no bairro de Puraquequara. Sua mãe nasceu no interior do Rio Madeira, a qual chama de Jenipapo e mudou-se com a família para Manaus para buscar uma vida nova, já que tinha uma filha de 3 anos e estava viúva. Já seu pai, nasceu no Ceará e mudou-se sozinho aos 18 anos de idade para Manaus, após a morte de seu pai, para buscar uma maneira de sustentar sua mãe e seus irmãos mais novo, *“ele veio pra Manaus, lá era família dele... assim, o pai dele faleceu, né, ele era o mais velho e ele veio de lá pra cá pra Manaus pra tentar a vida quanto a mãe dele ficou lá com os outros irmão pequeno. Ele veio pra cá pra trabalhar pra mandar recursos pra mãe dele pra ajudar os outros irmãos dele”*.

Seu pai, meses após sua chegada em Manaus, conheceu a sua mãe, a qual na época vendia sopa no mercado Adolpho Lisboa, *“então, a minha mãe trabalhava ali vendendo sopa e levava a filha dela mais velha que tinha 13 anos que é minha irmã. Então, lá, ela trabalhando, meu pai já era pedreiro, mestre de obra. Aí meu pai a conheceu. Todos os dias o papai ia tomar”*. Conta que um dia seu pai chegou e sua mãe estava com uma filha de 3 anos chorando de fome, *“minha mãe falou que era porque ela tava com fome, mas ela não poderia dar a sopa pra menina porque ela teria que pagar e meu pai perguntou se queria um pai pra filha dela e a minha mãe disse que precisava de uma pessoa pra criar ... ajudar ela a criar aquela menina. E o meu pai perguntou se ela queria casar com ele, queria ficar com ele, ela aceitou disse que queria, né”*. Assim, meses após o conhecer, ficou gestante de Zilda.

Zilda coloca que a gravidez de sua mãe foi problemática. Brigas, separações, violências verbais e psicológicas com o seu marido, *“foi muita luta, muito sofrimento, no decorrer da gravidez, meu pai abandonou ela, ele era muito mulherengo, depois voltou pra casa...as vezes já dormia fora ele, muitas briga entre eles”*. Ao falar sobre esse período, relembra que aos 3 anos de idade, seu pai abandonou novamente a sua mãe, assim essa decidiu, *“aí a minha mãe resolveu me dar pra uma mulher, né? Uma mulher que era prostituta e essa mulher, ela fazia os ponto dela, pro lado da Feira Moderna, que tinha aquele pavilhão onde ficava os carregadores e ela me deixava numa redinha velha lá nesse pavilhão onde ficava os carregadores ali de banana”*. Ressalta a decisão foi tomada por sua mãe não ter condição de criar, uma vez que já

estava grávida de outra criança, *“porque ela não tinha condições, ela já tinha a minha irmã mais velha, já tava grávida de outro e eu já tava e o meu pai nessas situações sempre brigando, sempre se separando e como ela viu que meu pai era muito achegado a mim, era muito apegado a mim o quê que ela fez? Ela achava que... disse, “eu vou dar ela, né, que... pra vê se ele muda, faz alguma coisa”, né? Chamar atenção do meu pai”*.

Após meses sobre os cuidados dessa mulher, Zilda adoeceu contraindo Sarampo e o aparecimento de um tumor em sua barriga, *“eu tava muito doente, muito doente mesmo, nasceu um tumor na minha barriga pro lado de fora, eu já tava muito magrinha mesmo, debilitada. E aí a minha mãe resolveu ir num... procurar o juiz”*. Através de medida judicial, Zilda voltou para sua mãe e seu pai voltou para casa, *“o juiz mandou chamar meu pai, meu pai veio, né, e foi esclarecido a situação, né. E mandaram me buscar lá na casa dessa mulher”*. Sua infância foi marcada por vulnerabilidades e por idas e vindas do interior, já que sua mãe fazia constantes visitas a família que morada no interior.

Zilda foi alfabetizada pelos familiares, uma vez que viajava com bastante frequência para o interior e sua avó, mãe e tio ajudavam na sua educação, *“a gente estudava em casa porque lá perto da casa da minha vó não tinha escola, era muito longe. A escola era no Rio Madeira”*. Conta que sua mãe decidiu voltar definitivamente para Manaus, após descobrir que seu pai estava tendo relação com outra mulher, *“e a minha mãe chegou de surpresa, meu pai não esperava. E teve uma briga entre eles, né, e a mulher foi embora e meu pai ficou só e a minha mãe... minha mãe botou mesmo quente, disse que ia pra justiça de novo e meu pai resolveu ficar duma vez com a minha mãe”*.

Recorda que sua mãe adoeceu, tendo a necessidade de ser internada, assim, seu pai ficou com a responsável e internou Zilda na Casa da Criança, onde deixava pela manhã e buscava no final da tarde, *“aí meu pai, ele arranhou uma mulher, minha mãe hospitalizada e ele já não ia me buscar mais, eu já ficava dormindo no colégio e ali eu apanhei apanhava ali das mulheres que cuidavam...aí a madre superiora, conseguiu encontrar o papai e falou pra ele, né, as responsabilidades dele, que ele teria que ir me pegar todos os dias, ela só podia nos dar um canto ali durante um dia, E aí meu pai voltou a me pegar de novo”*.

No desenvolver de sua história, lembra que a fase mais difícil de sua vida foi na adolescência por dois motivos. Primeiro motivo foi que seu pai desempregado pedia

esmola na rua e para ajudar, começou a trabalhar como doméstica aos 14 anos para ajudar no sustento da família, *“ele pedia esmola pra nos sustentar. E ali até que depois de muita luta, ele conseguiu a aposentadoria dele. Aí ele casou minha irmã mais velha, que não é filha dele. Aí nós já távamos tudo adolescente e qual era a maneira da gente ajudar? Trabalhar em casa de família. Aí começou, cada um ele colocou em casa de família, ali a gente estudava e fazia o que a gente podia fazer, naquela casa de família”*.

O segundo motivo, foi por sua mãe ter a obrigado a casar ainda adolescente. Conta que aos 15 anos começou a trabalhar em uma empresa no Distrito Industrial, na área de soldagem. Após um ano trabalhando na empresa, começou a receber com frequência bilhetes anônimos pedindo para que ela o encontrasse na parada de ônibus em frente a empresa, contudo, Zilda gostava de um rapaz que morava próximo de sua casa, *“eu tinha gostado de um rapaz porque eu... a gente só se olhava, mas eu gostava dele”*. Com isto, ela nunca ia para parada de ônibus, pois gostava desse rapaz e também por medo de seus pais descobrissem algo, *“meu pai era um cearense daquele da gema mesmo, namorou casou, ele era muito rígido meu pai. O meu pai, ele era muito bravo, muito bravo mesmo. Ele não queria a gente em casa de ninguém, ele não queria a gente na rua, ele não deixava a gente sair, meu pai e minha mãe, eles eram muito mesmo, assim, no estreito, né”*.

Lembra que um dia, sua amiga a fez perder o ônibus e ao chegar na parada de ônibus estava um senhor, *“ele veio andando, ele veio vindo pro meu lado e falou, “até que enfim você me esperou depois deu ter mandado tanto bilhete”. Eu tomei um susto, eu fiquei assim apavorada, porque eu tinha 16 anos, ele tinha 33 anos”*. Recorda que esse senhor mentiu conhecer o seu pai *“ele não conhecia meu pai, meu pai não conhecia ele, tudo foi uma armação. Quando chegamos em casa, eu estava muito cansada, era um dia de sexta-feira, apresentei ele pra minha mãe e disse, “tá aqui pai”. Aí eles sentaram lá, meu pai pediu um café e fui tomar banho e me deitar que eu estava muito cansada e dormi”*.

No sábado pela manhã foi acordada por sua mãe dizendo que estava noiva, *“no outro dia de manhã no sábado a minha mãe foi me acordar cedo, aí eu sentei na cama, eu digo, “diga”, ela disse, “tu tá noiva, tu vai casar”. Eu tomei aquele impacto tão grande que eu não namorava com ninguém”, ela disse, “é aquele rapaz que veio aqui, ele falou que vocês já tão namorando há três meses”*. Eu disse, *“não, não é verdade, nunca namorei com ele, mãe eu não conhecia ele, e ela disse “seu pai já concedeu, já*

*deixou e eu também”*”. Conta que a partir daquele momento sua vida tinha perdido todo o sentido e que ao explicar para o seu pai o ocorrido, este deixou para que a sua mãe decidisse e ela a obrigou a casar com um homem que não conhecia e ameaçou se matar caso ela não casasse, *“quando ele chegava, eu tomava banho, me arrumava e já pulava era a janela, eu não saía nem pela porta pra ele não me ver. Como a minha mãe viu e a minha mãe vivia me ameaçando dizendo que se eu não casasse com ele, ela ia se matar, que eu tinha que casar com ele”*.

Ainda que se negasse, Zilda casou-se com o homem que não conhecia e recorda que no dia do casamento, *“eu quis fugir, tentei, mas não consegui...voltei novamente pro matadouro... aí ele entrou rindo, aí foi a hora que chamaram os noivo lá pra dentro, eu disse, “não, eu não quero pegar nessa caneta, eu não quero meu Deus”...e eu tremia, tremia, um desespero muito grande dentro do meu coração, mas como a minha mãe, ela nos dirigia só com o olhar, ela olhou assim e disse “filha, assina, assina filha, te acalma que se tu não assinar tu vai ver o que eu vou fazer contigo. E eu peguei a caneta e assinei”*.

Aponta que após o casamento, sua mãe passou a frequentar todo o final de semana a sua casa e descobriu que ela estava se relacionando com seu marido, *“chegou um dia que a minha mãe foi pra lá dia de sábado, no final de semana minha mãe estava lá, mas minha mãe nessa época, ela bebia com ele vinho, se embriagava. Aonde teve um momento que eu vi eles... tá entendendo? Mantendo contato, mantendo relações, dentro... em cima da minha própria cama dentro da minha própria casa onde eu morava com ele”*.

Zilda recorda que foi abandonada na gravidez por seu marido e desde então não teve nenhuma notícia, *“foi debaixo de muitas circunstâncias, mas eu consegui trabalhar, lutar e criar ela, eu deixei ela com a minha irmã porque não tinha quem cuidasse e a minha irmã tomou de conta dela”*. Sua chegada em Puraquequara foi através de um outro relacionamento. Este era do Pará e a apresentou a Igreja Evangélica, a qual utilizou como estratégia para enfrentamento das dificuldades. Com este, teve outra filha e foi abandonada na gravidez.

Atualmente Zilda mora no bairro de Puraquequara e afirma que o bairro foi uma *“esperança para uma vida melhor”*, onde encontrou pessoas que ajudaram e ainda ajudam diante das dificuldades que enfrenta e hoje afirma que, *“a mulher, ela é um canal de benção na vida de um homem, porque tem pessoas que diz, eh... “atrás de um grande homem tem uma grande mulher”*. *Eu acho que esse vocabulário tá errado, ao*

*lado de grande homem há uma grande mulher e o homem não manda mais no seu corpo e eu não quero que minha filha passe nada do que passei*". Os núcleos de sentido encontrados na história de vida de Zilda foram: Construção da Feminilidade através do Poder de Agência; Atravessamentos Empoderadores; Cultura marcada pela exclusão.

**3.3 Bertha – “eu gosto de trabalhar de comunidade, voluntária, mas a gente não consegue sozinha, é difícil a gente conseguir hoje pessoas [...] meu marido dizia assim, “tu é muito besta, só trabalha...”, mas é por que é uma coisa que eu gosto, desde os meus dez anos eu trabalho”**

Bertha nasceu e se desenvolveu no Amazonas, especificamente no bairro de Puraquequara. Hoje com 47 anos de idade, católica, trabalha como Serviços Gerais em uma escola localizada no próprio bairro de Puraquequara *“o colégio é bem aqui pertinho, né? É descer aqui, não dá nem cinco minuto”* e se orgulha em ter acompanhado ativamente grande parte da construção histórica do bairro de Puraquequara.

Seus pais são do Amazonas. Seu pai nasceu no bairro Colônia Antônio Aleixo e mudou-se com a família na adolescência para o bairro de Puraquequara para tentar uma vida melhor. Sua mãe não fora diferente, morava no interior do Amazonas, município de Juruá, localizado na região sudeste do Amazonas. Junto com toda sua família, saíram de Juruá para tentar chegar no município de Manaus, *“A minha mãe veio... veio de barco (rimo) pegando carona de motor em motor assim, né”*. Contudo, ao chegar em Manaus, encontraram uma comunidade chamada de Puraquequara, *“ela veio com os pais...e com os irmãos e com os avós, minha mãe, de lá de Juruá, né? Aí vieram também. Eles chegaram aqui assim porque veio primeiro um irmão dela, veio vê pra onde que eles iam porque lá não tinha mais meio de vida, né? Assim, de ganho. Aí eles vieram atrás. Aí só que... aí encontram aqui o bairro do Puraquequara. Bairro não porque naquele tempo era comunidade”*.

Sua família encontrou no bairro de Puraquequara uma esperança para sair das condições precárias que se encontravam em Juruá, *“aí vieram assim sem eira nem beira, vieram atrás assim para... como trem de pouso, eu vou parar aqui, aqui eu vou pousar, foi assim que eles vieram. Agora, sem nada. Aí começaram, aí arranjaram, fizeram logo amizade, aí deram um terreno pra eles morar, aí começaram a fazer plantação. Mas antes a minha mãe falava que eles pegavam peixe, porque eram pescador,*

*pegavam peixe, mas não tinham farinha, que chegaram na época de alagação não tinham farinha, comiam com... com milho, fazia aquele tipo cuscuz, né”.*

Bertha nasceu no bairro de Puraquequara e ressalta as dificuldades que encontravam por morarem na várzea, *“a gente nunca tinha um terreno pra... não tinha terra, não tinha posses pra ter terra. Aí pessoal que doava assim, a terra pra gente morar. Quando tinha a gente vinha, o pai da gente trazia pra morar, fazia aquelas casinha tipo tapiri que o pessoal fala”.* Cresceu diante dessas dificuldades e teve como primeiro ensinamento: o trabalho. *“Quando eu nasci eu não... eu era a mais velha, nós só somos três, o meu irmão que era o meio era (agitinho), porque sempre o pai sempre tinha que ter um filho mais velho assim pra ajudar”.*

As dificuldades, os avanços, as mudanças do bairro foram acompanhadas pela Bertha. Além de trabalhar com os pais, trabalhou junto com uma missionária Belga chamada Irmã Gabrielle Gorgel, enviada pelo Convento Marquês de Santa Cruz no bairro de São Raimundo que chegou no ano de 1971 para ajudar no desenvolvimento da Comunidade, principalmente na mudança das famílias que moravam na área de várzea para a terra firme.

Foi nesse cenário que Bertha conheceu o seu marido, o qual criticava em alguns pontos a sua vontade de trabalhar *“eu gosto de trabalhar de comunidade, voluntária, mas a gente não consegue, é difícil a gente conseguir hoje pessoas que... que trabalhem voluntário[...] meu marido dizia assim, “tu é muito besta, só trabalha...”, mas é por que é uma coisa que eu gosto, desde os meus dez anos eu trabalho”,* mas isso não era um impedimento para ela, uma vez que já havia sido bem desenvolvida sua autonomia. Ressalto que Bertha não apontava o marido como obstáculo para o seu trabalho, mas como um aliado nessa luta, onde ele a ajudava.

Bertha recorda que há alguns anos seu cunhado era um homem muito doente, assim, sua mãe resolveu fazer uma promessa para que ele ficasse curado, *“meu cunhado, que é aqui do lado que é meu compadre também, aí ele vivia muito doente, vivia só com uma dor. Aí a minha mãe, como era muito devota de São Pedro, ela disse, “menina, eu vou fazer uma promessa”, e fez uma promessa, se ele fica bom... aí eu todos os anos, se ele ficar bom... eu vou... eu vou dar, assim, no dia de São Pedro, eu vou dar tacaca, mingau pra comunidade, o pessoal que passar na rua eu chamo e dou”.* Era assim que ela fazia e pois num é que ele melhorou.

A partir dessa iniciativa ela começou a se envolver com os trabalhos comunitários e decidiu criar uma dança de quadrilha que com o tempo se transformou

na Ciranda de São Sebastião, “*o pessoal convidava nós, né, e nós fomos. Aí fomos pra Liga do São José nós tiramos em segundo lugar*”. Atualmente, a Ciranda de São Sebastião se apresenta em diversos eventos folclóricos do município de Manaus há mais de vinte anos.

Bertha recorda que após alguns anos de casada, sua mãe teve um derrame e por esse motivo decidiu parar de trabalhar para cuidar exclusivamente da mãe, a qual necessitava de cuidados especiais, “*Aí minha mãe tava... pegou derrame, minha mãe pegou derrame, eu que tinha... nós que tínhamos que cuidar dela, mas mais era eu porque ela... eu, assim, eu cuidei dela, botei... me mudei da minha casa, me mudei pra cuidar dela, por fim, pra casa dela com a minha família. Aí meu marido que me ajudava, né? Me ajudava*”. Contudo, logo seu marido adoeceu e faleceu, “*depois meu marido faleceu fiquei com os dois meninos, um de dez e uma de cinco pra cuidar deles, desempregada e tinha que cuidar da mamãe. Mas, graças a Deus, aí eu comecei... tinha dia que não tinha nada pra comer e eu desesperada o que era que eu ia fazer pra dar pros meus filho. Aí eu comecei a vender churrasco, vendia, graças a Deus, todo dia pra comer e comprar o pão dava*”.

Aponta que as dificuldades chegaram de uma só vez, “*Aí depois o meu... a minha mãe faleceu, meu pai faleceu... nessa época, foi assim, meu pai, aí passou poucos tempo meu marido, passou poucos tempo a minha mãe. Um atrás do outro, um atrás do outro mesmo porque a minha mãe adoeceu eu passei 13 anos lutando*”.

Bertha enfatiza que o cenário que se encontrava era desesperador, pois estava desempregada, com dois filhos para criar. Diante dessa situação, começou a vender churrasco na rua, a vender toalhas de tábua que havia aprendido com a Irmã Gabrielle e desse modo conseguiu criar os seus filhos. Após alguns anos, “*aí me envolvi com outro rapaz aí tive um filho que hoje ele tá com 14 anos. Eu tinha 37 anos, aí engravidei. Pior assim que eu não gostava do rapaz, foi um descuido*”. Após engravidar, Bertha decidiu não casar e nem se relacionar com o homem, pois acreditava ter condições de criar sozinha o seu filho, uma vez que não havia nenhuma afeto pelo pai da criança, “*também não quis ficar com o rapaz, mandei embora (eu mesmo crio) o meu filho*”.

Diante de tudo que viveu, agradece por todas as suas vivências, uma vez que a fortaleceu para enfrentar as dificuldades, “*foi muito difícil, muito difícil, mas, graças a Deus meus filhos tão aí já tudo empregado, só minha filha que tá desempregada*”. A história de vida de Bertha está baseada em núcleos de significação singulares encontrados durante a realização da pesquisa. Os núcleos de significação encontrados

durante a coleta foram: Poder de Agência; Construção da feminilidade; Processos culturais baseados na exclusão; Trabalho como instrumento Empoderador; Atravessamentos Empoderadores.

**3.4 Elza – “Aí, pô, quando eu entrei em crise eu não tinha dinheiro nem pra pagar passagem pra ir pro médico eu nunca fui de ficar pedindo as coisas dos outros né, nunca fui de ficar me lamentando, né. Eu enfrentava tudo. Quando bateu a crise, como não tinha dinheiro, tinha vez que eu ia a pé”**

Elza tem atualmente 47 anos de idade, trabalha como auxiliar de limpeza em uma escola próxima ao bairro de Puraquequara. Ressalta que da mesma forma que os moradores antigos do bairro, cresceu na várzea, *“eu morava lá na várzea eu só me lembro de... de correr muito, pela a praia que tinha que era enorme, então a gente vivia correndo, né, pelo meio dos mato. Depois eu já me lembro quando a gente veio pra cá pra terra firme que, ah, nós éramos muito, né, então não tinha muita comida não, mas a mamãe tinha bastante fruta”*.

Sua mãe é considerada a moradora mais antiga do bairro de Puraquequara, onde nasceu e se desenvolveu. Seu pai é migrante do Amapá e *“desceu o rio”* para morar no Amazonas. Aponta que seus avós também vieram para o Amazonas para buscar uma vida melhor, porém não recorda de qual localidade, mas afirma que são da região norte, *“é um... é um estado mesmo daqui perto do Pará, aqui mesmo na região Norte, é da região Norte, mas era um estado”*.

Ao recordar sobre a própria constituição familiar, Elza revela, *“eu acredito que uns 150 ou mais porque o meu bisavô que era coronel, era dono de terra aqui pra dentro”*. Seu bisavô, por parte de pai era Português, *“o meu bisavô por parte de pai que era... ele era português, ele casou com uma mulher bem negrinha, aí ficou aquela mistura de raça. Ele branco dos olhos azuis e a minha bisavó negra. Aí saiu as misturas”*. Já o bisavô por parte de mãe, *“Por parte de mãe o meu bisavô era coronel e o meu avô era inimigo dele. Mandavam mesmo, né. Minha vó era muito bonita, diz que ela era uma das mulheres mais bonita da época”*.

Ao retratar sobre o seu desenvolvimento no bairro de Puraquequara, Elza aponta que nasceu na várzea de Puraquequara, *“eu morava lá na várzea eu só me lembro de... de correr muito, né, pela... pela a praia que tinha que era enorme, então a gente vivia*

*correndo, né, pelo meio dos mato. Depois eu já me lembro quando a gente veio pra cá pra terra firme que, ah, nós éramos muito, né, então não tinha muita comida não, mas a mamãe tinha bastante fruta. Então a gente podia subir no pé e comer um dia todinho, por exemplo, só (berimbau), só goiaba”.*

Assim como grande parte dos moradores de Puraquequara, Elza iniciou o seu percurso escolar na tradicional Escola São Sebastião, “*A escola, eu aprendi a ler na segunda série, né, mamãe começou a botar a gente na escola bem cedo, a escola São Sebastião que tem até hoje, né. A escola sempre foi boa, nunca foi aquela escola de palha ou de madeira, eu já me lembro da escola de alvenaria*”. Contudo, aos treze anos de idade, Elza mudou-se para outro bairro de Manaus, mudando também para outra escola no município de Manaus. Sendo assim, “*então quando eu tinha 14 anos, 13, eu fui morar pra Colônia Antônio Aleixo, fui estudar pra lá, fui embora na casa dos outro. Teve uma casa que eu morei que (mano), os donos da casa foram embora, fiquei sozinha na casa. Menino tinha 14 anos, foram embora. Brigaram né, eles brigaram aí ela foi primeiro depois ele foi. Aí eu fiquei na casa*”.

Recorda que inicialmente teve grandes dificuldades, pois o casal com quem morava, brigou, separou e viajou, deixando-a sozinha, “*eles brigaram aí ela foi primeiro depois ele foi. Essa casa era de um conhecido deles que tava viajando...aí eu tive que ficar na casa. Não tinha nada, mas eu me virava, não tinha comida, não tinha nada na casa, nada*”. Elza passou duas semanas sozinha, porém uma vizinha percebeu a dificuldade e a convidou para morar com ela e após alguns meses, foi morar na casa de seu irmão em outro bairro de Manaus, “*aí, mas sempre tinha uma vizinha que ela me dava comida, né, ela me dava café da manhã. Aí depois eu fui morar com outra vizinha. Aí fui morar com meu irmão*”.

Aos 16 anos começou a trabalhar e aos 18 anos conheceu o seu primeiro marido. Aponta que ambos trabalhavam na mesma empresa zona franca de Manaus e ele tinha um cargo de gerência “*ele recebia muito bem*” tomou a decisão de casar pelo seguinte motivo, “*tinha 18 já. Eu era metidinha, aí eu casei, né, como eu morava na casa dos outros eu queria ter a minha própria casa*”. Com o sonho de ter sua própria residência, Elza casou-se, porém teve uma surpresa com o marido, “*aí eu não sabia, a primeira coisa que ele fez foi pedir a conta. Imagina. Pediu a conta, depois que eu casei eu descobri que ele tava desempregado. Aí, lembro...ficou desempregado simplesmente, não arranjou emprego e eu continuei trabalhando até que veio a crise do Collor*”.

Embora a crise tenha chegado e Elza tenha ficado desempregada, continuava a procurar emprego, porém seu marido não. No mesmo mês que foi demitida, descobriu que estava grávida, *“aí a vida foi difícil, porque ele não podia me sustentar e eu grávida, tive uma filha e fiquei grávida de outro no mesmo ano. Eu não tive o que fazer, engravidei de novo, né. Ele simplesmente não dava nada pra mim, nada, tive que me virar. Fui... fui... eu vendia as coisa na rua, né. Aí... e ia trabalhando assim”*.

Enfatiza que após muitos anos e muita insistência de seus familiares, tomou a decisão de deixar o seu marido, *“a minha vida ficou pra baixo, pra baixo, enquanto eu não me separei dele a minha vida não melhorou. Ele não podia ver, assim, todo dinheiro que ele via, ele gastava, ele virou alcoólatra”*. Apesar desse contexto, esperou o marido arranjar um emprego para que assim o deixar, *“eu esperei ele conseguir um emprego, eu disse, “ele vai conseguir um emprego e aí eu vou deixar ele”*.

Após quatro anos separada, Elza começou outro relacionamento, *“Esse segundo foi pior do que o primeiro. Foi horrível o segundo”*. Trabalhava como cobradora de ônibus e o conhecia há dois anos. Quando o conheceu, ele havia terminado um casamento a pouco tempo. No início do relacionamento, conta que este a ajudou a construir uma casa no quintal de sua mãe, contudo, morava no apartamento de seu companheiro. Ressalta que sofria com as atitudes de seu companheiro, *“Aí fiquei com ele e logo ele me proibiu, eu fui meio abestada mesmo, né, eu não podia mais conversar com meus colegas de ônibus, eu não podia mais de jeito nenhum e queria logo ir viver comigo, eu fui apressada...toda apaixonadinha fui viver com ele. Aí quebrei a cara. Não, não quebrei a cara, ele quebrou minha cara”*.

Conta que após o início de seu relacionamento, passou a viver presa, *“ele vivia me ameaçando, eu não podia olhar pra ninguém, não podia falar com ninguém, nem que eu fosse na empresa direito. Ele tinha ciúme de mim e dos meus sobrinhos. Ele me falava que eu tinha que viver dentro de casa, presa. É o que acontece na televisão, que você pensa que nunca vai acontecer com você. Eles têm um poder de convencimento muito grande. E a gente acaba achando que... que não vai acontecer de novo”*.

Sua família novamente insistiu para que Elza o deixasse e ela aceitou e se separou. Conta que, *“eu sempre fui muito livre, como é que eu deixei ele fazer isso comigo”*. Aponta que posteriormente a separação, seu ex companheiro descobriu que estava com câncer em estado avançado e após três meses da descoberta, faleceu.

Atualmente mora em sua casa que foi construída no quintal da casa de sua mãe e trabalha em uma escola próxima ao bairro de Puraquequara. Com isto, os núcleos de

significação encontrados na história de vida de Elza estão atrelados ao Poder de Agência, feminilidade marcada fortemente pelas relações conjugais e o aspecto intercultural na sua constituição enquanto sujeito.

### 3.5 Quitéria - *“Sou filha do Puraquequara”*.

Quitéria atualmente tem 81 anos de idade, católica, aposentada e é considerada a moradora mais antiga do bairro de Puraquequara. Seu pai nasceu no Acre e migrou aos 18 anos de idade para Manaus buscando uma vida melhor através do grande aumento de vendas de madeira, *“ele tinha 18 anos, então quando ele chegou aqui, chegou na Terra Nova. Então tinha aqui no Puraquequara tinha lenha de tonelada que vendiam lenha fina pros navios...aí ele vinha de Terra Nova todo dia, aí tirava lenha fina, aí voltava na mesma noite. Aí arranhou esse... casou com a mamãe”*.

Sobre a sua mãe, aponta que conviveu até os cinco anos de idade e ressalta que *“a minha mãe eu não sei, eu não convivi com ela. Só até cinco ano, então nós éramos proibida de... de conversar com a mamãe porque ela teve o erro dela, né, então papai era muito enérgico, aí proibiu a gente de falar com ela, a gente não conta dela não, nada mesmo”*.

Explorando os motivos que levaram o seu pai a tomar a decisão, Quitéria enfatizou que *“naquele tempo os homens eram muito geniosos, não era como hoje, né, aí, ele mandou ela embora. Aí ele ficou com as quatro crianças que tinha...aí, ele não consentia mais a gente falar com ela de jeito nenhum. Aí nós ficamos com a no... com a avó, com a mãe dele. O vovô e a vovó era cearense...era bem enérgico eles”*.

Recorda que seu pai ensinou tudo o que sabe até hoje, *“agora o papai, ele era um homem muito sabido, ele já veio do Acre com a quinta série naquele tempo, que era o último ano era a quinta série mesmo”*. Ao comentar sobre como foi a criação com a avó, *“nós se criamos sem amor, sem carinho, sem... sem nada porque ele trabalhava na balata, ele passava um mês, a gente ficava aí com os avós, avó era muito ruim com a gente, mas nem por isso... tudo casou-se”*.

Ao falar sobre sua vida, lembra com bastante afeto o fato de ter nascido em Puraquequara e em ter casado no bairro, *“aí com 20 anos eu me casei, as outras se casaram...fui filha daqui do Puraquequara. Eu sou filha do Puraquequara, aqui desse lugar”*.

Casou-se com 20 anos de idade e passou 40 anos casada e teve 17 filhos, *“não era aquele amor de... aquela beleza tudo porque, hoje em dia, a pessoa quando não trabalha porque é preguiçoso, porque tem jeito pra tudo pra pessoa trabalhar pra ganhar um dinheiro. Quer dizer, que tem vezes que tem...então a gente, muito pobre, todos ano tinham um filho. Ele era muito trabalhador, muito trabalhador mesmo”*.

Afirma que quando o conheceu, decidiram construir uma vida para poderem dar uma estrutura para sua família, assim ela o acompanhava em todos os trabalhos na roça, *“trabalhava com ele na roça, aí ele pescava, ele matava às vezes três pirarucu de uma vez, dois pirarucu, ele trabalhava na roça, você veja esse terreno aqui, tudo eu tenho o documento aí, tá tudo no meu documento, tudinho”*.

Como havia citado que todo ano tinha um filho, conta que *“aí, hoje em dia a mulher tem um filho, não pode trabalhar porque tinha um filho. E tinha... todos ano tinha um filho e não me empatou de trabalhar, Trabalhava com ele na roça”*. Ressalta que ambos passaram por muitas dificuldades financeiras, assim como o acesso a alimentação fora a pesca, contudo conseguiu criar os filhos, comprar um terreno e aos poucos construiu uma casa, a qual mora até hoje, *“a gente não tinha dinheiro pra comprar um pão. Pão era muito difícil, pão vinha pela... um homem vinha vendendo de canoa, aqueles pãozão desse tamanho assim, mas ninguém não tinha dinheiro pra comprar pão não”*.

Aponta que alguns filhos morreram, alguns ao nascerem e outros quando criança, já que o acesso a outro bairro ou à saúde era difícil naquele período, assim uma pequena febre ou infecção poderia levar a óbito. Embora tenha vivenciado todas essas dificuldades, Quitéria coloca que *“assim eu fui criando os filho, fui criando, aí os filhos começaram já ajudar. Um se empregou na Olaria. Aí assim como eu fui criada no trabalho, eu criei as minhas filha. Você veja que tem... elas são oito mulheres, eram três homem, mas um faleceu. Aí elas tudo são casada”*.

Recorda que acompanhou diversas mudanças no bairro como a luz, estrada, escola, Igreja, entre outros. Ressalta que essas começaram a partir da chegada das freiras, *“aí chegou as freira no Puraquequara, aí elas foram vendo a situação do pessoal...a que levantou Puraquequara, ela era da Bélgica. Ela que levantou esse Puraquequara. Então, ela chegou, aí entendeu de tirar o colégio de lá, que nesse tempo já tinha colégio né, e botar aqui pra terra firme, aí botar uma pessoa pra morar. Aí foram vindo”*.

Aos 58 anos de idade, se aposentou através do trabalho com a agricultura. Atualmente com 81 anos de idade, conseguiu através do trabalho na agricultura junto com o seu marido criar e a educar todos os filhos. Embora o bairro apresentasse diversas dificuldades, afirma nunca ter saído do bairro e enfatiza, *“eu não sei se é por que eu sou... sou daqui da terra mesmo, mas eu acho aqui no Puraquequara, eu acho que é o melhor que tem pra morar é o Puraquequara”*.

Por fim, os núcleos de sentido encontrados na história de vida de Quitéria estão agrupados em: Casamento como estratégia de subsistência; Construção da feminilidade marcada por lutas; Poder de Agência; Influência das Missões Católicas.

### **3.6 DISCUSSÃO**

#### **3.7 Poder de Agência – Elementos empoderadores**

Trago neste capítulo o núcleo de significação encontrado durante a pesquisa que é o Poder de Agência e irei ilustrar esse conceito com falas das mulheres que chegaram neste núcleo de significação. Contudo, vejo a necessidade de explanar antes, um pouco, sobre o que vem a ser esse conceito de Agência.

Pensando sobre este conceito de agência, Sherry Ortner (2007) faz uma analogia de “jogos sérios” com o conceito de agência, partindo da ideia de que a cultura e os seus diversos arranjos constroem as pessoas como tipos particulares de atores sociais<sup>9</sup>, levando em consideração que suas vivências concretas a transformem e ela transforme o mundo em que viva. Nesse sentido, a autora nos remete a algumas reflexões importantes. A primeira reflexão se dá pela dimensão da intencionalidade e agência da subjetividade dos atores sociais, onde a ação de intencionalidade caminha para algum propósito invariavelmente, onde os atores sociais não são livres, mas estão sempre articulando as suas intenções e ações diante das estruturas sociais que os circundam. Neste sentido os atores sociais dentro de suas redes de relações, teriam menos agência, logo suas ações seriam de acordo com a intencionalidade e a complexa relação de poder e solidariedade que estão envolvidos. O segundo ponto de reflexão é o consenso de que

---

<sup>9</sup> Para Ortner o agente social é todo ator social que têm agência, contudo está sempre dentro de uma complexidade de relações sociais, não sendo livre. Com isto, sua inserção se dá pelas relações de solidariedade e, em contraponto, pelas relações de poder.

a agência é universal, mas que é definida culturalmente, assim a agência torna-se uma característica universal dos grupos humanos.

Neste aspecto cultural da agência, Sherry Ortner chama este aspecto de política de agência. Nessa política de agência, os atores sociais começam a ser empoderados de maneira diferenciada, uns em detrimento dos outros, em relações dialéticas, construindo no final – que não é final, mas um novo ponto de partida - agências de poder. Considera então a agência de poder como uma forma de poder disponível ao ator social, aqueles que estão em condições de “dominação” teriam maior agência, porém quem está “dominado” teria também poder de agência, por meio das práticas de resistência e luta. Logo, pode-se colocar que a agência dos atores sociais, ou aqui na dissertação chamo pelas mulheres participantes, funciona como uma luta para manter sobre um campo de discussão as questões de poder, repressão, opressão, quando ninguém mais quer falar sobre eles.

O Poder de Agência construído pelas mulheres da pesquisa foram importantes para que elas desenvolvessem cada vez mais autonomia, enfrentando um sistema machista imposto pela sociedade que elas fazem parte. Elas conseguiram em alguns momentos subverter a condição de opressão nas relações sociais que faziam parte, como é colocado nas falas abaixo:

"Quando eu queria tirar a minha habilitação, ele falava muito que... que, “caboclinha de interior, quer tirar carteira pra quê”. Sempre assim, humilhava[...] Ele falava, “cabocla do interior quer tirar carteira”? “Nunca vi caboclinha do interior querer tirar carteira”. Tipo assim, não queria que eu crescesse entendeu! [...] Aí eu consegui tirar minha habilitação, tenho meu carro. Aí eu me sinto mais livre um pouco... Assim, trancos e barrancos... Lutando, mas consegui" (Martha)

“Ficava um monte de boi dele no meu terreno, comendo tudo meu, aí teve um dia que chegaram falando “mataram o boi do seu Pedrinho, eu não sei quem foi”. Digo, “você não sabe quem foi não?”, ele disse, “eu não sei quem foi, não descobriram quem foi”, eu disse, “foi eu”, “foi a senhora?”, eu digo, “foi, eu não matei porque ele não morreu, mas botei pra matar, mas se vir de novo eu ainda vou matar mais um, e tem uma coisa, se a polícia vier me buscar aqui eu vou, mas se o Pedrinho vier me buscar eu não vou”. (Quitéria)

As estratégias desenvolvidas pelas mulheres mostraram o poder de agência que tinham diante das circunstâncias em que eram submetidas. Algumas delas, enfrentaram isso de uma outra maneira, mas utilizaram-se da agência nas suas relações conjugais:

Aí fiquei com ele e logo ele me proibiu[...]eu não podia mais conversar com meus colegas de ônibus, eu não podia mais de jeito nenhum [...]depois de seis meses ele já quebrou logo minha cara pra mim aprender[...]ele vivia me ameaçando[...]eu não podia olhar pra ninguém não podia falar com ninguém[...]nem que eu fosse na empresa direito. Ele tinha um ciúme horrível. Ele tinha ciúme de mim e dos meus sobrinhos...eu denunciei ele, eu fiz exame de corpo delito, denunciei. Os cara queriam prender ele, mas eu não quis prender ele. Aí... mas eu voltei com ele logo, não demorou muito não eu fui morar com ele de novo, mas eu penso hoje... eu sempre fui muito livre, como é que eu deixei ele fazer isso comigo, eu sou desse tipo assim, mais de... de juntar, de pagar as contas, de ser certinho tudo. E ele não, queria saber de gastar, por isso ele me chamava de irritante" (Elza)

Aí... me separei por causa de traição mesmo, traição, durante toda a minha vida eu fui uma pessoa que eu sempre trabalhei junto com ele pra gente construir, ter as coisa, preservar a família que era o que mais eu... eu tinha dentro de mim era preservar minha família, mas aí o lado dele não correspondeu, aí eu achei melhor separar, eu tomei a decisão e separei." (Martha)

A luta contra o machismo imposto pela relação – cabe ressaltar que relação construída por ambos - possibilitou o despertar de novas atitudes para elas. É interessante observar as diferenças nas falas das mulheres, em que Elza vive a dificuldade de se desvencilhar da relação, enquanto Martha decide por contra própria terminar algo que não lhe fazia bem. Percebo aqui que o machismo não se trata de uma relação, mas de um sistema de relações impostas pela sociedade, pela cultura, pela localidade, pela época, em que essa mulher é submetida, ditando a intensidade ou não desse sistema e a intensidade ou não do poder de agência.

Dessa maneira, a agência constrói uma rede social para que as mulheres consigam transpor formas de poder impostas a elas, da mesma maneira que lhes dá poder e força para enfrentar. Seguindo este pensamento, Pedro Pereira (2010) resalta um brilhante pensamento sobre o poder de agência. Coloca que não está em ato heroico ou extraordinário, mas na caminhada para o cotidiano, no preparo diário da alimentação, na empresa, em casa, na arrumação e na organização dos afazeres, no cuidado e no cultivo das relações que está inserida, são essas ações que possibilitam a criação de discurso, de voz e de empoderamento. Assim, na persistência de zonas de silêncio nas quais a emergência da voz se dava muitas vezes não pelo dizer, mas pelo mostrar, resalta que o mostrar não emerge somente pelas narrativas ou reivindicações, mas na atuação diária de modos de viver.

Michel De Certeau (1997) dá um exemplo muito prático para entender a amplitude e a importância do poder de agência. Utiliza do exemplo dos índios no período que foram colonizados e usurpados no período da colonização espanhola e

portuguesa, onde mesmo diante de uma situação de total dominação consentida, por meio de suas práticas de rituais cotidianos, subvertiam a ordem imposta pelos colonizadores. Com isto, “utilizavam” e “consumiam” os produtos dos espanhóis e português, mas usavam dentro desse sistema próprio, de acordo com sua lógica. Utilizavam e consumiam os conteúdos culturais, as ideais ou os valores, mas não passivamente, vez que se apropriavam de tal material resignificando-o e gerando pequenas mudanças nas estruturas que estavam submetidos, promovendo pequenas subversões que constituíam práticas de resistência às imposições sociais que, por inúmeras vezes, não são percebidas como elas realmente são.

É o caso das mulheres apontadas aqui:

"Eu creio que essas mulheres assim, elas têm que olhar no espelho, olhar pra elas e dizer que elas... elas existem, elas são importantes para Deus, importante para família, para os filho, né, elas são importante nessa terra, nesse mundo. Então eu creio assim que elas têm que se levantar, erguer a cabeça e voltar a viver de novo, lutar e ser feliz. Tá entendendo" (Zilda)

"eu moro aqui eu gosto muito, adoro, criei meus filho aqui, trabalho, tenho esse comércio aqui, quando eu quero fechar eu fecho, saio, vou dormir, não tenho quem me segure... me, assim, fala, “você não pode fazer isso”, mas tô nem aí, vou e faço, sou minha. (Martha)

Buscavam em sua prática diária, independentemente de sua natureza, subverter as condições desfavoráveis em relação ao seu modo de viver, utilizando das mais diversas estratégias como a religião, o cuidado do lar, na construção das relações conjugais, entre outras, mas com o propósito desses serem uma ponte para desenvolver mais ainda a autonomia.

O poder de agência das mulheres pode ser colocado como um aglomerado de elementos que as empoderaram para que conseguissem sair ou ao menos tentar sair de uma condição de subjugação. Por fim, elas conseguiram, cada uma de um modo singular, de acordo com cada contexto em que estavam inseridas, transpor uma dificuldade e protagonizar o próprio desejo.

### **3.7.1 Casamento como estratégia de enfrentamento**

O Poder de Agência envolve inúmeras estratégias de enfrentamento à condição social, econômica, cultural, entre outros, mas que converge sempre na luta. Para Pierre Bourdieu (1999) estes enfrentamentos são constituídos por meio das experiências nos campos sociais que o sujeito caminha e pela interação social que constrói o que o autor

chama de *habitus*. Nesta lógica, o sujeito, incorporado pelos sistemas de disposições, desenvolve habilidades que irão orientar a agir, a pensar, a sentir – mesmo que seja de forma inconsciente – determinados jogos de poder. Há então uma rede complexa e dialética, que da maneira que é transformada pelo *habitus*, o Poder de Agência também o transforma, na medida que suas estratégias são orientadas para alcançar ou realizar seus projetos.

Uma das estratégias encontradas pelas mulheres foram o casamento:

"E meu pai perguntou se a minha mãe queria um pai pra filha dela, né, e a minha mãe disse que precisava de uma pessoa pra criar aquela... ajudar ela a criar aquela menina. E o meu pai perguntou se ela queria casar com ele, queria ficar com ele, ela aceitou disse que queria, né [...]"Porque ela não tinha condições, ela já tinha a minha irmã mais velha, já tava grávida de outro e eu já tava. E o meu pai nessas situações sempre brigando, sempre se separando. Então não tinha condições, que ela não trabalhava, ela não tinha outro meio de recursos pra sobreviver" (Zilda)

"Essas minhas filha[...]Aí casaram tudo cedo, casaram tudo...e aí foi casando, foi casando...graças a Deus eu casei tudo, sei que quando vê, quando o meu marido faleceu, eu já só tinha... só tinha três"( Quitéria)

É evidente que o casamento foi uma estratégia que as mulheres utilizaram para enfrentar a condição de total miséria que viviam naquele período. As condições de precariedade, vulnerabilidade, falta de acesso ao básico – saúde, escola, luz, água, entre outros - que elas se encontraram, fizeram com que utilizassem do meio que tinham disponível naquele período, como é percebido na fala abaixo:

"o jeito foi casando. Aí como na época que eu vivia com meus pais, eu não consegui porque meus pais não tinham condições, aí eu também eu pensei que quando eu casasse eu ia ter, né". (Martha)

"Eu pedi a Deus todo dia que eu não queria que a minha família levasse a breca, casei os filhos todinho[...] a gente conseguiu esse terreno, aí vivia com dificuldade, mas, graças a Deus, casei todos ele, criamos os nossos filhos, todos são casados e tudo" (Quitéria)

Mas é válido ressaltar que a utilização desse recurso, não acaba com o sistema machista, que elas precisariam enfrentar, já que naquele período, algumas famílias que se encontravam em situação precária, utilizavam-se disso para sobrevivência. Assim, não importava o sofrimento que o casamento poderia causar para a mulher, mas sim, a manutenção dos bens ou sobrevivência individual:

"Eu não queria casar, Meu Deus, eu não queria casar. No dia do casamento, uma vizinha chegou perto de mim, porque ela viu que eu não queria casar e disse "olha, tu agora tu é casada, tu não manda mais em ti, agora quem

manda em ti é ele porque ele é teu esposo, tu vai ter que ir com ele, se tu não for com ele, acontecer alguma coisa com a tua mãe, tua mãe se matar ou alguma coisa parecida, tua mãe morrer de ataque do coração tu vai ser presa porque tu tá sendo cúmplice”. (Zilda)

Neste caso, a família tem um papel importante nessas escolhas, muitas vezes determinando o destino das mulheres, limitando-as ao casamento, aos afazeres domésticos e a maternidade, ditando o “lugar” da mulher. Deste modo, a responsabilidade da família constitui hoje e também no passado uma unidade de cooperação, baseado na possibilidade de efetivação de sobrevivência individual diante da precariedade das condições de vida, já que está inserida em um cenário capitalista. Com isto, passa a ter uma configuração onde o homem passa a viver com a mulher, no entanto, não partilha com ela a cozinha, afazeres, cuidados domésticos, cuidados com filhos, mas que a visita com regularidade e que com ela tem filhos (OLIVEIRA, 1985; COSTA, 1995). Pensando a partir das possibilidades do poder de agência, é na disponibilidade desses recursos que as mulheres conseguiram se desenvolver, iniciando no âmbito privado e mesmo diante de um sistema forte de opressão:

"aí a vida foi difícil, porque ele não podia me sustentar e eu grávida, tive uma filha e fiquei grávida de outro no mesmo ano[...] ele simplesmente não dava nada pra mim, nada, nada, nada. Eu tive que me virar. Fui... fui... eu vendia as coisa na rua, né. Aí... e ia trabalhando assim...Eu esperei ele conseguir um emprego, eu disse, “ele vai conseguir um emprego e aí eu vou deixar ele”, Aí nisso eu descobri... eu descobri que eu tinha vesícula. Aí, pô, quando eu entrei em crise eu não tinha dinheiro nem pra pagar passagem pra ir pro médico eu nunca fui de ficar pedindo as coisas dos outros né, nunca fui de ficar me lamentando, né. Eu enfrentava tudo. Quando bateu a crise, como não tinha dinheiro, tinha vez que eu ia a pé" (Zilda)

“Aí como meus filhos eram pequenos ficava só... depois que eu botei o comércio eu tive mais um pouquinho de liberdade, que eu já tentei buscar as coisas, né, manter minha empresa”. (Martha)

As mulheres criaram estratégias de enfrentamento, sendo o primeiro passo o casamento e, dentro dele, dando pequenos passos para que desenvolvessem mais ainda a sua autonomia. Estratégias como estas, fizeram com que elas subvertessem uma condição de precariedade ou diminuíssem-na na condição atual de vida.

### **3.7.2 Trabalho como elemento empoderador**

Dentro do núcleo de significação, Poder de Agência, foi encontrado o trabalho como um forte elemento constituidor e empoderador das feminilidades das mulheres

entrevistadas. Contudo, vejo a necessidade de apontar aqui sobre o que chamo de elemento empoderador.

O termo empoderamento teve origem nos Estados Unidos da América, em virtude da irrupção das mulheres nos direitos civis, trabalhistas, entre outros. A partir de 1970, o termo empoderamento passou então a ser utilizado pelos movimentos feministas, tendo como essência todo acréscimo de poder que induzido ou conquistado, permite aos sujeitos ou no âmbito familiar, aumentar a eficácia do seu exercício enquanto cidadão. (FRIEDMANN, 1996). Então, o empoderamento induzido ou conquistado pode ser uma maneira das mulheres - ou qualquer outra pessoa - romperem com a situação de vulnerabilidade, violência ou qualquer outro tipo de opressão, criando mudanças, assim como maiores condições de agir, se transformando e sendo transformadora.

O empoderamento pode necessitar de agentes externos que atuem como intermediadores ou propulsores para que a mulher desenvolva esse elemento. Cabe destacar que há três tipos de empoderamento: empoderamento social, que diz respeito ao acesso à informação, ao conhecimento e na participação nas organizações sociais, entre outros; o empoderamento político, que envolve o processo de tomada de decisão, na participação das decisões coletivas, engajamento nos movimentos sociais, entre outros; o empoderamento psicológico, que envolve a capacidade dos sujeitos serem capazes de terem controle sobre a própria vida, na descoberta de potencialidades, construção de consciência crítica sobre suas atitudes e decidir sobre o que quer, o quê e quando fazer. (LORIO, 2002; FRIEDMANN, 1996)

As mulheres participantes da pesquisa, tiveram a oportunidade de terem agentes externos para lhe ajudarem, desde quando crianças a serem empoderadas diante de suas condições sociais e econômicas, através de simples ações como cuidar do irmão, estudar, trabalhar na roça com os pais para que quando adultas, desenvolvessem mais a autonomia e poder de decisão sobre suas vidas, como observado nas falas abaixo:

“Papai... como papai disse, “eu fui pobre...” mas assim, ele não gostava de deixar nós trabalhar no pesado, nós mulheres, ele dizia, “eu me mato trabalhando, mas não vou deixar minhas filhas trabalhando no pesado porque elas não são homem. Mas eu ia! [...]Eu ajudava ele carregar saco de carvão porque não tinha ninguém, nem que fosse um pouquinho, mas eu ajudava, eu e a minha irmã a gente... mandioca a gente ajudava carregar, (raspar), fazia farinha, tudo isso.” (Bertha)

“O problema mais foi assim, na luta mesmo no dia a dia que era tipo assim, eu era mãe, era o pai, era tudo. Entendeu? Ele sempre foi um pai distante, ausente assim dos filhos, não na parte financeira, mas na parte de tá ali, né, de cuidar, de ir pra escola tudo era eu. Tipo assim, eu... aí eu trabalhava no

comércio, trabalhava no comércio, ficava com os filho aí pequeno, trabalhei muito, muito mesmo. Mas não me arrependo porque era uma coisa que eu gostava de fazer, né" (Martha)

"Aí nós já távamos tudo adolescente e qual era a maneira da gente ajudar? Trabalhar em casa de família. Aí começou, cada um ele colocou em casa de família, ali a gente estudava e fazia o que a gente podia fazer, naquela casa de família" (Zilda)

Foram estes os primeiros passos que construíram e potencializaram a autonomia que elas possuem. Por mais que houvessem restrições, elas continuavam. O trabalho, além de empoderar, possibilitou que elas atuassem na própria comunidade, através de ações sociais, esporte, dança:

"Eu via que aqui era muito parado, via os meninos tudo sem fazer nada, aí pensei no futebol. Fui presidente do time dos homem, tem esse troféu aí ó. [...]era a única coisa que eu me divertia era com o time. A gente levava o time pra jogar, colocava o time no campeonato, né, Peladão, a gente participava do Peladão. Eu ganhei troféu como melhor dirigente ainda, foi em 2013 eu acho. A coisa cresceu e eu criei a diretoria de futebol, só por mulheres pra organizar as coisa. Mas eu gostava, a única coisa que eu gostava. " (Martha)

"eu e a minha prima começamos a fazer aqui uma quadrilha. Aí no outro ano aí já começamos fazer outra quadrilha, já foi com os maiores. Aí a gente inventava passo pra fazer. Nesses festivais nós vai, ainda não conseguimos ir pra Bola, porque é muita frescura. Eu fui chamando as minha colega, "você me ajuda porque a gente tem que botar a nossa comunidade pra frente, colocar esses jovem... esses jovem pra brincar porque é melhor eles ficarem com a gente do que eles tarem na... na malandragem" (Bertha)

Na ausência de políticas públicas, recurso ou o mínimo de estrutura para o bairro de Puraquequara, a própria comunidade trabalha para a comunidade. As mulheres participantes da pesquisa têm um forte papel, de impulsionadoras de movimentos sociais. O que elas aprenderam sobre a importância de trabalhar, passaram para seus filhos e para comunidade que fazem parte:

"Porque eu criei no trabalho. Dizem assim, "ah, hoje ninguém não bota uma criança pra trabalhar, porque é proibido". É por isso que tem muita marginalidade, porque é proibido as criança trabalhar, eu não tenho nenhum filho marginal, obrigada Jesus, porque eu criei eles trabalhando e estudando" (Quitéria)

"eu gosto de trabalhar de comunidade, voluntária, mas a gente não consegue, é difícil a gente conseguir hoje pessoas que... que trabalhem voluntário[...] meu marido dizia assim, "tu é muito besta, só trabalha..." mas é por que é uma coisa que eu gosto, desde os meus dez anos eu trabalho" (Bertha)

Foram pequenas frações de ensinamentos que as mulheres foram colecionando para que tivessem a possibilidade de se empoderarem, desenvolvessem autonomia e tivessem força para empoderar novas pessoas, agora atuando diretamente em sua comunidade. Isto foi um forte elemento de voz e visibilidade para elas nas diversas frentes de luta.

O empoderamento para as mulheres entrevistadas possibilitou o despertar de consciência crítica, o conhecimento sobre os seus direitos e deveres e também dos serviços públicos, ou melhor, a ausência desses. Amplia também os horizontes que vão além do ambiente doméstico que, em algumas impostas e outras consentidas, mas que atuam diretamente no seu protagonismo enquanto sujeito social, rompendo tal isolamento. A participação e atuação delas nos grupos sociais que construíram ou em grupos familiares auxiliam no desenvolvimento de autonomia tanto para si quanto para o outro, aumentando as redes sociais de mulheres e tecendo novos caminhos.

### **3.8 Atravessamentos empoderadores: a interculturalidade na construção das feminilidades**

#### **3.8.1 Processo Migratório como esperança de uma vida melhor**

O bairro de Puraquequara foi uma forte rota de migração. Para lá vieram migrantes de outros municípios do Amazonas e migrantes de outros estados brasileiros, com forte predominância de migrantes do Nordeste. Essas pessoas se relacionaram e formaram famílias no bairro de Puraquequara – naquele período denominada de comunidade.

“Todos daqui. Eh... exceção meu pai, né, que é do Ceará. Ele veio pra Manaus, lá era família dele... assim, o pai dele faleceu, né, ele era o mais velho e ele veio de lá pra cá pra Manaus pra tentar a vida quanto a mãe dele ficou lá com os outros irmão pequeno. Ele veio pra cá pra trabalhar pra mandar recursos pra mãe dele pra ajudar os outros irmãos dele” (Zilda)

“meu avô, pai da mamãe que é pa... eh... o pai da mamãe, ele não é daqui de Manaus não. É do... né Pará não, é...Não, o pessoal diz que eu sou... ((risos)) eu esqueci o lugar. É um... é um estado mesmo daqui perto do Pará, aqui mesmo na região Norte” (Elza)

Mas esse processo de migração não é algo somente do bairro de Puraquequara, mas de toda região Amazônica. A Amazônia sempre foi alvo de cobiça para as pessoas,

desde o início do ciclo da borracha até 1960, mais de 500.000 nordestinos migraram para a Amazônia, o que representa o maior movimento migratório interno da história brasileira, superado somente pela migração *pau-de-arara* para São Paulo. Caminhando pela história, nos períodos de 60 a 80, surgiu um novo processo migratório, onde mais de dois milhões de paranaenses, gaúchos, goianos, paulista, mineiros, capixabas, nordestinos, saem do planalto central para se integrarem a nova fronteira agrícola, minerária, pecuária, garimpeira e extração de madeira, sendo levados e seduzidos pela mística fortuna e lenda da riqueza fácil nas regiões de Mato Grosso, Tocantins, Maranhão, Rondônia, Acre, sul do Pará e Amazonas. (BENCHIMOL, 2009)

As impressões causadas pela Amazônia, funcionava como uma espécie de terra da fartura, como observado na fala abaixo:

“Aí assim mesmo nós se criamos sem amor, sem carinho, sem... sem nada porque ele trabalhava na balata, né, fazia balata, passava mês por balatal aí no rumo desse lugar aqui. Aí, meu pai pas... ele passava um mês, a gente ficava aí com os avós, avó era muito ruim com a gente, tio, aí nós fomos criados assim. Mas nem por isso... tudo casou-se, ninguém não estudou”. (Quitéria)

Viviam a promessa e ideia de que enriquecimento era possível sendo balateiros<sup>10</sup> ou se utilizando do recurso pecuário, madeireiro, entre outros. A propaganda das “árvores do dinheiro” atraiu milhares de trabalhadores para a região amazônica e, aqueles que já moravam, deixavam suas famílias para encontrar na floresta um meio de sobrevivência, tornando a região amazônica uma esperança de vida melhor.

O bairro de Puraquequara, formado à margem do Rio Amazonas, se tornou um local convidativo para os moradores de outros municípios do Amazonas:

“Eu nasci em Manacapuru e de lá meus pais... meus pais tinham terreno aqui, né, meus avós. Aí a gente veio... vim morar pra cá, aí foi na época que eu conheci meu marido aí casei[...] lá era uma vida muito boa, né, só era... tipo assim, interior, interior mesmo, gostoso mesmo. Só a gente estudava e comia, brincava. Quando eu casei aqui não tinha estrada, não tinha luz elétrica [...] E depois a gente, pra ir pra cidade a gente ia de barco” (Martha)  
 “A minha mãe é do Juruá e veio pra cá com a família dela e o meu pai é... eu não sei nem de onde que ele é, só sei que não é de Manaus ele não” (Bertha)

<sup>10</sup> Os Balateiros eram "homens" e "heróis" que trabalhavam duro na floresta, com alta produtividade e o esbanjamento ao retornarem. Eram caracterizados pelas performances em torno das árvores balateiras e do produto que comercializam. A identidade dos balateiros carregam um tom romântico em um cenário tenso, conflituoso e violento. (SCHERER e OLIVEIRA, 2006)

"com dez anos, ele tava separado da mamãe, ele casou-se com uma moça, mas coitadinha, ela só segurava o cachimbo e o fósforo pra acender o cachimbo. Ela era do Madeira, do Rio Madeira" (Quitéria)

Há no bairro um arranjo social e intercultural que envolve pessoas de outras regiões da Amazônia e de outras regiões do Brasil, constituindo os moradores e novos arranjos familiares. Dessa maneira, há no Puraquequara uma diversidade de feminilidades influenciadas diretamente pelos processos migratórios.

Esse elemento intercultural aponta para o multiculturalismo encontrado na região amazônica, influencia diretamente na construção socioeconômica da família amazonense, na troca diferentes modos de saberes e práticas na produção e subsistência, assim como na reprodução material e cultural de suas vivências.

### **3.8.2 Cultura marcada pela exclusão**

As mulheres que participaram da pesquisa, acompanharam em grande parte, a construção histórica do bairro de Puraquequara, as dificuldades na mudança de comunidade para bairro, as exclusões políticas e estruturais que persistem até o presente momento. É importante contextualizar alguns pontos históricos da comunidade que se transformou em bairro, para que possamos entender o ponto de vista das mulheres frente aos processos de exclusão e as lutas que estas enfrentam diariamente no bairro.

Para Alvanice Silva (2008), apesar de todas as dificuldades, a comunidade e seus moradores viviam em plena harmonia entre si e com o meio ambiente, uma vez que era do meio ambiente que retiravam o sustento familiar.

Elas acompanharam uma mudança física, mas com implicações econômicas e sociais muito fortes, que foi a mudança da terra fértil, chamado de várzea, para a terra firme. Nessa nova configuração de moradia, Roberta Andrade (2013) afirma que a economia da comunidade baseada em práticas de agricultura, passam a partir daquele momento a vislumbrar outros caminhos, como as práticas comerciais e as ocupações próprias do mundo moderno. As mudanças também atingem as relações sociais entre os indivíduos da comunidade. Antes as relações sociais eram afiançadas pela solidariedade e proximidade, apesar das distâncias geográficas das casas na várzea. Agora cedem espaço à preocupação com necessidades individuais ou exclusivas de uma família, perdendo o enlace da comunidade como um todo.

Os impactos dessas mudanças podem ser observados nas falas abaixo:

“O Centro Social que era também, feito em mutirão pela comunidade, pelos pais. A gente era pequeno a gente ajudava carregar uma pedra, um tijolo porque vinha tudo por barco. Entendeu? A igreja foi tudo feito assim. Hoje, hoje você não consegue, hoje tem a modernidade chegou, né? [...] É triste, é triste, a gente preferia como fosse, mas tem que chegar a modernidade, tem que chegar, a gente não vai viver no passado, a gente tem que... o futuro tem que vir. Uma empresa que também é pertinho como aqui na (...), ela não aceita pessoal do Puraquequara porque ela não dá rota, não dá vale transporte, você pra entrar lá você tem que dar um currículo de... duma família lá de fora. Entendeu? Eu acho um preconceito muito grande.”(Bertha)

Há de se pensar sobre o que Bertha chama de “modernidade” e sobre qual lógica estamos pensando sobre o que é bom ou não para designar a mudança dessas famílias para o que chamamos de terra firme. Há de se questionar que talvez a mudança tenha sido para que estas famílias fizessem parte de um contexto e lógica capitalista que ainda não faziam parte, impondo novamente uma lógica que já vimos no nosso processo de colonização e introdução de uma cultura que não era a nossa. A “modernidade” no passo que impõe uma configuração de comunidade, passa a excluir as mesmas que fazem parte, dificultando também o acesso ao trabalho ou outros meios de subsistência dos moradores.

Em virtude dessas mudanças, a comunidade passa a exigir a presença do poder público no processo de urbanização da comunidade, em aparatos básicos como luz, água, saneamento, estrada, ou seja, um aparato urbano que desse o mínimo de suporte para os moradores. Os moradores que iniciaram o processo de construção de estrada, acesso a luz, meios para que tenham água potável expressam sua participação nas seguintes falas:

“Essa estrada o meu marido ajudou roçar, fazia o pique pra fazer estrada pra sair no Aleixo, né, o meu marido. Hoje em dia todo candidato chega e diz assim, “eu... foi eu que fiz, foi eu que fiz essa estrada”. Mentira!” (Quitéria)

“Com a estrada...quem chegou primeiro aqui na estrada...menino foi a luz. Porque eles abriram o primeiro pique foi pra abrir... colocar os poste”. (Bertha)

Com o primeiro passo dado pela comunidade, o poder Público chegou à comunidade, mas ressalto que as dificuldades perduram até o presente momento. É interessante observar que duas mulheres durante a pesquisa fizeram ações sociais que ainda estão presentes na comunidade. O primeiro em relação ao esporte que incentivou o fortalecimento do futebol na comunidade, assim como o futebol feminino. O segundo em relação a quadilha que surgiu através de uma promessa de melhoria de saúde e com o crescimento, se tornou tradição na comunidade. Mas está presente um aspecto

importante para ser observado sobre a atuação do poder público nesses aspectos culturais:

“nesses festivais nós vai, ainda não conseguimos ir pra Bola, porque é muita frescura. É muita burocracia e nós não temos condição, porque precisa de... de títulos pra apresentar, apresentar título e tá numa liga. Aí nós conseguimos se cadastrar em uma liga, a Liga do Folclore Independente, só que eles, a prefeitura, não deram apoio nenhum, eles queriam que a gente se cadastrasse, aí se a gente passasse a gente pagava, ficava pagando com a verba, né, pra eles”. (Bertha)

Além de burocratizar excessivamente a participação das danças, não incentivam e ainda cobram um valor para que eles se apresentem. Essa questão é muito mais complexa e estrutural. Essa implicação de verba para que façam parte de um festival folclórico está diretamente ligada a uma hierarquia econômica, de divisão de classes sociais, o que caracteriza algo mais preocupante, a divisão social do acesso à diversão e ao entretenimento, já que cada vez mais o dinheiro está vinculado ao consumo.

A segregação dos espaços de atuação são consequências de uma desigualdade socioeconômica e política. É impossível compreender esse aspecto sem recorrer ao contexto socioeconômico em que acontece e as estruturas autoritárias que marcam a sociedade brasileira. Neste sentido, as produções culturais não ocorrem de aquém das relações de poder. São elas que limitam o acesso aos bens materiais e culturais produzidos pela sociedade e na participação coletiva dos espaços públicos. Contudo, envolve um permanente processo de transformação e resistência a estes preceitos, observados na fala de Bertha.

"como aqui é uma comunidade pobre, a gente não tem recursos, a gente não ganha recurso de fora aqui os meninos são... os pais de pescador, né? Aí tem menino... tem mãe que tem dois filho, aí a gente tem que comprar roupa [...] A gente tem que comprar roupa, a gente faz bingo, a gente faz feijoada, a gente faz o que pode pra conseguir dinheiro pra ajudar os pais, mas mesmo assim[...] é melhor eles estarem lá, a gente conversando com eles, a gente brincando, eles dançando do que eles tarem fazendo o que na presta como bebendo cachaça, nas droga. No momento que eles estão com a gente, eles não tão fazendo isso porque a gente tá ali, a gente tá ali a gente reza, a gente conversa, a gente dança como eles dançam, então, eles não tão fazendo que não presta, né? Eu queria poder fazer mais, mas até minhas forças já tão... ((risos)) já tão esgotando entendeu" (Bertha)

Para José Santos (2006) as culturas devem ser consideradas nas suas particularidades, a partir do sentido que aquelas realidades culturais têm para os sujeitos que a vivem, não desconsiderando a relação estabelecidas entre os diferentes grupos,

para que assim, possamos superar preconceitos e estabelecer relações de igualdade nas relações sociais.

No entanto, fizeram o inverso. Desconsideraram totalmente a implicação social e a importância na construção dos sujeitos que fazem parte dos festivais, esquecendo ou negando que há o envolvimento de uma comunidade para que as apresentações, independente de qual seja a manifestação artística, aconteçam. Essa manifestação artística do bairro, não pode ser considerado como uma simples dança, mas sim como constructos históricos de formas de subsistência, envolvendo uma organização da vida social, política, nas suas relações com outros grupos e nas produções de conhecimentos no bairro de Puraquequara.

### 3.8.3 Construção Intercultural das Feminilidades

A presença intercultural é muito marcante na vida das mulheres da pesquisa, que contribuíram na construção das feminilidades me permitindo chegar ao que chamo de “Atravessamentos Empoderadores”.

As mulheres da entrevista durante as suas vivências, passaram por diversos eventos, relações sociais, profissionais, conjugais, sendo alguns bons, outros ruins, mas que no final tecem uma rede firme que as empoderaram e ainda as empoderam construindo as suas feminilidades. Ressalto aqui dentro dos elementos interculturais encontrados, que os pais de quatro das cinco entrevistadas, eram de outros estados brasileiros, mas com uma forte presença do Nordeste.

"meu avô, pai da mamãe que é ... eh... o pai da mamãe, ele não é daqui de Manaus não [...] É da região do Nordeste, mas era um estado num lembro qual, mas ficava perto do Pará. Ah, o meu bisavô por parte de pai que era... ele era português, ele casou com uma mulher bem negrinha, aí ficou aquela mistura de raça. Ele branco dos olhos azuis e a minha bisavó negra. Aí saiu as misturas...e a minha bisavó era negra" (Elza)

"Meu pai era um cearense daquele da gema mesmo, namorou casou, ele era muito rígido meu pai, a nossa... a nossa criação foi... não é como no tempo de hoje que os filho não obedecem. Nós não, bastava mamãe nos olhar nós já entendíamos, já obedecíamos"(Zilda)

Há uma grande presença do Nordeste na região do Amazonas e, nas mulheres pesquisadas no bairro, três tinham pais nordestinos ou maridos que eram do Nordeste. De acordo com Pedro Martinello (1985), através de sua pesquisa sobre o período da

exploração da borracha, aponta uma estatística por meio da Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (Caeta), onde estima-se que de 1900 até 1941, a Amazônia recebeu mais de 150.000 cearenses, paraibanos, pernambucanos, rio-grandenses-do-norte e baianos.

Esse é um elemento intercultural encontrado na pesquisa. Outro aspecto se dá pelas relações sociais no âmbito familiar, conjugal e pelas ações sociais que as mulheres estavam inseridas, que contribuíram para a construção de suas feminilidades.

"Meu pai...se eu sei hoje assinar meu nome foi ele que ensinou, se eu sei fazer comida, se eu sei lavar uma roupa, ele ensinava a gente lavar roupa. Ele ensinava, ensinava como era que a gente... reparava como a roupa ainda tava suja, que naquele tempo era tudo à mão, né? Sabão de pedra. E assim nós fomos criada com essa dificuldade toda" (Quitéria)

"Quando eu me senti assim sozinha, senti a necessidade de ter alguém pra me ajudar, aí eu formei uma liga, uma liga das torcedoras, dez mulheres, Aí nós demos um show de bola [...] Era a liga das torcedoras[...]Eu convidei, no caso eu convidei várias mulheres, várias mulheres, eu fiz uma reunião e aí propôs né isso aí, né, que a gente precisava de todo mundo... o time tava crescendo, a gente precisava movimentar, a gente precisava fazer isso, precisava fazer isso, "você topa? (S.4)

Mas cabe ressaltar que os atravessamentos não dizem respeito somente aos aspectos culturais, mas as relações e interações com outros sujeitos, podendo ser algo positivo ou negativo, mas que com o poder de agência, elas conseguiram transpor e se empoderar com a circunstância. O aspecto intercultural muito importante, já que todas as pessoas que passaram por suas vidas, deixaram marcas na construção das feminilidades, tanto os pais, avós, amigos, maridos, filhos, cultura local, entre outros.

Essas marcas chamo aqui de atravessamentos empoderadores, que são elementos que compõem suas feminilidades e funciona como um recurso estratégico para o enfrentamento dos desafios impostos pela vida ou aspectos que desafiem a sua liberdade ou autonomia. Todos os sujeitos que passaram em suas vidas, contribuíram para a construção de suas feminilidades mais autônomas, mais libertas, mais fortes, mais vivas, potencializando seus modos de agência, fortalecendo as suas tomadas de decisão. Todos os atravessamentos construíram mulheres mais empoderadas capazes de subverter ou lutar contra as situações de subjugação.

### 3.8.4 Influência das Missões Católicas

Um elemento intercultural muito importante na construção dos modos de pensar, agir e na própria construção subjetiva das mulheres, foram as influências católicas, por meio da Irmã Gabrielle. Em 1971, diante das missões católicas, a freira belga chamada Irmã Gabrielle Gorgel, enviada pelo Convento Marquês de Santa Cruz no bairro de São Raimundo, iniciou o trabalho de transferência das famílias que moravam na várzea, para terra firme.

Naquele período o bairro já carecia de acessibilidade, de estrada, de luz, de escola, de posto de saúde, entre outros meios básicos de subsistência, assim, dificultando a todos que quisessem visitar familiares, conhecer o bairro, se mudar ou tentar algum meio para se sustentar. Embora apresentasse tais carências, o forte recurso pesqueiro, era uma grande atração para as famílias, assim como a terra da várzea – considerada a melhor terra para plantação.

Com isto, uma nova configuração de relação com o meio ambiente foi criada, pois a terra firme não apresentava mais as dificuldades de morar na área de várzea, assim, os moradores passavam o dia trabalhando na várzea com suas plantações e no período da noite iam para suas casas. Somente em 1974 esse período de transição acabou, todas as famílias já haviam se mudado para a terra firme. (SILVA, 2008)

A chegada das Freiras na Comunidade de Puraquequara, ajudou na construção e na transformação da comunidade para bairro, envolvendo todos os moradores nessa reconstrução.

"Aí chegou as freira no Puraquequara, aí elas foram vendo a situação do pessoal...A que levantou Puraquequara, ela era da Bélgica...Naquele tempo, uma freira aqui no Puraquequara, era uma coisa do outro mundo, porque era a pessoa mais... quando chegava uma freira aqui, aí todo mundo deixava os que fazer tudo, ia ver a... conversar com a freira, né. Então assim os anos foram passando e ela foi tomando conta do Puraquequara e levantou o Puraquequara. Essa luz foi ela, por intermédio do governo do Gilberto[...] quando a freira chegou, parecia uma coisa de outro mundo, né? Era como o Presidente da República chegar aqui no Puraquequara hoje em dia."  
(Quitéria)

"ela conseguiu o material, mas quem trabalhava era a comunidade, tudo em mutirão, porque a comunidade era pequena e era unida, né? Era unida, todo mundo trabalhava ali unido mesmo. O Centro Social que era também, feito em mutirão pela comunidade, pelos pais. A gente era pequeno a gente ajudava carregar uma pedra, um tijolo porque vinha tudo por barco"  
(Bertha)

O trabalho missionário, desempenhado pela Irmã Gabrielle, ainda é a reverberação do período de colonização do estado brasileiro. Para José Oliveira e

Augusto Freire (2006) esse processo tinha como essência, naquele período, atrair a atenção do índio ensinando novas técnicas para agricultura, uso de roupas e medicamentos para estimular a relação com o branco. Tinham também como propósito catequizar os índios e ensinar a doutrina cristã. Os trabalhos eram dirigidos para os aldeamentos localizados em lugares remotos ou para regiões onde houvesse “índios errantes”. Ao missionário, como pároco do aldeamento, tinha a função de controlar dados demográficos sobre tal população.

Apesar de não haver em 1971 mais indígenas naquela região segundo relato das moradoras, mas ribeirinhos, as missões católicas foram reconfiguradas através de uma lógica da sociedade branca, onde tinham como novo propósito, tirar os sujeitos que moravam na várzea ou área de vulnerabilidade para a terra firme, como citado nas falas abaixo:

"E era uma vida muito... muito cruel, mas eu venci. Aí, elas foram chegando e foi melhorando, aí o colégio passou pra cá e o pessoal foram... todo mundo tinha terreno [...] Depois a freira jogou a gente pra cá pra terra firme. Jogou não, ela perguntou, conversou com tudo, ichi, aquilo foi uma coisa do outro mundo a gente vir morar na terra firme. A irmã chegando, era como o Presidente da República chegasse aqui com a gente" (Quitéria)

“Pra mamãe era horrível, mas pra mim era bom, quando o rio enchia assim tu é doida de ficar com a água assim encostando na casa e a gente ficava pulando n’água, um dia todinho, um dia todinho, não tinha nada pra fazer só mesmo pular n’água e ficar esperando”. (Elza)

"A irmã Gabriele fez muita coisa conseguiu fazer um posto de saúde que a gente não tinha nada, a gente era abandonado, a irmã conseguiu fazer... trazer médico, no posto de saúde vinha médico. Pra mim minha primeira mãe é Nossa Senhora, depois a minha mãe e depois vem a irmã Gabriele [...]Eu saía com a irmã nesses beiradão, Ribeirinho, saía até Jatuarana, Tabocal, a gente ia com a irmã Gabriele. A gente ia, aí lá a gente ajudava no catecismo, catecismo pra criança, a gente dava bordado, a gente fazia o culto dominical, a gente dava... a irmã ia explicar da palavra, né? Aí a gente ia ajudar no bordado, ia ver como é que era tava as comunidade se tinha gente doente, era assim. A irmã levava as coisinha de remédio a gente saía nas comunidade, ajudava, às vezes ela conseguia... como ela tinha muito conhecimento, ela levava (rancho) pras pessoas, uma vez por mês a gente ia pra cada comunidade, era um dia pra cada comunidade”. (Bertha)

Contudo, novas configurações foram dadas a este aspecto missionário, o qual foi importante para o crescimento da comunidade, retirando as famílias de uma área de vulnerabilidade, assim como intermediou a chegada da luz e da estrada com os órgãos políticos. O aparecimento de Irmã Gabrielle foi um marco intercultural importante na construção subjetiva das mulheres, na construção das feminilidades.

Há de se considerar também o papel dela enquanto mediadora do poder de agência, onde ensinou as mulheres a fazerem toalhas, crochês para venderem quando precisassem de alguma renda, bem como a movimentar a comunidade em relação a ações sociais, na construção de uma Igreja, escola, atuando também como catequizadora e formando alguns moradores também.

No que se refere aos ensinamentos, a irmã ensinou as mulheres a criarem os próprios recursos, que não fosse somente pela agricultura, empoderando-as com mais autonomia. Essa forte influência intercultural ditou alguns caminhos e escolhas das mulheres.

“A irmã me ensinou a fazer costura... aí eu costurava, fazia aquele dinheirinho de minuto, porque as minhas meninas tudo quase... era muita menina, né, então aqueles retalhos que sobrava, que naquele tempo a gente não comprava roupa feita, né, comprava tudo pelas costureiras. Aí eu já emendava, aquilo já fazia calcinha pra uma, emendava dois, três pedaços e já fazia um vestido pra outra, era assim. Aí a gente foi se criando”. (Quitéria)

“Eu aprendi muita coisa com ela, costurar, fazer toalha, monte de coisa [...] Depois de um tempo...aí comecei a vender, aprendi a fazer toalhinha na tábua de... de lã, aprendi a fazer a... bicho de pelúcia, aprendi a fazer, aí a minha irmã saía vendendo na rua, aí pra receber com 15 dias, com um mês” (Bertha)

Esses aspectos interculturais que atravessam as mulheres – ou qualquer sujeito - servem para que tenham um aparato maior de escolhas para poderem usar nos momentos mais desafiadores. Faço aqui uma analogia a um leque, quanto mais pessoas “atravessaram”, situações ou mediadores de agência, mais possibilidades de escolhas frente as dificuldades elas tiveram.

Os elementos interculturais sobre as missões católicas fazem parte da construção das feminilidades das mulheres da pesquisa, o qual irei apresentar mais à frente na dissertação. Mas é importante colocar que são elementos culturais diferentes, de contextos diferentes, que se entrelaçam com o mundo subjetivo das mulheres e na produção de sentido, formando uma nova configuração de significação do mundo que estão inseridas.

### **3.9 Construção dos Sentidos de feminilidade: As Feminilidades**

Os elementos apontados nos capítulos anteriores são partes integrantes que constituem as feminilidades, como o trabalho, a influência das missões católicas, a construção do poder de agência, entre os outros citados anteriormente. Cabe dizer que

as feminilidades que aponto hoje, são aspectos do presente momento, atual configuração histórica, portanto, não são permanentes, são construções e reconstruções. Não há então uma mulher universal.

Essa pluralidade já se tornou um forte debate no campo dos estudos sociais. As mulheres negras, índias, mestiças, pobres, trabalhadoras, reivindicaram uma diferença na categoria “mulher”, ou seja, essa categoria que constitui uma identidade diferenciada de “homem” não é suficiente para explicá-las. Dessa forma, atualmente é substituída pela categoria “mulheres” e, posteriormente em “gênero”. Essa mudança garante que então não apenas as relações entre homens e mulheres, mas, sobretudo as relações entre homens e entre mulheres. É preciso se afastar de um determinismo biológico, algo fixo ou imutável. Assim o gênero se revela como uma categoria de análise, onde o conceito está no constante movimento e serve também como instrumento para o fortalecimento social em sua prática política de mudança do *status* social das mulheres. (PEDRO, 2005; RAGO, 2004)

Partindo do pensamento sobre as diversidades existentes sobre feminilidades, as construções que as mulheres da pesquisa vivenciaram, não poderiam ser diferentes. As construções perpassam diferentes momentos históricos e momentos de vida, utilizando de recursos que fomentaram a sua agência, empoderando-as na construção da feminilidade que desejara.

“Pra mim hoje, pode vir qualquer coisa. E eu não, eu enfrento mesmo, qualquer coisa, eu tenho essa idade, mas eu não tenho medo de trabalho não, se for pra mim vender churrasco eu vendo, se for pra mim lavar roupa dos outro eu lavo”. (Bertha)

"Eu creio que essas mulheres assim, elas têm que olhar no espelho, olhar pra elas e dizer que elas... elas existem, elas são importantes para Deus, importante para família, para os filho, né, elas são importante nessa terra, nesse mundo. Então eu creio assim que elas têm que se levantar, erguer a cabeça e voltar a viver de novo, lutar e ser feliz. Tá entendendo? Ser mulher é ser livre" (Zilda)

As construções dos sentidos de feminilidade foram formadas a partir de suas vivências, relações familiares, relações sociais e dificuldades ou quando elas se vêm interpeladas por algo que nunca escolheram, mas ao passo que descobrem essa feminilidade, descobrem também seu poder de agência e, constroem mais ainda sua feminilidade de modo livre, como observado nas falas abaixo:

“Eu apanhava que só do meu pai e da mamãe, mas eu sou assim, eu sou fanática por futebol, eu assisto... eu prefiro passar assistir uma partida de

futebol do que assistir um filme, uma novela. Boto num futebol aí que eu nem conheço o time, mas eu quero tá assistindo” (Martha)

“eu não tenho inveja nem de homem, só mesmo no (físico) no (físico) eu tenho, mas que eu não tenho pingo de inveja assim de homem, sinceramente. Eu acho assim, que a mulher, ela tem uma personalidade forte, forte mesmo e eu faço a minha agora. Mas eu acho assim, uma mulher uma guerreira, ela enfrenta cada problema na vida e vai embora”. (Elza)

O “tornar-se” nesse ponto aqui passa por uma norma regulamentadora sobre o modo de agir da mulher. Contudo, reforça a crítica em relação aos conceitos deterministas e permite assinalar que longe de ser um resultado de uma natureza, mas sim em normas construídas e regulamentadas pelas sociedades que materializam o sexo dos sujeitos neles inseridos, ao passo que essas normas regulatórias precisam ser repetidas e reiteradas até que seja concretizada.

Seguindo este pensamento, Guaraci Louro (2000, p.93) coloca que “essas normas regulatórias do sexo têm, portanto, um caráter performativo, isto é, têm um poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas dos gêneros na ótica heterossexual, ou seja, produzem e reproduzem a identidade e a diferença”.

Ao transporem essa barreira normalizadora, produzem novos significados e modos de agir frente a situações que já vivenciaram:

“Nós sempre tivemos pouco, mas naquela época as coisa era mais difícil, as meninas queriam brincar, mas não tinha televisão. Mas se não tinha televisão, eu não tinha televisão, né, aí elas iam jogar bola.” (Quitéria)

“Eu me lembro, eu trabalhei muito com roça com o meu pai. E eu ajudava ele... por mais que ele não deixava, mas eu ajudava ele ir... e com carvão que ele trabalhava também, né”. (Bertha)

Esse novo caminho ditado pelas mulheres, tiveram passagens de outros personagens que lhes ajudaram a construir a própria feminilidade. Recorro aos pensamentos de Judith Butler (2009) sobre esses aspectos, a qual coloca que a nossa construção é sempre na perspectiva de um Outro, sendo que quando o sujeito dá conta de si diante do outro, seu relato é oriundo de uma estrutura de interpelação, do modo como este sujeito é apreendido pelo outro. Isso se deve não somente pelo fato da linguagem pertencer primeiro ao outro durante o nosso desenvolvimento, aonde vamos adquirindo por meio de um complicado jogo de imitação, mas também pelo fato de que a própria possibilidade de agência linguística se origina na situação em que um se vê interpelado por uma linguagem que nunca escolheu.

Os elementos apontados formam os sentidos de feminilidade das participantes da pesquisa, os quais são constantemente significados e resignificados mediante os desdobramentos de suas vidas. Não há como apontar um único caminho para a construção das feminilidades ou um único sentido. É impossível colocar de modo “coerente” ou “consistente” os sentidos de feminilidades por elas produzidos.

O “tornar-se” é muito mais complexo e abrangente, que envolve uma gama de fatores históricos, sociais, culturais, políticos, econômicos, estabelece também interseções de classe, etnia, religiosa, sexual, não podendo ser reduzida a uma única leitura, de tal modo que é sujeita à mudança de acordo com a atual estrutura social. Com isto, a feminilidade deve ser pensada como movimento e constante transformação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Não quero ser célebre nem grande.  
Quero avançar, mudar, abrir meu espírito e meus olhos  
recusar ser rotulada e estereotipada.  
O que conta é liberar-se por mim mesma, descobrir suas  
próprias dimensões, recusar os entraves”*

(Virgínia Woolf)

A presente dissertação buscou trazer reflexões sobre os estudos de gênero, especificamente as feminilidades dentro do cenário amazonense, suas implicações culturais e as construções e reconstruções interculturais. Dessa maneira, tive como objetivo contribuir para a discussão das relações de gênero no âmbito do Amazonas, já que vivemos em uma região de intensa pluralidade tanto dos sujeitos que fazem parte quanto da própria constituição história e cultural do Estado.

Diante disso, foi importante perceber que a construção de sentidos sobre feminilidade envolve um processo complexo e atemporal. São reconstruções constantes e sociais. Tais configurações caracterizam-se como complexas por contemplarem a dinamicidade entre os aspectos sociais, culturais, políticos e históricos que constituem as mulheres e, que elas ativamente, constituem também. Parto do pensamento que as feminilidades são resultados de relações. Essa categoria feminilidade posso colocar também aqui como uma categoria política e cultural.

Coloco nessas duas categorias, pois as mulheres vivenciaram e vivenciam diversos mecanismos machistas, de invisibilização, onde homens apropriaram-se do mundo social e às mulheres o reconhecimento de seres sexuais, onde o "masculino" goza de liberdade e o "feminino" não. Com isto, a pesquisa carrega esse intuito de fomentar essas discussões sobre as construções culturais dos sujeitos, seus enlaced interculturais, entendendo cada sujeito, como sujeito único, dotado de potencialidades e agências.

Seguindo este pensamento, ao passo em que ainda vivenciam circunstâncias sociais marcadas pela ideologia patriarcal, as mulheres se implicam também cada vez mais em posicionamentos políticos na busca por autonomia através de estratégias

emancipatórias como o trabalho, o recurso religioso, o esporte, o casamento, que iam potencializando na medida em que ocorriam as situações. Nesta acepção, os sentidos de feminilidades são construídos para compreender uma realidade que é permeada pelos conhecimentos e aprendizados socialmente produzidos e acumulados ao longo de sua vivência. Sendo estes compartilhados, construídos e reconstruídos por elas por meio das relações.

Gostaria de ressaltar um núcleo encontrado na pesquisa que foi o Poder de Agência. Esse elemento compôs direta ou indiretamente todos os núcleos de significação, sendo importante para a construção da feminilidade de modo que elas fossem protagonistas das próprias escolhas. O Poder de agência possibilitou a ruptura da historicidade das diferenças dos sexos, suas naturalizações, inclusive suas construções culturais, como no tópico "Casamento como estratégia de enfrentamento". Com o casamento, não há um encerramento de suas produções ou de sua feminilidade, ao contrário, despertou novas possibilidades de agência frente a esse evento. Possibilitou que elas enxergassem nesse item – casamento – uma possibilidade de enfrentamento das condições sociais, da ausência do Estado, da precariedade, entre outros elementos.

Um ponto a ser considerado no presente trabalho diz respeito ao objetivo geral da pesquisa que se refere a compreender os sentidos de feminilidade das moradoras e perceber como as influências interculturais na construção dos sentidos. Desta maneira, tal objetivo não foi respondido integralmente, contudo, há de considerar a dificuldade temporal para a realização da pesquisa. Isto não permitiu um aprofundamento na análise, já que exigiria um tempo maior na comunidade, assim como mais tempo para realização das entrevistas.

Na pesquisa, encontrei mulheres que quiseram somente casar, que quiseram casar e estudar, que quiseram cuidar somente dos filhos, que quiseram ajudar a comunidade através de ações sociais, que quiseram garantir proporcionar um estudo para os filhos, a fim de garantir um futuro melhor para eles, e que quiseram concomitantemente todas essas instâncias. Essas são produções de um contexto histórico constituído por diversas gerações de mulheres que construíram frentes de luta, sendo mediadoras para o despertar de novos poderes de agência e de empoderamento, que se sacrificaram para terem autonomia. Este aspecto não pode em nenhuma hipótese ser desconsiderado, uma vez que representa uma luta que as mulheres vêm travando em seu processo histórico para uma relação de equidade de gênero em diversos âmbitos, em todas as instâncias dos direitos.

Busquei trazer na dissertação as diversidades de sentidos de feminilidades, eliminando os mitos generalizadores do que é ser mulher, mas sim mulheres, sim feminilidades. Conclui-se então, que as mulheres não se encerram, se reconfiguram ao passo que a sua história avança, ao passo que se insere em uma cultura, ao passo que decide escolher qual feminilidade deseja ser.

Ao tratar sobre as feminilidades no contexto Amazônico, foi importante observar a diversidade cultural, as quais foram construídas ao longo de suas histórias, nas construções de formas de subsistência, na organização política e social, nas relações entre os sujeitos, entre os grupos, na produção de conhecimentos, produções econômicas, entre outros. Deste modo, não há como pensar que as produções culturais ocorrem fora das relações de poder, ao contrário, elas são constituídas e marcadas fortemente por eles.

Envolve um processo de reestruturação, de luta, de resistência. Dentro desse contexto, surgem as desigualdades sociais, a discriminação, a segregação ao acesso aos bens materiais e culturais produzidos pela própria sociedade, assim como a invisibilização na gestão coletiva dos espaços públicos. Toda essa configuração, não foi diferente com o bairro Puraquequara.

A ausência do poder Público é evidente ao caminhar pelo bairro, ainda mais por se situar à margem da cidade de Manaus. Essa ausência é preocupante, mas ao mesmo tempo em que preocupa, movimenta os moradores do bairro naquilo que mais lhe caracterizam, o trabalho em comunidade. Ao se falar sobre comunidade e política, surge a Associação de Moradores de Puraquequara, os quais trabalham para comunidade com ajuda da comunidade, sem auxílio do município. Trabalham com as próprias mãos, fazem suas articulações políticas e, no que está ao alcance da Associação, ajuda os moradores.

Ao pensar sobre o percurso metodológico deste trabalho, encontrei algumas dificuldades. A primeira se refere ao Comitê de Ética. Há uma burocratização intensa sobre os trabalhos submetidos ao comitê, onde passei dois meses para obter uma resposta de alteração e mais dois meses para receber o parecer de aprovação. Isto, além de inviabilizar a realização do trabalho, prejudica o cumprimento dos prazos do programa de pós-graduação. Neste sentido, o trabalho careceu de mais tempo para as análises dos dados apresentados pelas participantes da pesquisa. Com isto, cabe ressaltar aqui uma crítica sobre o tempo de dois anos para a realização do mestrado, que é um tempo curto para construção de uma dissertação de mestrado.

Embora o trabalho carecesse de tempo, os elementos encontrados na pesquisa que não puderam ser contemplados, irão compor futuros artigos e trabalhos científicos que ajudarão a fomentar as discussões sobre as relações de gênero, sobre feminilidades no contexto amazônico, bem como os processos culturais e interculturais singulares na constituição dos sujeitos da região amazônica.

Outro ponto de dificuldade encontrado no percurso metodológico foi a falta, mesmo que inicial, de investimento financeiro nos alunos aprovados no mestrado. Os alunos que necessitavam de bolsa passaram oito meses sem receber, inviabilizando locais de pesquisa, mudando os campos e a estrutura dos projetos. Cabe ressaltar que tal prejuízo não se refere somente aos alunos, mas também aos professores orientadores que se vêm na condição de mudar o campo de pesquisa e deixando um local promissor devido à falta de verba. Mas isso, é muito mais estrutural e não é exclusividade do programa de pós, é a falta de investimento na educação, na pesquisa e na extensão no Estado do Amazonas e nos interiores.

Há uma imensa dificuldade em realização de pesquisa nos interiores do Amazonas. Desta feita, é necessário colocar a importância de produções acadêmicas sobre os municípios do Estado do Amazonas, além de Manaus, pesquisas que contemplem os sujeitos e suas realidades e produções culturais, históricas, sociais, entre outras nos interiores do Amazonas. Há uma riqueza etnográfica dos municípios do Amazonas e, em contrapartida, uma carência de estudos do campo da Psicologia sobre as relações de gênero, assim, é fundamental o investimento para a viabilização dos estudos, tendo em vista a dificuldade de acesso, sendo mais comum o acesso por transporte fluvial e também a construção de campos de discussão dentro das faculdades que discutam tais particularidades do contexto multicultural do Amazonas.

A importância de se discutir esse tema no Estado do Amazonas em sua capital e interior, é principalmente para construção de políticas públicas contextualizadas que saibam a realidade que se encontram tais mulheres e também para questionar as políticas públicas criadas para as mulheres e sua real efetivação. Para garantir seus direitos, para o enfrentamento de todas as maneiras de violência contra as mulheres, para garantia de saúde e participação efetiva das mulheres nos espaços de poder e decisão.

Dessa maneira, enfatiza-se a importância de produções acadêmicas, científicas, fórum de debates, grupos de trabalho, para fomentar as discussões sobre as diversidades culturais, de gênero, da própria constituição do povo amazonense para que possamos

dar um passo a mais nas lutas pela equidade, pela ampliação dos debates sobre a construção de gênero, pelo direito e pela vivência que a mulher e o homem desejam escolher.

Por fim, entende-se que muito já se avançou nos campos de discussão sobre gênero, no entanto, é necessário continuar refletindo dentro do campo da psicologia sobre os processos que ainda sustentam o patriarcalismo, machismo, entre outros aspectos sexistas que se reconfiguram a todo o momento e que impõem um único modo de relação, de relações e de vivência de feminilidade.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. **Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos**. Psicologia: ciência e profissão. Brasília, v. 26, n. 2. 2006.
- ANDRADE, R. F. C. de. **Ribeirinhos Urbanos: Vida e Modos de Vida no Puraquequara**. Manaus: Edua, 2013.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BORBA, A. F.; GODINHO, N. **Mulher e Política**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.
- BARRETO, C. S. **História das relações de gênero**. In: MORGA, A. E.; BARRETO, C. M. Gênero, Sociabilidade e afetividade. Itajaí: Casa aberta, 2009.
- BARROSO, C. **Mulher, Sociedade e Estado no Brasil**. Editora brasiliense, 1982.
- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- COSTA, A. B. **Estudo de famílias deslocadas na cidade de Maputo: Análise das relações e comportamentos sócio-econômicos**. Dissertação de Mestrado, Lisboa, Instituto Superior das Ciências do Trabalho e Empresas (ISCTE), 1995. Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7024.pdf>> - Acesso em: 22 de Set. 2016.
- CUNHA, M. C. **História dos índios no Brasil**. - São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 2012.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- DIEGUES, A. C; ARRUDA, R. S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Clifford Gertz, 1926 - 1.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- FINO, C. N. **Vygotsky e a zona de desenvolvimento proximal (ZPD): três implicações pedagógicas**. Revista Portuguesa de Educação, Vol 14 (2), 2001.
- FRAXE, T. J. S.; SILVA, S. C. P.; MIGUEZ, S. F.; WITKOSKI, A. C.; CASTRO, A. P. **Os povos amazônicos – identidades e práticas culturais**. In: PEREIRA, H. S. et al. (2009). Pesquisa interdisciplinar em ciências do meio ambiente. Manaus: EDUA, 2009.

FRIEDMANN, J. **Empowerment** – uma política de desenvolvimento alternativo. Oeiras: Celta, 1996.

FUJIHARA, A. M. **Composição Social da Amazônia: Um misto de Povos e Culturas.** Revista Educação, Cultura e Meio ambiente. Vol. IX – Nº30 – Maio, 2005.

GUZMÁN, V. **A equidade de gênero como tema de debate e de políticas públicas** In: FARIA, N.; SILVEIRA, M. L; NOBRE, M. Gênero nas políticas públicas: impasses, desafios e perspectivas para a ação feminista. São Paulo: SOF, 2000.

IBGE. **Instituto Brasileiro de geografia e estatística. Crescimento populacional 1970-2010.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=am>> – Acesso em 30 de Set. 2015.

JOBIM E SOUZA, S. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin.** 6ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

LARAIA, R. B., 1932. **Cultura: Um conceito antropológico.** 24ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LORIO, C. **Algumas considerações sobre estratégias de empoderamento e de direitos.** Capít. Empoderamento e direitos no combate à pobreza. Rio de Janeiro: Action Aid Brasil, 2002. p. 21-44.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 182p. 1997.

LUCCI, M. A. **A Proposta de Vygotsky: A Psicologia Sócio Histórica.** Profesorado. Revista de currículum y formación del profesorado, Universidad de Granada, Espanha, v. 10, n.o 2, 2006. Disponível em: < <http://www.ugr.es/~recfpro/Rev102.html>>. Acesso em 03 de Set. 2015.

LURIA, A. R. **Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos sociais e culturais.** São Paulo: Ícone, 1990.

\_\_\_\_\_, A.R. **Pensamento e linguagem** — as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MACHADO, L. Z. **Masculinidades e Violências: Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea.** Brasília: Série Antropologia, 290. UnB, 2001.

MARTINELLO, P. A **‘Batalha da Borracha’ na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o Vale Amazônico.** São Paulo: Universidade Federal do Acre, 1985.

MARTINS, L. M.; RABATINI, V. G. **A concepção de cultura em Vigotski: contribuições para a educação escolar.** Rev. psicol. polít. [online]. vol.11, n.22, ISSN 1519-549X, 2011. pp. 345-358.

MELTZER, A. H.; RICHARD, S. F. "**A Rational Theory of the Size of Government**". Journal of Political Economy, October, 1981.

MONTEIRO, L. G. M. **Objetividade x subjetividade**: da crítica à Psicologia à Psicologia Crítica. In: LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. B. (orgs.). *Novas veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense-Educ, 1995.

NOGUEIRA, C. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero**: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social. Ed.: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 2001.

OLIVEIRA, J. P.; FREIRE, C. A. R. F. **A Presença Indígena na Formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

OLIVEIRA, M. C. F. A. **O casamento e as estratégias de sobrevivência da família operária na agricultura paulista**. Revista Brasileira de estudos de população, Campinas. V.2, 1985.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

ORTNER, S. **Poder e Projeto**: Reflexões sobre agência e uma atualização da Teoria da Prática. In: GROSSI, M. ECKERT, C; FRY, P. Conferências e diálogos: Saberes e práticas antropológicas. Brasília: ABA; Blumenau: Nova Letra, 2007.

PASSOS, E. S. **As políticas e os saberes**: a construção do gênero nas universidades do Norte e do Nordeste e as repercussões nos campos social e político. In: FERREIRA, M. ALVARES, M. L. M.; SANTOS, E. F. Os saberes e os poderes das mulheres: a construção do gênero. São Luis; Edufma/Redor, 2001.

PEREIRA, P. P. G. Violência, gênero e cotidiano: O trabalho de Veena Das. **Cadernos Pagu** (35). Julho-Dezembro, 2010. p. 357-369.

PINHEIRO, M. J. S. ; TORRES, Iraildes Caldas . Gênero e Feminismo: fórum permanente das mulheres de Manaus na perspectiva da auto organização. In: **III Encontro de Estudo sobre Mulheres da Floresta: gênero, etnicidade e deslocamento na Amazônia**, 2012. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, v. 3. 2012. p. 255-259.

PERROT, M. **História da vida privada**. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REGO, T. C. **Vigotsky**: Uma perspectiva histórico-cultural da educação. / Teresa Cristina Rego. - (Educação e Conhecimento) Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. - São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROGOFF, B. & CHAVAJAY, P. **What's become of research on the cultural basis of cognitive development.** American Psychologist, 1995.

ROMANELLI, N. **Aspectos epistemológicos da teoria de Vigotski e a prática em psicologia escolar.** São Paulo, 2003 – Instituto de Psicologia – IPUSP. Disponível em: <<https://uspdigital.usp.br>> . Acesso em 26 de Set. 2016.

ROMMETVEIT, R. **Outlines of dialogically based social-cognitive approach to human cognition and communication.** In A. H. Wold (Ed.). The dialogical alternative: Towards a theory of language and mind. Oslo: Scandinavian University Press, 1992. p. 36.

ROSALDO, M. **A Mulher, a cultura e a Sociedade:** uma revisão teórica. In: \_\_\_\_\_ e LAMPHER, Louise (org). A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979. p. 116-117.

\_\_\_\_\_, M. **O uso e o abuso da antropologia:** reflexões sobre o feminismo e o entendimento inter-cultural. Horizontes Antropológicos, ano 1, n.1. 1995

ROUDINESCO, E. **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SOUZA, M. **Breve História da Amazônia.** – 2.ed., revista e ampliada. – Rio de Janeiro: Agir, 2001.

SCOTT, J. W. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

\_\_\_\_\_, J. W. **Igualdade versus diferença:** os usos da teoria pós-estruturalista. In. Debate Feminista - Cidadania e Feminismo, nº especial, (edição especial em português). 2000.

SAMARA, E. M.. **Gênero em debate:** trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.

SANTOS, J. L., 1949. **O que é cultura.** 12a reimpressão da 16a edição (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, A. S. **Puraquequara** – Uma herança ameaçada. Manaus: Edições Muiraquitã, 2008.

SILVA, D.; HERNÁNDEZ, JG; SILVA, DA; UZIEL, AP. **Feminilidades:** corpos e sexualidades em debate. EdUERJ, Rio de Janeiro, 2013.

STEARNS, P. N. **História das Relações de gênero** / Peter N. Stearns ; (Tradução Mirna Pinsk). – São Paulo: Contexto, 2007.

TORRES, I. C. **A Formação Social da Amazônia sob a Perspectiva de Gênero.** In: Renato Athias e Nelson Matos de Noronha. (Org.). Ciência e Saberes na Amazônia: indivíduos, etnias e gênero- Políticas de Formação. Pesquisa e Difusão do

Conhecimento. 1ed. Recife: Editora da Universidade Federal de Recife, v. 1, 2008. p. 169-185.

TRINDADE, JR., S. C. C.; TAVARES, M. G. C (ORGS). **Cidades Ribeirinhas na Amazônia: Mudanças e Permanência**. Belém: EDUFPA, 2008.

VARNHAGEN, F. A. **História geral do Brasil**. 9a ed. São Paulo: Melhoramentos, 3 vols, 5 tomos, 1978.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5.ed. São Paulo (Brasil): Martins Fontes, 1996.

WERTSCH, J. V.; DEL RÍO, P.; ALVAREZ, A. **Estudos socioculturais da mente**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

**ANEXOS**

## ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**UFAM**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos a Sra. para participar da pesquisa sob o título “**Um estudo intercultural sobre sentidos de feminilidades no Bairro do Puraquequara/AM**”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Thiago Silva dos Santos e Profa. Dra. Iolete Ribeiro da Silva, cujo objetivo compreender os sentidos de feminilidade das mulheres e analisar como as questões culturais contribuem para a construção do gênero.

Informamos que sua participação é voluntária e poderá ser realizada através do preenchimento de um cabeçalho e pela entrevista sobre as suas vivências. Os riscos que podem ocorrer em relação a você durante a sua participação na pesquisa são as mobilizações de conflitos psicológicos negativos causados pela mobilização emocional durante a entrevista. Contudo, se houver uma mobilização negativa que necessite de apoio, será disponibilizado o Suporte da Equipe de Psicologia do serviço de atendimento psicológico no “Centro de Serviço de Psicologia Aplicada”, na clínica-escola do curso de psicologia da UFAM.

Quanto aos benefícios da pesquisa, este irá proporcionar um momento de expressão de suas histórias de vidas, contribuindo para a fomentação da discussão e o ponto de vista das mulheres sobre a temática. Ressalto que mesmo após o seu consentimento da participação da pesquisa, a Sra. poderá desistir de continuar participando, tendo o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. A Sra. não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Se você aceitar participar da pesquisa, precisamos que você assinie este documento, que está em duas vias, uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Para qualquer outra informação, a Sra poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço (Av. General Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 3000 Campus Universitário, Setor Sul, Bloco X - CEP: 69077-000 - Manaus-AM-Brasil), pelo telefone (92) 3305-4127, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

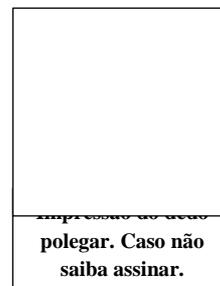
Expressando o meu consentimento sobre as informações acima a mim repassadas, afirmo que estou sendo informada por escrito e verbalmente sobre os objetivos dessa pesquisa e em caso de divulgação, **AUTORIZO** a publicação.

Eu \_\_\_\_\_ idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_  
 Naturalidade: \_\_\_\_\_ Portador(a) do documento RG Nº. \_\_\_\_\_ declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
 Testemunha\*

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do Pesquisador Responsável    Manaus, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016



## ANEXO B - INSTRUMENTO DE PESQUISA

 <b>UFAM</b> <b>Universidade Federal do Amazonas</b>	
<b>Roteiro de entrevista</b>	
<b>I. Dados de Identificação:</b>	
Cód. da Entrevistada: _____ Idade: _____ Estado Civil: _____ Escolaridade: _____ Renda Mensal: _____ Tempo de Residência: _____	Bairro: _____ Religião: _____ Naturalidade: _____ Profissão: _____ Filhos? ( ) Sim ( ) Não Se afirmativo, quantos? _____
<b>II. Roteiro para especificar temas da história de vida</b>	
<b>Enunciado:</b> Conte-me sua história de vida. Fique à vontade para falar sobre os aspectos mais significativos em sua vida.	
Eixos norteadores: <b>Eixo I - Cultura Local</b> Recordações da constituição do bairro Recordações da Infância e Adolescência Aspectos significativos Tempo de residência no local Dificuldades e conflitos Fatos significativos do local Vivências atuais Outras Informações  <b>Eixo II - Aspectos Interculturais</b> Constituição familiar Pessoas importantes Relações sociais Vivências atuais Aprendizados Significativos Estratégias sociais Outras informações  <b>Eixo III - Construção dos Sentidos de Feminilidade</b> Sentidos de Feminilidade Pessoas que a inspiraram Elementos que a constituiu Outras informações	

## ANEXO C - TERMO DE CONCORDÂNCIA ASSINADO



ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO DE PURAQUEQUARA  
 FUNDADA EM: 06/10/1991 CNPJ: 63.694.723/0001-58  
 FILIADA A FEDERAÇÃO AMAZONENSE DAS COMUNIDADES - FAC

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Eu **ELTON DE JESUS CORRÊA SOUZA**, abaixo assinado, Presidente da Associação de Moradores do Bairro de Puraquequara, autorizo a realização do estudo "Um estudo Intercultural sobre sentidos de feminilidades no Bairro de Puraquequara/AM", a ser conduzido pelos pesquisadores abaixo relacionados.

Declaro que fui informado pelo responsável do estudo sobre os objetivos da pesquisa acima. Mediante as informações, tenho ciência que não recebi ou receberei qualquer tipo de pagamento por esta autorização, bem como os participantes também não receberão qualquer tipo de pagamento na unidade citada. As participações das mesmas serão de caráter voluntário, sendo assegurado o sigilo de suas identidades.

Manaus, 13 de julho de 2016.

LISTA NOMINAL DE PESQUISADORES

  
 Thiago Silva dos Santos

  
 Iolete Ribeiro da Silva

  
 Elton de Jesus Corrêa de Souza  
 Presidente da Associação de Moradores  
 Celular 99111-4178 / 994847830 whatsapp